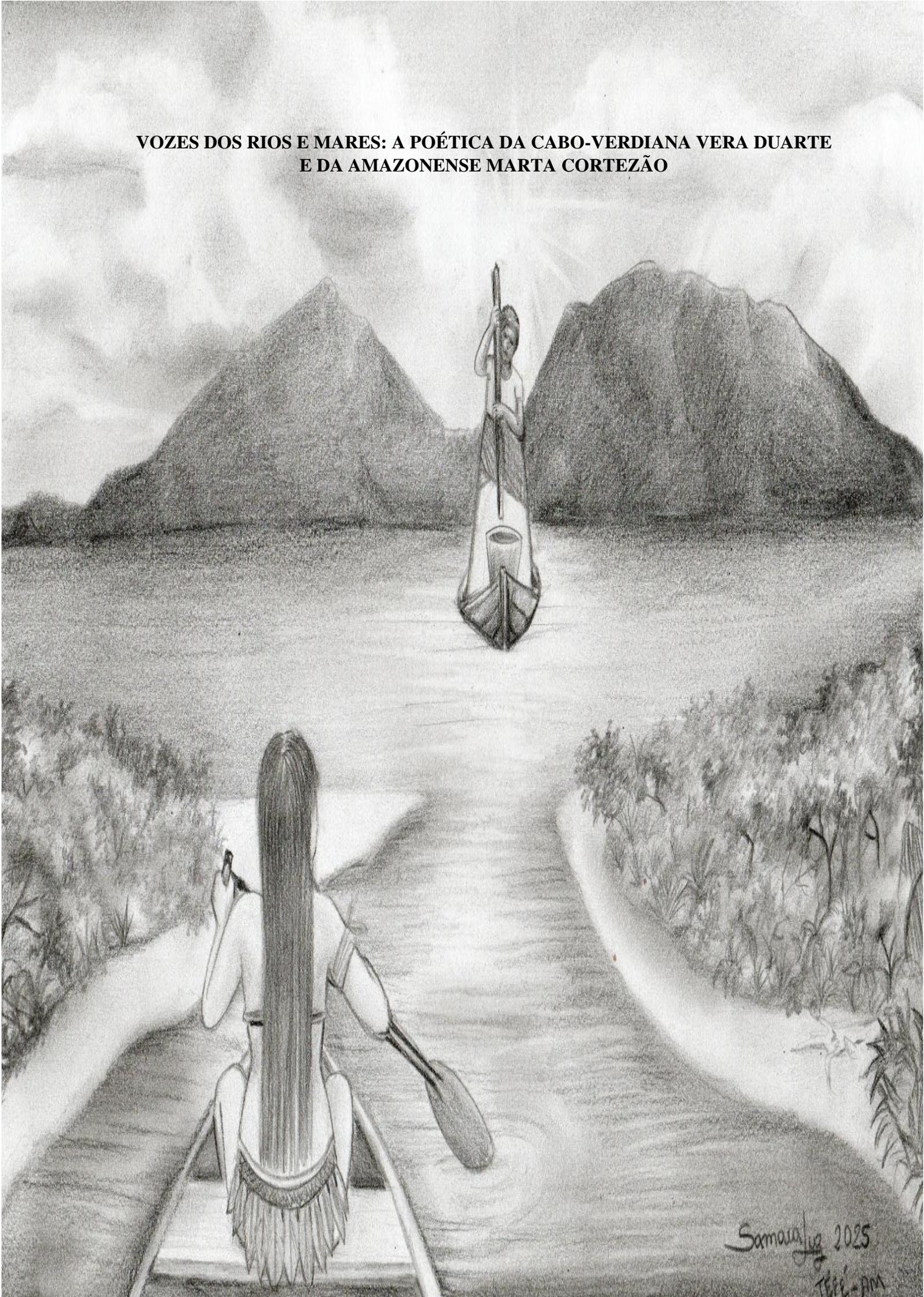


**VOZES DOS RIOS E MARES: A POÉTICA DA CABO-VERDIANA VERA DUARTE
E DA AMAZONENSE MARTA CORTEZÃO**



Samara Luz 2025
TÉ-É-AM



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ - CEST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS – PPGICH

VOZES DOS RIOS E MARES: A POÉTICA DA CABO-VERDIANA VERA DUARTE
E DA AMAZONENSE MARTA CORTEZÃO

TEFÉ
2025

PRISCILA DE OLIVEIRA LEAL DE LIMA

**VOZES DOS RIOS E MARES: A POÉTICA DA CABO-VERDIANA VERA DUARTE
E DA AMAZONENSE MARTA CORTEZÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas PPGICH, da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas.

Orientadora: Profa. Dra. Veronica Prudente Costa.

TEFÉ

2025

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

L732v Lima , Priscila de Oliveira Leal de
Vozes dos rios e mares : a poética da cabo-verdiana Vera Duarte e da amazonense Marta Cortezão / Priscila de Oliveira Leal de Lima .
Manaus : [s.n], 2025.
130 f.: color.; 21,0 cm.

Dissertação - Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas-
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.
Inclui Bibliografia.
Orientador: Costa, Veronica Prudente.

1. Memória. 2. Resistência. 3. Poesia erótica feminina. 4. Vera Duarte. 5. Marta Cortezão. I. Costa, Veronica Prudente (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)168.522(043.3)

**VOZES DOS RIOS E MARES: A POÉTICA DA CABO-VERDIANA VERA DUARTE E DA
AMAZONENSE MARTA CORTEZÃO**

PRISCILA DE OLIVEIRA LEAL DE LIMA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas – PPGICH/UEA, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências Humanas.

Orientadora: Profa. Dra. Veronica Prudente Costa.

Aprovada em: 26 /03/2025

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Veronica Prudente Costa.

Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – Universidade do Estado do Amazonas –
UEA.

Profa. Dra. Cristiane da Silveira

Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – Universidade do Estado do Amazonas –
UEA.

Examinadora interna.

Profa. Dra. Rosidelma Pereira Fraga

Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL - Universidade Federal de Roraima - UFRR

Examinadora externa.

Profa. Dra. Gimima Beatriz Melo da Silva

Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – Universidade do Estado do Amazonas –
UEA.

Suplente interna

Profa. Dra. Cátia Monteiro Wankler

Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL - Universidade Federal de Roraima - UFRR

Suplente externo.

Dedico essa dissertação a todas as mulheres da minha vida, em especial, à minha mãe, Ligia Regina.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, pelo dom da vida e por me sustentar nessa jornada. Sou imensamente grata a Deus, pois, nele, encontro forças para caminhar e prosseguir. Deus, louvo-te, pelas tuas misericórdias que se renovam todas as manhãs na minha vida.

Agradeço, de coração, ao Felipe Ramos, meu esposo e maior incentivador aos estudos e quem me apresentou a obra da escritora Marta Cortezão. Obrigada por me incentivar e estar comigo nessa caminhada.

Agradeço à minha família e à minha mãe, Ligia Regina, que sempre esteve comigo em minhas decisões, sempre orando por mim.

Agradeço à minha orientadora, profa. Veronica Prudente Costa, que esteve comigo na pesquisa e acreditou em mim, além de ser quem me apresentou à escritora Vera Duarte e conseguiu suas obras.

Agradeço às professoras Cristiane da Silveira e à professora e poeta Rosidelma Fraga por aceitarem o convite para fazer parte da minha banca.

Agradeço à pesquisadora Simone Caputo Gomes, pelas obras concedidas, à poeta Marta Cortezão, por trazer a beleza da cultura Tefeense, e à poeta Vera Duarte, por lutar em palavras, numa luta que é, também, de todas nós mulheres, e por me apresentar Cabo Verde.

Agradeço aos meus professores do mestrado e professores da graduação em Letras, em especial, à professora e escritora Núbia Litaiff Moriz Schwamborn.

Agradeço à Universidade do Estado do Amazonas e à Fapeam pelo apoio na pesquisa e a pela bolsa de pós-graduação a mim concedida.

Agradeço ao apoio técnico do PPGICH.

A todos, minha gratidão!

RESUMO

As mulheres escritoras resistem à cultura patriarcal de sua época, vozes que se levantam e se metamorfoseiam em poesias, romances e contos. Lutando e enfrentando obstáculos, a escrita feminina ultrapassou as barreiras e se fez presente. Diante disso, a pesquisa pretende navegar pela poética feminina, analisando alguns poemas da escritora cabo-verdiana Vera Duarte (Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lobo de Pina), presentes nos livros *De Risos & Lágrimas* (2018) e *Amanhã amadrugada* (2023), e os poemas da escritora amazonense Marta Cortezão, nos livros *Banzeiro Manso* (2017) e *Amazonidades: gesta das águas* (2021). O objetivo da pesquisa é analisar de que forma estão expressas, em seus poemas, a memória e a resistência. Os caminhos metodológicos partem de uma pesquisa que tem por natureza a interdisciplinaridade, tendo como ponto de partida, a literatura comparada embasada em Carvalhal (1991, 1997) e o conceito de 'Escrevivência' da pensadora Evaristo (2020). Para fundamentar as análises, a pesquisa ancorou-se em pensadores como Woolf (1991), Saffioti (2015) e Spivak (2010) sobre o patriarcado; em Fanon (1968), Adichie (2019) e Santos (2023) sobre a colonização dos povos; em Gomes (2008, 2019) e Secco (2022) sobre a literatura de autoria feminina cabo-verdiana; em Veiga (1998, 2019) sobre a história e cultura de Cabo Verde; em Santiago (1986) e Loureiro (1995) para embasar a cultura ribeirinha amazônica; em Halbwachs (1990) sobre o conceito de memória; em Deleuze e Guattari (2002) sobre o conceito de "literatura menor" e em Paz (1994) sobre a linguagem erótica dos poemas, entre outros teóricos importantes para o estudo desenvolvido. Ao mergulhar em suas vozes poéticas, as duas escritoras trazem o protagonismo de seus povos e da mulher como sujeito de sua escrita. São histórias e memórias expressas em suas poesias, utilizadas para empoderar e humanizar por meio do resgate dos valores culturais e da dignidade desses povos e suas culturas. Trata-se de ressignificar a literatura ao trazer saberes que foram postos à margem pelo Ocidente, utilizando a literatura como arma de combate a todo e qualquer tipo de discriminação cultural. Assim, surgem vozes poéticas de resistência: mulheres que estão a plantar sementes para as novas gerações.

Palavras-chave: Memória. Resistência. Poesia erótica feminina. Vera Duarte. Marta Cortezão.

ABSTRACT

Women writers resisted the patriarchal culture of their time, their voices rising up and metamorphosing into poetry, novels and short stories. Struggling and facing obstacles, women's writing has overcome barriers and made its presence felt. In view of this, the research aims to navigate female poetics, analyzing some poems by Cape Verdean writer Vera Duarte (Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lobo de Pina), present in the books *De Risos & Lágrimas* (2018) and *Amanhã amadrugada* (2023), and the poems by Amazonian writer Marta Cortezão, in the books *Banzeiro Manso* (2017) and *Amazonidades: gesta das águas* (2021). The aim of the research is to analyze how memory and resistance are expressed in her poems. The methodological paths start from a research that is interdisciplinary in nature, taking as its starting point comparative literature based on Carvalhal (1991, 1997) and the concept of 'Writingsurvival' by the thinker Evaristo (2020). To support the analysis, the research was anchored in thinkers such as Woolf (1991), Saffioti (2015) and Spivak (2010) on patriarchy; in Fanon (1968), Adichie (2019) and Santos (2023) on the colonization of peoples; in Gomes (2008, 2019) and Secco (2022) on Cape Verdean women's literature; in Veiga (1998, 2019) on the history and culture of Cape Verde; in Santiago (1986) and Loureiro (1995) to provide a basis for Amazonian riverside culture; in Halbwachs (1990) on the concept of memory; in Deleuze and Guattari (2002) on the concept of "minor literature" and in Paz (1994) on the erotic language of poems, among other important theorists for this study. By immersing themselves in their poetic voices, the two writers bring out the protagonism of their peoples and of women as subjects of their writing. The stories and memories expressed in their poetry are used to empower and humanize by rescuing the cultural values and dignity of these peoples and their cultures. It's about giving literature a new meaning by bringing back knowledge that has been pushed to the margins by the West, using literature as a weapon to combat any kind of cultural discrimination. Thus, poetic voices of resistance emerge: women who are planting seeds for new generations.

Keywords: Memory. Resistance. Female erotic poetry. Vera Duarte. Marta Cortezão.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da localização geográfica de Brasil e Cabo Verde, p. 53.

Figura 2: Mapa da localização geográfica de Cabo Verde, p. 54.

Figura 3: Mapa do encontro das águas entre o rio Solimões e o rio Negro, p. 71.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: MULHERES QUE ESCREVERAM E ESCREVEM SUAS HISTÓRIAS	18
1.1 Breve introdução ao pioneirismo da escrita feminina no Amazonas e Cabo Verde até a contemporaneidade	18
1.2 Laços ancestrais entre Vera Duarte e Marta Cortezão e as pioneiras Yolanda Morazzo e Violeta Branca.....	28
1.3 Desafios e conquistas da autoria feminina cabo-verdiana e amazonense.....	44
CAPÍTULO 2: MULHERES DAS ÁGUAS, TERRAS E FLORESTAS: VOZES DOS RIOS E MARES	51
2.1 Laços históricos entre Cabo Verde e o Brasil	51
2.2 Uma poética das águas: O mar, a chuva e os rios.....	63
2.3 Memórias e afetos das águas.....	76
2.4 A poética do povo das ilhas e da floresta	86
CAPÍTULO 3: VOZES DE RESISTÊNCIA: A POÉTICA FEMINISTA E ERÓTICA EM VERA DUARTE E MARTA CORTEZÃO	94
3.1 Uma poética feminista território de lutas.....	94
3.2 Corpos em palavras: Amor e erotismo em poesia	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS.....	122

INTRODUÇÃO

As mulheres escritoras resistem à cultura patriarcal da sua época e escrevem vozes que se levantam e se metamorfoseiam em poesias, romances e contos. Lutando e enfrentando obstáculos, a escrita feminina ultrapassou as barreiras e se fez presente, ocupando espaços antes negados e silenciados na história e na Literatura. Ao navegar pela escrita dessas mulheres contemporâneas, podemos rememorar as gerações de mulheres ancestrais, que resistiram ao patriarcado, enfrentaram as desigualdades e escreveram suas histórias. Dessa maneira, faz-se necessária a divulgação dessas vozes femininas, enaltecendo tanto a representatividade de estar resistindo às desigualdades e ao patriarcado, quanto a produção de saberes pela escrita feminina.

Trazer, para o campo da pesquisa, a poesia dessas escritoras é rememorar os traços culturais e ancestrais dos povos africanos e amazônicos: povos que foram colonizados, vozes que não eram vistas como produtoras de conhecimento, assim como a mulher não era vista como intelectual dentro do contexto patriarcal. Diante dessas reflexões, esta pesquisa navega pela poética feminina, isto é, analisamos alguns poemas da escritora cabo-verdiana Vera Duarte (Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lobo de Pina), em seus livros *De Risos & Lágrimas* (2018) e *Amanhã amadrugada*¹ (2023), e os poemas da escritora amazonense Marta Cortezão, em seus livros *Banzeiro Manso* (2017) e *Amazonidades: gesta das águas* (2021). Além disso, o presente estudo objetiva possibilitar encontros em suas vozes poéticas, sem pretender esgotar as possibilidades de análises e interpretações dos poemas, apresentando as escritoras que compõem esse percurso poético de saberes, culturas, memórias e histórias, seguindo a ordem cronológica de publicações, sem desmerecer nenhuma escritora.

A Desembargadora e poeta cabo-verdiana² Vera Duarte (Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lobo de Pina), natural de Mindelo, cidade da Ilha de São Vicente, no Arquipélago de Cabo Verde³; país que possui a língua portuguesa como oficial (herança da colonização), e o crioulo cabo-verdiano, língua muito utilizada na sociedade e fruto do processo de caldeamento realizado em Cabo Verde. A família de Vera Duarte é descendente de judeus que saíram de Portugal e migraram para Cabo Verde.

¹*Amanhã amadrugada* (2008), disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5673353/mod_resource/content/1/DUARTE%2C%20Vera.%20Amanh%C3%A3%20a%20amadrugada_compressed.pdf

²“É assim que a Vera Duarte prefere ser denominada, e não poetisa” (Gomes, 2023, p. 87).

³ Para melhor compreensão sobre o país Cabo Verde, no segundo capítulo será contextualizado historicamente e geograficamente.

Desde muito cedo, a escritora já tinha contato com os livros e leituras. Decidida a ser advogada, aos dezoito anos, foi a Lisboa estudar o curso de Direito. Em Portugal, como ativista de Direitos Humanos, participou de inúmeras manifestações anticoloniais. Retornou a Cabo Verde em 1974 para cooperar na reconstrução do País, sendo a primeira mulher magistrada e a primeira juíza desembargadora de Cabo Verde, cargo que era proibido para as mulheres antes da independência do país, em 1975. Atuou também como Juíza Conselheira do Supremo Tribunal de Justiça, Procuradora da República, Conselheira do Presidente da República e Diretora Geral de Assuntos Judiciários do Ministério da Justiça e Ministra da Educação e Ensino Superior, no qual recebeu do Presidente de Cabo Verde a Medalha da Ordem do Vulcão⁴ (2010).

A escritora contemporânea faz parte da novíssima geração dos escritores cabo-verdianos e tem recebido muitos prêmios, entre eles, o “Norte-Sul de Direitos Humanos do Conselho da Europa” (1995), prêmio “*Prix Tchicaya U Tam’si de Poésie Africaine*” (2001), Medalha de Mérito Cultural (2005), FEMINA (2020). Tem reconhecimento nacional e internacional, pertencendo a organizações como a Academia de Letras em Cabo Verde, a Academia de Ciências em Lisboa/Portugal e, no Brasil, a Academia Gloriense de Letras. A partir de suas obras, têm sido produzidas teses, dissertações, artigos e entrevistas de grupos de estudos no Brasil e exterior.

Suas obras publicadas até 2024 são:

- Em poesia: *Amanhã amadrugada* (1993), com edições em 2008 e 2023, *O arquipélago da paixão* (2001), os poemas em espanhol e francês *Ejercícios poéticos* (2010) e *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança* (2005), além de *De Risos & Lágrimas* (2018), *A reinvenção do mar: antologia poética* (2018), *Naranjas en el mar* (2020), *Urdindo palavras no silêncio dos dias* (2022);
- Em romance: *A candidata* (2003), que recebeu o “Prêmio Sonangol de Literatura”, *A matriarca – uma estória de mestiçagens* (2017) e *A Vénus Crioula* (2021);
- Em crônica: *A palavra e os dias* (2013);
- Em prosa: *Cabo Verde, um roteiro sentimental – viajando pelas ilhas da sodad do sol e da morabeza* (2019), *Contos crepusculares – metamorfoses* (2020), *Desassossegos e acalantos* (2022), o livro infantil *José mãos*

⁴ Link de acesso: <https://www.meer.com/pt/authors/1510-vera-duarte-pina>

limpas e outros contos (2023) e *Blimundo, o boi que mexeu com o universo* (2024);

- Em ensaio: *Construindo a utopia* (2007).

Por sua vez, a escritora Marta Cortezão é natural de Tefé, cidade do interior do estado do Amazonas, onde estudou e viveu grande parte de sua vida. Foi professora da rede pública estadual de Tefé (SEDUC/AM), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA-CEST/TEFÉ), e da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Atualmente, reside em Segóvia, na Espanha, desde 2012.

Marta Cortezão tem realizado vários projetos literários de divulgação e promoção da literatura de autoria feminina no Brasil, como o “Projeto Tertúlia Virtual *On-Line*”⁵ (2020-2021), que são encontros virtuais de escritoras, iniciados na pandemia, com o objetivo de divulgar a literatura contemporânea de autoria feminina. Além disso, a autora é coorganizadora e idealizadora do projeto editorial das coletâneas poéticas do Coletivo Feminista Enluaradas⁶, nascido, também, com o propósito de reunir e divulgar a Literatura de autoria feminina. Ela é administradora do blogue *Feminário Conexões*⁷ junto a várias escritoras e poetisas parceiras, tais como Cris Mesquita, Flávia Ferrari, Rita Alencar Clark, Sandra Godinho. Também é articuladora do Grupo Mulherio das Letras Espanha, colunista da Revista *Literária Voo Livre/SP*⁸, onde publica artigos sobre poesia contemporânea de autoria feminina, colunista da Revista *Ser Mulher e Arte*⁹, coautora em diversas antologias nacionais e internacionais (poesia e prosa), prefaciadora¹⁰ de várias obras literárias da produção contemporânea de autoria feminina no Brasil e no exterior.

Entre as escritoras amazonenses, Marta Cortezão é uma escritora reconhecida e que tem recebido prêmios, como o “APPERJ” (2021) pelo “Projeto Tertúlia Virtual *On-*

⁵As tertúlias virtuais, são encontros on-line com objetivo de promover a literatura, estão disponíveis no Canal Banzeiro Conexões, do *Youtube*, em: <https://www.youtube.com/@banzeiroconexoes763>

⁶ O Coletivo Enluaradas, são coletâneas em e-books digitais disponíveis em: <https://feminarioconexoes.blogspot.com/2021/04/baixar-aqui-o-e-book-coletanea.html>

⁷ Acesso em: <https://feminarioconexoes.blogspot.com/>

⁸ Disponível em: <https://revistavoolivre.com.br/2023/12/08/revista-vo-livre-edicao-41/>

⁹Revista on-line *Ser Mulher e Arte*. Disponível em: <https://www.sermulherarte.com/2020/10/tertulial-virtual-uma-ideia-genial-de.html>

¹⁰Obras prefaciadas por Marta Cortezão: Prefácio: *Meu Corpo, Minhas Memórias, Meu Templo Sagrado*. In: CORTEZÃO, Marta (Org.). **II Tomo das Bruxas: Corpo & Memória**. Curitiba/PR: Editora Eu-i / Selo TAUP, 2024. Prefácio: Ajuri Literário. In: SANTOS, José Benedito dos; OLIVEIRA, Rita do P. S. B.; ANDREATTA, Elaine Pereira; LOURO, Francisca de L. S. (Orgs.). **Múltiplos Olhares sobre a Literatura**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018. Prefácio: A Rosa e o Jardim. In: ROSA, Heliene. **Enquanto as Hortênsias Florescem**. Uberlândia/MG: Editora Subsolo, 2023. Prefácio: A Poesia Viva da Hora Braba. In: BAUMGARTEN, Malu. **A Poesia da Hora Braba**. Porto Alegre/RS: Editora Bestiário / Selo Inventionática, 2023. Prefácio. In: PISAURO, Valéria. **Entre linhas e cordas**. Jundiaí/SP: Telucazu Edições, 2023.

Line” (2020-2021) sobre literatura autoral feminina, o “Prêmio Voo Livre de Literatura *Hours Concours*” (2022), a “Moção de Congratulação & Aplausos” da Câmara Municipal de Tefé (2022) pelo lançamento das obras literárias *Amazonidades: gesta das águas* e *Banzeiro Manso*. A autora também recebeu uma “Menção de Destaque” na antologia poética “Nós” (Selo Off FLIP, 2023), com o poema “Cartografia de silêncios”.

Suas obras são:

- Em poesia: *Banzeiro Manso* (Porto de Lenha Editora, 2017), *Aljavas para Cupido* (versão digital), *meu silêncio lambe tua orelha* (TAUP, 2023), *Imagética do despropósito* (Bestiário/ Invencionática 2024);
- Em trova poética: *Amazonidades: gesta das águas* (Penalux, 2021) e, em segunda edição, (TAUP, 2024).

A autora faz parte das Associações de Escritores e Poetas Pan-Americanos (ABEPPA) e da Associação dos Escritores do Amazonas (ASSEAM). É membro correspondente das seguintes academias: Academia de Letras do Brasil- Amazonas (ALB/AM), Academia Ludovicense de Letras (ALL/MA) e Academia Brasileira de Letras do Amazonas (ABL/AM).

Esta pesquisa se mostrou relevante, pois entrelaça vozes poéticas de diferentes contextos culturais, sociais e históricos. Na história dos povos africanos e indígenas, muitas narrativas foram contadas sobre esses povos e suas culturas. A colonização epistêmica ocidental sujeitou-os como seres incapazes na produção de conhecimento e diferentes saberes não ocidentais foram deixados à margem. Nesse sentido, Quijano (1992) reflete sobre o colonialismo ocidental como uma dominação que separou sujeitos e objetos, tendo como verdade absoluta o conhecimento europeu. Os demais eram vistos como seres irracionais, permanecendo como objetos de conhecimento e dominação, tornando a Europa produtora e centro do conhecimento.

A partir dessa reflexão e questionando essas representações hegemônicas, eurocêntricas, que foram narradas, a problemática da pesquisa parte da necessidade de compreender como as mulheres têm construído sua representatividade na poesia contemporânea produzida. Além disso, como estariam expressos os conceitos de memória, empoderamento e resistência em seus poemas, tendo em vista uma literatura produzida por mulheres de países considerados periféricos, como Brasil e Cabo Verde? O objetivo geral da pesquisa parte da necessidade de analisar de que forma estão expressas, em seus poemas, a memória e a resistência.

Nesse sentido, refletir sobre suas poesias é possibilitar construir pontes entre os sujeitos, cruzando culturas, compartilhando suas memórias, visões de mundo e representações. Desse modo, os objetivos específicos do estudo são: discutir a escrita feminina em Cabo Verde e no Amazonas; mergulhar na temática da água e memória em suas poesias; enveredar por elementos de resistência e o protagonismo da mulher nos poemas selecionados.

Os caminhos metodológicos partem de uma pesquisa que tem, por natureza, a interdisciplinaridade, ao caminhar por diversas áreas do saber, sendo um estudo de caráter bibliográfico e abordagem qualitativa. A pesquisa direciona-se à literatura comparada de língua portuguesa, que, de acordo com Carvalho (1991), “na atuação comparativista, enquanto preserva sua natureza "mediadora", intermediária, característica de um procedimento crítico que se move "entre" dois ou vários elementos, explorando nexos e relações, fixa-se, em definitivo, seu caráter "interdisciplinar” (Carvalho, 1991, p. 10). Assim, a literatura comparada possibilita a mediação e o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento, criando pontes e conexões entre textos sendo sua especificidade a interdisciplinaridade.

A literatura comparada parte de um “caminhar por trilhas diversas do pensamento humano” (Carvalho, 1997 p. 8), possibilitando transitar por narrativas de diferentes contextos culturais, sociais e políticos, permitindo que o “outro” se torne um “eu mesmo” ou somente um “outro”, assim buscando uma compressão do outro (Carvalho, 1997). A literatura comparada abre caminhos para conhecer diferentes mundos literários, possibilitando o diálogo entre os textos suas relações ou divergências, além de permitir transitar por diversos saberes culturais e sociais. Em conformidade, Leyla Perrone Moisés (1990), afirma que:

Qualquer estudo que incida sobre as relações entre duas ou mais literaturas nacionais pertence ao âmbito da literatura comparada. Essas relações podem ser estudadas sob vários enfoques: relações entre obra e obra; entre autor e autor; entre movimento e movimento; análise da fortuna crítica ou da fortuna de tradução de um autor em outro país que não o seu; estudo de um tema ou de uma personagem em várias literaturas etc (Moisés, 1990, p. 91).

Os estudos em literatura comparada abrangem um amplo campo de possibilidades ao relacionar literaturas, permitindo transitar entre diversas maneiras ao analisar e comparar as literaturas. A abordagem da pesquisa será por temáticas que se aproximam em seus poemas, como a temática das águas, seja o mar para os cabo-verdianos ou os rios para o ser amazônico, a temática da memória, a linguagem, o empoderamento da mulher, a resistência, a linguagem feminista e erótica em seus poemas. Essas são algumas

temáticas a serem analisadas nos poemas, sem pretender esgotar as interpretações e leituras deles. Ainda em Moisés (1990),

Estudando relações entre diferentes literaturas nacionais, autores e obras, a literatura comparada não só admite, mas comprova que a literatura se produz num constante diálogo de textos, por retomadas, empréstimos e trocas. A literatura nasce da literatura [...] (Moisés, 1990, p. 94).

Assim, os estudos em literatura comparada possibilitam o diálogo entre outras literaturas, compreendendo a literatura como fenômeno dinâmico, ao permitir trocas entre os saberes. Inicialmente, os primeiros trajetos foram as escolhas das escritoras que me despertaram o interesse: primeiramente conheci a literatura da poeta Marta Cortezão, nascida em Tefé, cidade do interior do Amazonas. Em sua poética, a vida ribeirinha das águas e os cenários amazônicos ganham protagonismo. Desafiando-me a ampliar os mundos literários e construir pontes entre duas escritoras de contextos diferentes, surgiu Vera Duarte, pois, ao ler alguns de seus poemas, despertou-me a atenção para a luta pelos direitos humanos, direitos das mulheres e sua emancipação, bem como a emancipação do ser cabo-verdiano e africano. Na obra *De Risos & Lágrimas* (2018), da qual analisarei alguns poemas, a escritora faz uma homenagem ao Brasil, unindo, em sua poesia, duas nações, Cabo Verde e Brasil, antigas colônias portuguesas.

Os poemas exprimem memórias, vivências e histórias, dialogando com a escritora brasileira Conceição Evaristo (2020), que criou o termo “Escrevivência”:

Pensar a Escrevivência como um fenômeno diaspórico e universal, primeiramente me incita a voltar a uma imagem que está no núcleo do termo. [...]. A imagem fundante do termo é a figura da Mãe Preta, aquela que vivia a sua condição de escravizada dentro da casa-grande. [...]. E havia o momento em que esse corpo escravizado, cerceado em suas vontades, em sua liberdade de calar, silenciar ou gritar, devia estar em estado de obediência para cumprir mais uma tarefa, a de “contar histórias para adormecer os da casa-grande” (Evaristo, 2020, p. 29-30).

Conforme Evaristo, o termo “Escrevivência” pode ser pensado como “fenômeno diaspórico e universal”, uma escrita que permite a conexão entre diferentes saberes culturais e sociais. O termo “Escrevivência” nasce a partir da imagem da mulher negra escravizada que, ao cuidar dos filhos do colonizador, precisava contar histórias para que adormecessem. Através desse corpo escravizado e silenciado que, para sobreviver, precisava obedecer, a pensadora resgata a escrita das vivências, memórias e histórias como forma de resistir para existir. “Foi nesse gesto perene de resgate dessa imagem, que subjaz no fundo de minha memória e história, que encontrei a força motriz para conceber, pensar, falar e desejar e ampliar a semântica do termo” (Evaristo, 2020, p. 30). O termo

“Escrevivência” nasce como ato de afirmação e empoderamento da mulher que, ao escrever, expressa o ser mulher, seu olhar e visão sobre o mundo.

O termo “Escrevivência” é a junção de “escrever”, “viver” e “existir”, que são vivências, memórias e histórias escritas sobre o que é ser uma mulher que “vive” e “escreve” e que, ao escrever, “existe”, como ato de resistência. Ao resistir a um passado colonial e patriarcal, resiste ao trazer para sua escrita o protagonismo e a voz da mulher negra, africana, indígena, ribeirinha, quilombola. A mulher, ao escrever, torna-se sujeito da narrativa e está a representar outras mulheres, tecendo um coletivo de vozes. Vozes essas que foram subalternizadas, colocadas à margem na história, corpos que sofreram e sofrem opressões, corpos que lutam e resistem em forma de poesia.

Podemos considerar a escrita poética de Vera Duarte e Marta Cortezão como “Escrevivências” de poetisas que compartilham suas vivências, memórias pessoais e históricas, culturas e identidades às quais pertencem. Trata-se de mulheres que expressam em suas vozes o protagonismo dos povos africano, cabo-verdiano e amazônico ribeirinho. Para Evaristo (2020), “creio que conceber escrita e vivência, escrita e existência, é amalgamar vida e arte, Escrevivência.” (Evaristo, 2020, p. 31). Desse modo, a vida em forma poética é o cotidiano e a existência escrita.

Vera Duarte (2021a, on-line), em entrevista ao programa “Áfricas”, da TV 247, afirma que “tudo que eu vivi enquanto juíza, enquanto ativista dos direitos humanos, enquanto participante de inúmeras organizações da sociedade civil, é o que dá matéria para minha poesia, afirmou” (Duarte, 2021a, on-line). Ao escrever sobre suas vivências e experiências profissionais na área dos direitos humanos, a escrita se torna um instrumento de luta, de reivindicação dos direitos humanos, dos direitos das mulheres e de sua emancipação, liberdade e igualdade.

Também podemos considerar como “Escrevivências” as vivências e memórias ribeirinhas que a poeta Marta Cortezão traz para sua poesia. Em seu canal no *Youtube* Banzeiro Conexões, a autora afirma que “hábitos e costumes que carregamos no paneiro tupeba, com os quais também nos encontramos através da poesia do Banzeiro manso que pinta uma aquarela desse cotidiano na memória Tefeense” (Cortezão, 2020, on-line). São vivências cotidianas expressas em forma de poesia.

Nos caminhos entre “Escrevivência”, os trajetos da pesquisa partiram do levantamento das poesias das poetisas e, posteriormente, será feita a análise das poesias e da tecitura das convergências dos textos poéticos junto ao referencial teórico,

enveredando por teóricos pós-coloniais, contracoloniais, resistindo às narrativas enraizadas que foram plantadas pelo Ocidente.

A pesquisa encontra-se dividida em três capítulos. No primeiro, intitulado “Mulheres que escreveram e escrevem suas histórias”, abordaremos uma breve introdução ao pioneirismo da escrita feminina no Amazonas e Cabo Verde, tecendo, junto às escritoras contemporâneas, os traços ancestrais. Além disso, refletiremos sobre os desafios da escrita feminina cabo-verdiana e amazonense na contemporaneidade.

No segundo capítulo, “Mulheres das águas, terras e florestas: vozes dos rios e mares,” abordaremos a aproximação histórica entre Cabo Verde e o Brasil. A temática da água como símbolo em suas poesias, a temática da memória e a linguagem poética das escritoras como “Literatura menor”, conceito utilizado por Deleuze e Guattari (2002).

No terceiro capítulo, “Vozes de resistência: A poética feminista e erótica em Vera Duarte e Marta Cortezão”, analisaremos alguns poemas que expressam o protagonismo e o empoderamento da mulher, a linguagem feminista e erótica.

CAPÍTULO I: MULHERES QUE ESCREVERAM E ESCREVEM SUAS HISTÓRIAS

1.1 Breve introdução ao pioneirismo da escrita feminina no Amazonas e Cabo Verde até a contemporaneidade

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (Adichie, 2019, p. 11).

As mulheres escritoras resistiram e resistem à cultura patriarcal em cada época e escrevem, sendo vozes que se levantam e se metamorfoseiam em poesias, romances e contos. Lutando, enfrentando obstáculos, silenciamentos e preconceitos, a escrita feminina ultrapassou as barreiras e se fez presente na história. Mesmo não sendo reconhecidas e valorizadas, ocuparam lugares e espaços antes negados e subjugados. Ao navegar pela escrita dessas mulheres contemporâneas, podemos rememorar as gerações de mulheres ancestrais, que resistiram ao patriarcado, enfrentaram as desigualdades e escreveram suas histórias.

Resgatar a ancestralidade da escrita feminina é rememorar, não permitindo que permaneçam esquecidas no passado. As escritoras pioneiras tiveram um papel importante na história da Literatura feminina, e não poder-se-ia deixar de lembrá-las, pois foi a partir dessas mulheres e muitas outras que, na contemporaneidade, as mulheres têm acesso ao estudo, às pesquisas e escrevem. Neste tópico, será abordado, brevemente, o pioneirismo da escrita feminina no Amazonas e Cabo Verde, porque falar da escrita feminina na contemporaneidade é também lembrar as escritoras do passado para, assim, entender a escrita feminina no presente.

No Amazonas, as mulheres escritoras tiveram seu início na imprensa, conforme artigo de Campos (2021), intitulado *As mulheres e as letras: a escrita feminina nos jornais amazonenses nas primeiras décadas do século XX*. Parafrazeando, a autora apresenta vários jornais e revistas nos quais as mulheres amazonenses estiveram cooperando, seja em sua fabricação ou até mesmo em sua escrita. As mulheres da elite manauara tiveram suas participações nas confecções dos jornais *Abolicionista*, *A Rosa* (Manaus) e *O Borboleta* (1909), este produzido na cidade de Codajás, no interior do estado do Amazonas. Essas mulheres escreviam no anonimato ou usavam pseudônimos em suas assinaturas.

Por medo e repressão da cultura que as colocava em lugar de silenciamento, como marginalizadas, as mulheres preferiam permanecer no anonimato. Em concordância, a escritora Virginia Woolf, em seu ensaio “Um teto todo seu”, de 1991, disse: “[...] de fato, eu me arriscaria a supor que Anônimo, que escreveu tantos poemas sem assiná-los, foi muitas vezes uma mulher. [...]” (Woolf, 1991, p. 62). Numa época em que as oportunidades eram poucas ou nenhuma, as mulheres que desejassem escrever precisavam se submeter à condição de estar “mendigando oportunidades” (Woolf, 1991, p. 47). Sem oportunidades, escreviam, não revelando seus nomes e gênero, suas participações eram mínimas.

Segundo a historiadora Michelle Perrot (2007, p. 16), “[...] as mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal”. O silêncio imposto à mulher a designou a permanecer esquecida e excluída das narrativas produzidas pelos homens. Proibidas de expressar suas histórias, memórias e identidades, “as mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas” (Perrot, 2007, p. 17). Eram usadas apenas como objeto para a escrita masculina. Em concordância, Woolf (1991, p. 41-42), a partir da leitura de obras clássicas da Literatura masculina, afirma que “todas as obras que retratavam a mulher não tinham proveito algum, pois não retratavam a verdade”.

Campos (2021) ainda menciona vários outros jornais ou publicações que contaram com a participação feminina, como a revista *O Rionegrino* (1922), com participação da cronista Rosália Beatriz e de Violeta Branca, que, com quatorze anos, já publicava seus poemas. Esses jornais, revistas e outros documentos dos quais que não se tem registros, demonstram que a mulher estava presente, sendo em sua confecção ou até mesmo com sua escrita anônima. Algumas mulheres da burguesia manauara tiveram publicações, mas não estavam em todos os jornais, pois o domínio era masculino.

Outro grande destaque foi a criação do Clube da Madrugada (1954), composto por homens, onde a escritora Astrid Cabral se tornou a primeira mulher a integrar a equipe (Barbosa, 2021, on-line). A Literatura da mulher amazônida foi conquistando seus espaços. Outra escritora pioneira, já mencionada acima, é Violeta Branca, que “enfrentou o preconceito, a dominação masculina, o falso moralismo social e, por isso, conquistou o reconhecimento de ter rompido com o silêncio e inovado a forma de fazer poesia no Amazonas”, conforme a dissertação de Elcione Cordeiro (2021, p. 20). Enfrentando os obstáculos da cultura patriarcal da época que a impedia, a poeta marcou o início da poesia

feminina no estado do Amazonas. Ela foi uma das mulheres que marcaram o pioneirismo da escrita feminina no estado, entre muitas outras não citadas, não reconhecidas ou, até mesmo, esquecidas. Escritoras essas que, rompendo barreiras, abriram caminhos para que mais poetisas despontassem na contemporaneidade, como Catarina Lemes Pereira, Elaine Andreatta, Franciná Lira, Lia Minapoty, Lucila Bonina, Márcia Wayna Kambeba, Marta Cortezão, Myriam Rachel Benayon Scotti, Nel Macena, Núbia Litaiff Moriz Schwamborn, Priscila Lira, Pollyanna Furtado, Raimunda Gil Schaeken, Rita Alencar Clark, Sandra Godinho (radicada no Amazonas) e Sílvia Grijó.

Em Cabo Verde, de forma não muito diferente do percurso histórico no Brasil, o reconhecimento da escrita feminina começou tardiamente. A professora e pesquisadora brasileira Simone Caputo Gomes (2008), a maior especialista em literatura cabo-verdiana no Brasil, traçou um panorama histórico da poesia de autoria feminina no século XX, e reflete sobre o apagamento de escritoras em grande parte das antologias literárias cabo-verdianas. Dentre muitos escritores homens, apenas uma mulher, Yolanda Morazzo, constava nas antologias entre os anos 1961 e 1980 e a poeta Vera Duarte constava em 1976, pois os periódicos e antologias do século XX eram totalmente de domínio masculino, “em virtudes das questões coloniais, a mulher era impedida de extravasar o limite do trabalho doméstico, cabendo ao homem o poder de decisão na gestão do lar e na educação dos filhos” (Gomes, 2008, p. 273).

Nesse mesmo pensamento, as mulheres estavam sempre ocupadas com os afazeres domésticos e “[...] nunca dispõem de meia hora. . . que possam chamar de sua” —, ela era sempre interrompida” (Woolf, 1991, p. 83). Estando sempre ocupadas com a família e o lar, as mulheres não tinham tempo para escrever. Na contemporaneidade, continua a ser difícil para a mulher que deseja escrever, com tantas demandas impostas ao gênero, tais como cuidar da casa e dos filhos e trabalhar.

Questionando as desigualdades existentes entre os gêneros, Woolf (1991) ainda ressalta: “[...] por que os homens bebiam vinho e as mulheres, água? Por que um sexo era tão próspero e o outro, tão pobre? Que efeito tinha a pobreza na ficção? Quais as condições necessárias para a criação de obras de arte? [...]” (Woolf, 1991, p. 33). Questionando o efeito das desigualdades para as mulheres em sua época, a autora expõe que “a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção” (Woolf, 1991, p. 8). A feminista apresenta as condições necessárias para que a mulher que desejasse escrever precisava ter, há quase um século do pensamento da feminista, as

mulheres escritoras continuam a enfrentar desafios, não como antes, mas o pensamento da feminista se faz valer nos dias atuais.

Ao mostrar a resistência das mulheres em meio aos silenciamentos e apagamentos, Gomes (2019) menciona que Antónia Gertrudes Pusich, nascida na Ilha de São Vicente em Cabo Verde, foi a “primeira mulher africana a assumir, em Lisboa, a direção e propriedade de um periódico, fundando ainda três revistas, foi poeta colaboradora do *Almanach de lembranças luso-brasileiro* (a partir de 1854) e do *Almanach luso-africano*” (Gomes, 2019, p. 76). Mesmo excluídas, as mulheres estavam presentes, assumindo periódicos no século XIX. A presença da cabo-verdiana Antónia Gertrudes Pusich foi muito importante e, como ativista pela luta intelectual das mulheres, possibilitou a ela abrir caminhos para que as mulheres escritoras não mais escondessem ou excluíssem suas identidades usando pseudônimos, mas revelassem seus nomes, permitindo a visibilidade da escrita (voz), da mulher na literatura da época (Gomes, 2019).

Entre as mulheres que abriram os caminhos da escrita cabo-verdiana, florescendo na contemporaneidade, destacam-se escritoras como Dina Salústio, Eileen Almeida Barbosa, Fátima Bettencourt, Yara dos Santos e Vera Duarte. Apesar de todas as desigualdades entre os gêneros na história, as mulheres estavam presentes, mesmo silenciadas, subalternizadas, muitas foram as mulheres que resistiram à colonização e à cultura patriarcal. São nomes até mesmo esquecidos na contemporaneidade, ou, talvez, nunca vistos, mas que, através da sua luta, desafiavam esse lugar imposto pela cultura patriarcal e o colonialismo que as designou sem escolha. Muitas mulheres não se conformaram em permanecer silenciadas e, mesmo sofrendo, fizeram a diferença em sua época, enfrentando a exclusão e o silenciamento, como as mulheres representadas em:

História trágico-feminina

Antígona foi justa e dura
morreu emparedada

Joana foi heróica e santa
morreu imolada

Olympe foi pioneira e densa
morreu guilhotinada

Virgínia foi brilhante e louca
morreu suicidada

Mariama foi fecunda e corajosa
morreu violentada

Ginga foi guerreira e ousada

morreu acantonada

e eu?

O que faço aqui?

Suicidadas

Umas

Imoladas

Outras

Homicidas

Muitas

Violentadas

Tantas

E eu?

O que faço aqui?...

(DUARTE, 2018a p. 24-25)

O poema em análise faz parte da obra *De Risos & Lágrimas* (2018), compondo a quinta obra de poesia da Vera, sendo uma retomada à poesia. A obra está estruturada em quatro partes: Livro I, *Das rotas do meu ser*, (com onze poemas), Livro II, *Das rotas do meu sangue*, (com sete poemas), Livro III, *Das rotas das lágrimas* (com sete poemas) e Livro IV, *Das rotas do encantamento*, (com doze poemas). Num total de 37 poemas, a escritora tece suas rotas, rememorando momentos de “risos e lágrimas”.

O poema “História trágico-feminina” encontra-se no Livro I, intitulado *Das rotas do meu ser*. Em seu eu-poético feminino, são expressos a resistência e os caminhos trágicos da história das mulheres. No poema, a disposição dos versos em forma crescente, ou de “cascata”, como afirma Leite (2018, p. 9), expressam a intensidade desse fim trágico na história das mulheres. Uma característica da escrita cabo-verdiana, que a Vera Duarte, desde seu primeiro livro, *Amanhã amadrigada* (1993), traz, em sua escrita, é a forma com que os versos são postos no poema. Dessa forma, os versos expressam a intensidade da mensagem que o poema deseja transmitir.

O poema exprime as mulheres que não se submeteram a permanecer no lugar imposto, lutaram contra as estruturas opressoras patriarcais e coloniais da época. Ao rememorar a trajetória dessas mulheres vanguardistas, o eu-poético sujeito feminino faz uma crítica à condição da mulher na sociedade e às desigualdades de gênero, rememorando essas mulheres de resistência para que, na contemporaneidade, seus nomes sejam lembrados e reconhecidos.

O poema inicia colocando-as como sujeitos de suas histórias, utilizando várias vezes a flexão do verbo “ser” nos versos, exprimindo o que essas mulheres foram e fizeram. Afirmando seus nomes, junto às suas qualidades, nos primeiros versos, e, nos segundos versos, o fim trágico de cada um desses corpos-vozes de resistência. Os últimos versos do poema encontram-se no plural, representando não somente essas vozes, mas um coletivo de vozes, mulheres que, ao resistirem, tiveram um fim trágico.

Mencionada em outras obras da autora, a primeira mulher de resistência que o poema traz é Antígona, “uma dessas personagens fortes. Mesmo como mulher, ser considerado inferior para a sociedade grega da época, luta com altivez para preservar os sagrados valores de sua dinastia, preferindo ser sepultada viva a ter de deixar o cadáver do irmão sem um túmulo digno” (Secco, 2004, p. 218-219). Antígona é uma personagem da mitologia Grega, presente em *Uma tragédia Grega Antígona*, de Sófocles, do ano 441 a.C. Era filha de Édipo e Jocasta, além de seus irmãos Etéocles, Polinices e sua irmã Ismena. Na tragédia, os dois irmãos de Antígona lutam pelo trono, mas acabam morrendo e somente um dos seus irmãos, Etéocles, recebe um funeral digno na época. A partir desse acontecimento, desafiando Creonte, o rei de Tebas, Antígona decide enterrar o corpo do seu outro irmão, Polinices, contrariando as leis do rei.

Para Rodrigues (2017), “Antígona representa o mito da mulher revolucionária, que enfrenta o estado em busca de seus ideais” (p. 2). Símbolo de resistência e coragem em seguir seus sentimentos e vontades, a atitude de Antígona foi vista como ato de rebeldia, pois contrariava as leis e os costumes gregos da época. Assim, ao se rebelar, Antígona é condenada a ser enterrada viva, tendo seu fim trágico. Antígona entrega sua vida à morte ao escolher fazer sua vontade, do que cumprir as leis da época. Vera Duarte, na obra *Arquipélago da paixão* (2001), traz como epígrafe a frase “e à Antígona de Sófocles uma mulher que há dois mil e quinhentos anos redimiu o futuro de todas as mulheres da terra” (Duarte, 2001, p. 26).

A camponesa, Joana d’Arc, ensinada nos princípios da fé católica de sua época, acreditava vir de Deus as vozes que ouvia encorajando os franceses como a si mesmo a saírem a luta. Joana com a missão divina de defender seu povo, liderou tropas francesas na Guerra dos Cem Anos da França contra a Inglaterra. Após esse ato heroico, que para uma mulher no Ocidente século XXV, liderar tropas em uma guerra era uma afronta a cultura patriarcal, pois o papel das mulheres eram em ajudar a família no campo e nos afazeres domésticos. Acusada de feitiçaria, Joana aos 19 anos teve um fim trágico, foi queimada viva na fogueira. Anos após sua morte, a igreja reconheceu o ato de bravura e

de coragem em lutar a favor de seu povo, Joana foi canonizada como santa padroeira da França.

A feminista e corajosa Olympe de Gouges, lutou pelos direitos a igualdade e liberdade entre os gêneros. Durante a Revolução Francesa, século XXVIII, Olympe denunciou a declaração que concebia somente direitos aos homens e não as mulheres. Ao reivindicar os direitos das mulheres, Olympe publica sua própria declaração concebendo os direitos as mulheres e ao voto. Através desse ato de ousadia Olympe teve um fim trágico, acabou sendo morta na guilhotina.

Virginia Woolf, ao tecer suas reflexões sobre as desigualdades existentes entre os gêneros e ser uma mulher que escrevia, é considerada uma das precursoras do feminismo contemporâneo, pois questionava esse lugar social da mulher que queria ser escritora e desafiava os padrões de seu tempo.

A africana Mariama Bá, escritora de vanguarda fez de sua escrita um ato de luta e reivindicação dos direitos das mulheres e igualdade entre os gêneros. A rainha Ginga que governou em Angola e lutou contra a colonização portuguesa, reconhecendo todos esses corpos-vozes que o eu-poético rememora, que são de mulheres que não se conformaram com o lugar de silenciamento e subalternização que lhes eram impostos pelo patriarcado. Em seu poema, as vozes femininas sujeitos de suas histórias ganham protagonismo, demonstrando a força e a coragem do ser mulher. Símbolos de resistência, essas mulheres revolucionaram em suas épocas, entregaram suas vidas ao lutar por igualdade e liberdade entre os gêneros.

Ao resgatar a história desses corpos-vozes de resistência, em primeira pessoa, o eu-poético se questiona nos versos “e eu? / O que faço aqui?”, e a voz poética da autora se junta a essas outras vozes. Em entrevista, Vera Duarte afirmou que “hoje, quando olho para trás, reconheço que fui sempre algo pio-neira. Na verdade, a minha mãe já fora uma mulher de transição que quis ter uma vida profissional e alguma realização pessoal, mas não conseguiu [...]” (Duarte, 2020, p. 165). Sendo a primeira mulher magistrada e Desembargadora de Cabo Verde, sua poética-ser se junta a esses outros corpos-vozes de resistência, mulheres que revolucionaram em seu tempo.

Uma poética que conduz ao caminho da reflexão, essas mulheres fizeram e eu? O que estou fazendo? A forma como a poeta escreve seus poemas “faz com que esta voz ganhe presença no leitor, ou dele se apodere” (Leite, 2018, p. 11). Não sendo somente um texto, mas uma poética que traz uma mensagem, como afirma a escritora em entrevista ao canal do *Youtube* “A voz literária”, criado por Cristiane Tolomei, afirma que:

Eu gosto que minha escrita traga uma mensagem mesmo a minha poesia, se eu escrevo em prosa estou a contar uma história, mas se eu escrevo em poesia também estou a contar uma história, estou a transmitir uma mensagem. Por isso é que eu fico contente quando a minha voz vai cada vez mais longe, eu digo, é essa a mensagem que eu quero transmitir e sempre quero transmitir a mensagem da emancipação da mulher, quero transmitir a mensagem da emancipação dos povos [...] (Duarte, 2021, on-line).

Ao ler o poema, percebemos a mensagem que a poeta deseja transmitir, trazendo, para sua escrita, nomes de mulheres que, ao lutar, abriram os caminhos para a emancipação da mulher. São exemplos de mulheres que, almejando igualdade e liberdade, entregaram seus corpos na luta pela emancipação da mulher. Em sua poética, podemos refletir sobre a condição da mulher na sociedade, as desigualdades, violências, genocídios e feminicídios. A voz poética da autora faz um questionamento e nos conduz a refletir, questionar, lutar, resistir, como essas mulheres que se perguntaram: “e eu? / o que faço aqui?”. A autora vai se apoderando da sua voz-escrita para rememorar a luta, a resistência e as conquistas das mulheres. Sobre o poema, Leite (2018) afirma que:

“História Trágico-Feminina” o jogo de imediato convoca uma dimensão trágica do feminino, ao situar a enunciação da poetisa, enquanto voz crítica e de resistência à subalterna histórica condição de ser mulher. O poema evoca vários nomes paradigmáticos de mulheres como Antígona, Joana d’Arc, Mariama, Ginga, mostrando diferentes percursos femininos, nos quais a voz de Vera se enquadra, sintoniza e questiona. E eu? / O que faço aqui?...” Juntando-se ao exemplo daquelas figuras emblemáticas, quando procura resgatar o lugar da mulher na sociedade (Leite, 2018, p. 11).

O poema rememora esses nomes como sujeitos de suas histórias, referindo-se a mulheres que revolucionaram seu tempo e escolheram lutar, tornando-se vozes que representaram e inspiraram outras vozes silenciadas, mas que incitaram outras vozes a se rebelar. Mulheres que foram vistas como rebeldes ao não se calarem diante das atrocidades. Não muito distante, lembramo-nos de Marielle Franco e tantas outras mulheres que, ao lutar contra um sistema opressor, que viola direitos, tiveram um fim trágico. Ao rememorar esses corpos-vozes de resistência, nós nos colocamos junto a elas na luta junto a essa voz poética que clama por direitos, que luta por equidade numa sociedade que viola os direitos do ser mulher.

Construindo diálogos sobre as desigualdades de gêneros e a subalternidade vivenciada pelas mulheres, Gayatri Spivak (2010), em sua obra *Pode o subalterno falar?* (2010), tece reflexões acerca do lugar de fala das mulheres indianas e as representações ocidentais de suas vozes, como se precisassem ser intermediadas. Como subalterna, a mulher dentro do contexto colonial e patriarcal não tinha o seu lugar de fala, pois, mesmo que falasse, não havia espaço para ser ouvida, permanecendo “duplamente na

obscuridade” (Spivak, 2010, p. 70). As mulheres sofreram duplamente no contexto colonial e patriarcal, assim como os nomes representados no poema.

Discutindo sobre o contexto colonial, Sartre (1968), no prefácio da obra *Os Condenados da terra* (1968), esclarece que:

A violência colonial não tem somente o objetivo de garantir o respeito desses homens subjugados; procura desumanizá-los. Nada deve ser poupado para liquidar as suas tradições, para substituir a língua deles pela nossa, para destruir a sua cultura sem lhes dar a nossa; é preciso embrutecê-los pela fadiga (Sartre, 1968, p. 9).

Ao lutar contra a colonização, o filósofo expõe que ela só tinha um único projeto: “desumanizar”, tirar a humanidade do outro, excluir sua língua, cultura, identidade, tornar o outro como um animal, a ser domesticado e governado. A exploração do trabalho escravo, que abarcava tanto homens como mulheres, indígenas e africanos, fazia com seus corpos e suas mentes se mantivessem fatigados. Africanos e indígenas foram iguados a seres irracionais, sem cultura, exóticos e selvagens. A violência colonial só tinha um objetivo: negar a humanidade e inferiorizar o outro, impondo sua cultura e língua aos povos colonizados. Parafraseando Franz Fanon, somente outro ato violento poderá libertar o colonizado do colonizador, convocando a todos a lutarem pela libertação colonial (Fanon, 1968).

Ao complementar o pensamento, Aimé Césaire (1978), em o *Discurso sobre o colonialismo* (1978), expõe que:

que a colonização desumaniza, repito, mesmo o homem mais civilizado; que a acção colonial, a empresa colonial, a conquista colonial, fundada sobre o desprezo pelo homem indígena e justificada por esse desprezo, tende, inevitavelmente, a modificar quem a empreende; que o colonizador, para se dar boa consciência se habitua a ver no outro o *animal*, se exercita a tratá-lo como *animal*, tende objectivamente a transformar-se, ele próprio, *em animal* (Césaire, 1978, p. 24-25).

Césaire (1978) reflete que tanto o colonizado, ao sofrer a violência colonial, e o colonizador que pratica a ação de desumanizar, ambos se tornam desumanos, excluindo a essência humana. A violência colonial que os povos africanos e os povos originários sofreram inclui a tentativa de apagar suas identidades e memórias, além de objetificá-los e inferiorizá-los a ponto de serem vistos como os animais, bestas feras, seres irracionais. Povos sem cultura que precisavam aprender a ser pessoas civilizadas. O pensador ainda expõe “a *essência* do colonialismo [...] <<regime de exploração desenfreada de imensas massas humanas que tem sua origem na violência e só se sustém pela violência>> [...]” (Césaire, 1978, p. 7). A colonização existiu para explorar os povos e suas riquezas, junto da escravidão, que se sustentava com e através da violência.

Após a reflexão, retornando ao poema, ao rememorar essas mulheres combatentes da liberdade, ele exprime, na contemporaneidade, a responsabilidade de uma missão a cumprir pelas novas gerações. Sobre a obra em análise, Vera Duarte (2018b), expõe: “eu costumo reivindicar direitos, mas tenho também um dever de memória. Este é um livro onde exerço o dever da memória” (Duarte, 2018b, on-line). É esse dever de rememorar o passado ainda estaria presente como:

o dever de memória é o dever de fazer justiça, pela lembrança, a um outro que não a si. [...] Somos devedores de parte do que somos aos que nos precederam. O dever de memória não se limita a guardar o rastro material, escrito ou outro, dos fatos acabados, mas entretém o sentimento de dever a outros, dos quais diremos mais adiante que não são mais, mas já foram (Ricoeur, 2007, p. 101).

O eu-poético resgata os nomes dessas mulheres, reconhecendo esse dever de memória. Rememorar para que não fiquem esquecidas na história, para nos lembrarmos dos obstáculos que enfrentaram, entregando seus corpos, desafiando a tudo e a todos. Assim, é assumido o dever de rememorar as mulheres que lhe antecederam, que abriram os caminhos da liberdade.

Além disso, a Literatura pode servir como um instrumento político de luta, reivindicação, denúncia e resistência. Como afirma Vera Duarte (2013), em entrevista,

a escrita também apareceu como uma forma de a mulher lutar; além de ser uma manifestação artística, é também uma forma de a mulher lutar. Andamos muitos anos a dizer ‘a mulher é um ser igual’, portanto temos que fazer de tudo para que isso aconteça também na prática (Duarte, 2013, p. 17).

Ao tomar posse da palavra escrita, a poeta, em sua literatura, reivindica os direitos à emancipação da mulher, liberdade e igualdade, e sua voz poética está também a lutar contra a subalternidade das mulheres, dando voz e lugar a esses corpos-vozes de resistência. Uma vez que sua literatura é um instrumento de luta, assim como sua prática aos direitos humanos, a poeta faz, de sua escrita, uma prática de luta. Ao empoderar-se da escrita, está a lutar contra as opressões, violências e dominações que tentaram silenciar as mulheres ao longo da história. Ao rememorar as mulheres que lhe antecederam, resgata esses nomes para que não fiquem esquecidos na história e na Literatura.

Na poética, as vozes que foram silenciadas, apagadas e excluídas da história e da Literatura ganham corpo e voz. Ao rememorar essas mulheres de resistência, o seu eu-poético apodera-se da condição de fala pela escrita, relembra e dedica seus poemas a essas vozes e a muitas outras vozes de “escrevivências”. Conceição Evaristo (2020) reflete que:

E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e

de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonhos injustos” (Evaristo, 2020, p. 30).

Ao se apropriarem da escrita, resgatam a ancestralidade dos povos que foram colonizados e escravizados resgatam nomes de homens e mulheres “combatentes da liberdade”. A escrita para a mulher, negra, africana, indígena, ribeirinha, amazônica e quilombola se torna um ato de resistência, de resistir para existir através da fala pela palavra. A escrita, para as mulheres, se torna uma arma de luta, pois se, por anos, as mulheres foram representadas, agora chegou a vez de elas contarem suas próprias histórias e memórias, porque “hoje a letra, a escrita, nos pertencem também” (Evaristo, 2020, p. 30).

Ao rememorar a ancestralidade e o pioneirismo da escrita feminina, expressam o empoderamento e a resistência da mulher na história, mulheres revolucionárias que se juntam as vozes poéticas contemporâneas. O tópico seguinte abordará os laços ancestrais entre a literatura de vanguarda cabo-verdiana e amazonense e a literatura contemporânea das escritoras que integram a pesquisa.

1.2 Laços ancestrais entre Vera Duarte e Marta Cortezão e as pioneiras Yolanda Morazzo e Violeta Branca

As pioneiras que viveram no século XIX e XX passaram por cima de todas as barreiras que as proibiam de escrever e deixaram registrados seus nomes, como Violeta Branca, Astrid Cabral, Antónia Gertrudes Pusich e Yolanda Morazzo. Nomes esses que não podemos deixar de citar, pois foi através dessas mulheres que os espaços para a escrita feminina se abriram. Os autores Brito, Cortivo e Santana (2020), em seu artigo “Violeta Branca e Yolanda Morazzo: uma leitura comparada” (2020), ao comparar a poesia vanguardista da escritora amazonense Violeta Branca e a cabo-verdiana Yolanda Morazzo afirmam que:

São duas mulheres vanguardistas que abordaram temas polêmicos em suas épocas. Violeta Branca com suas temáticas em volta da liberdade e sensualidade feminina, liberdade na escrita, telurismo onde apresenta sua região (lendas, belezas naturais e culturais), o amor idealizado na figura do marujo. Yolanda Morazzo trazendo a denúncia em seus poemas sociais (desemprego, guerra, liberdade e sensualidade feminina, escravidão, colonialismo) com grande carga de humanismo, intimistas (infância, amor, homenagem a pessoas queridas), telurismo latente ao falar de sua cultura, povos, terra natal e as outras que adotou, cariz filosófico que tematiza a origem das coisas no mundo com seu posicionamento firme em torno da busca do inefável (Brito *et al.*, 2020, p. 216).

Ao ler os poemas das escritoras contemporâneas foi observado que ambas trazem, em sua literatura, os traços das temáticas de suas ancestrais. A escritora Vera Duarte, com sua literatura, ao reivindicar os direitos humanos e das mulheres, ao rememorar o tempo colonial e escravidão do povo africano, uma poética humanista, ao expressar suas memórias de infância das ilhas e a sensualidade e a liberdade da mulher cabo-verdiana, traz temáticas presentes na literatura feminina de vanguarda.

Por sua vez, a escritora Marta Cortezão também carrega, em sua poética, os traços da escrita feminina pioneira no Amazonas, ao trazer a cultura, a identidade do povo das doces águas, os costumes, as tradições, a culinária amazônica, as lendas, os mitos, as expressões amazonenses, as memórias da “infância das águas”, bem como a sensualidade e a liberdade da mulher amazônida. Essas são temáticas pioneiras da escrita feminina amazonense.

As escritoras demonstram um dever em dar continuidade à escrita das mulheres que lhes antecederam, como forma de resgatar a ancestralidade de seus povos. As temáticas que abriram os caminhos para a escrita feminina em Cabo Verde e no Amazonas continuam a se fazer presentes junto às escritoras contemporâneas. Uma herança ancestral e cultural que as escritoras desejam expressar em suas literaturas.

Neste tópico, analisarei alguns poemas das escritoras contemporâneas que faz referência as temáticas das escritoras vanguardistas. Ao longo da pesquisa, outros poemas demonstrarão as temáticas abordadas na literatura das escritoras pioneiras presentes na escrita contemporânea.

Vejamos o poema:

Palavras

a Nelson Mandela

Não quero esta angústia
que se amotina
e deságua
em adolescentes suicidas
pelo sida, pela fome, pela droga

Não quero esta dor
que me devasta
e dilacera
em mortes prematuras
pela guerra, pelo ódio, pelo crime

Quero construir amanheceres
de luz
onde os homens se olhem nos olhos
e as mãos se afagam vigorosas

Quero construir entardeceres
serenos
onde não haja explosões de bombas assassinas
nem estertores de agonias várias

Persigo um sonho lindo
feito de coisas simples

O meu sonho se chama gente
e palavras simplesmente

Palavras embriagadas
perturbantes
madrugadoras
que circulam invisíveis
e se dão generosas

Palavras que brilham
que criam e se alegram
e juntas constroem
a sagrada fraternidade

Persigo um sonho lindo
feito de coisas simples

O meu sonho se chama amor
e multidões que sobem juntas
as ladeiras da vida

Qual Zumbi dos Palmares
conduzindo seu povo
– negro e escravizado –
pelos caminhos da libertação

Também tu Mandela
conduziste teu povo
– negro e oprimido –
numa longa marcha
em direcção à liberdade

Cumpriste assim o teu destino
nesse caminho dolorido
mas belo...
íntegro...
justo...

(DUARTE, 2018a, p. 40-41-42)

O poema faz parte da obra *De Risos & Lágrimas* (2018), dedicado a Nelson Mandela, que foi um ativista símbolo de resistência, ao lutar contra o apartheid regime político de segregação racial na África do Sul. A opressão racial que a minoria branca impôs sobre os negros africanos, separou os direitos e oportunidades aos negros no continente africano. Ao lutar e reivindicar os direitos aos negros, Nelson Mandela foi condenado a prisão por 27 anos, após sua prisão se tornou o primeiro presidente negro da África do Sul, e em 1993 ganhou o prêmio Nobel da Paz.

A voz poética no poema inicia as duas primeiras estrofes demonstrando o desejo em não querer mais essa “angustia e dor”, causados pelos problemas sociais, políticos e econômicos que afetam a vida humana. Nas próximas estrofes o eu poético expressa o desejo em querer construir o futuro “Quero construir amanheceres de luz / onde os homens se olhem nos olhos / e as mãos se afagam vigorosas”. O desejo em construir um mundo diferente onde à empatia entre as pessoas, a ajuda mútua, um mundo sem “bombas assassinas” sem guerras, sem “mortes prematuras”. É esse “sonho” de um mundo melhor para se viver, sem opressões, violências e segregações, que o eu poético “persegue” e constrói em suas palavras poéticas, um sonho feito de “coisas simples”. Nos versos “O meu sonho se chama gente / e palavras simplesmente”, o eu poético expressa acreditar na humanidade e na literatura como forma de transformação do mundo.

Nos próximos versos “palavras embriagadoras / perturbantes / madrugadoras” palavras que perturbam e embriagam as madrugadas da voz poética. São “Palavras que brilham / e juntas constroem / a sagrada fraternidade”, palavras poéticas que unidas constroem laços de fraternidade e esperança em almejar um mundo melhor. Com laços fraternos poéticos traz nos versos “Qual Zumbi dos Palmares / conduzindo seu povo / - negro e escravizado- / pelos caminhos da libertação”. Símbolo de resistência, líder Quilombola “Zumbi dos Palmares”, lutou contra a escravidão no Brasil.

Nos próximos versos “Também tu Mandela / conduziste teu povo / - negro e oprimido- / numa longa marcha em direcção à liberdade”. O poema traz dois combatentes da liberdade, “Nelson Mandela e Zumbi dos Palmares” dois corpos-vozes de resistência, que foram símbolo da luta pela libertação do povo africano e dos escravos afrodescendentes no Brasil. A voz poética aproxima essas vozes negras que conduziram o povo africano a libertação seja na África ou no Brasil, o poema une essas vozes negras como símbolo de liberdade. As palavras poéticas unem as duas nações expressando um Brasil construído por escravos africanos, demonstrando africanidade brasileira.

O poema expressa uma voz poética que clama pela liberdade, voz das minorias, ao rememorar os nomes dos combatentes, podemos considerar sua voz poética de combate. Em Fanon (1968) a “literatura de combate propriamente dita, no sentido de que convoca todo um povo à luta pela existência nacional” (Fanon, 1968, p.200). Uma Literatura que nos conviva a luta, ao combate, mas também uma voz poética de esperança em desejar um mundo, sem desigualdades, sem fome, sem guerras, assim como nos versos de outro poema “Deixarei fluir as palavras / Que alimentam a fome / Do mundo que em mim habita” (Duarte, 2018a, p. 17). Essa fome de mudança em não querer mais os

sofrimentos causados pelos problemas sociais, políticos e econômicos. Uma voz poética que constrói novos futuros assim como as duas vozes de resistência expressas no poema. Vozes que conduzirem seus povos a libertação, assim como poema nos conduz a libertação dos pensamentos através das palavras. É esse “sonho” que as palavras “perseguem” um sonho de um novo amanhecer uma nova madrugada, onde não haverá mais “mortes prematuras, fome, guerras, jovens viciados pelas drogas” um eu poético que constrói novos futuros. O poema exprime as temáticas presentes na literatura de vanguarda como: as denúncias sociais, escravidão, colonialismo, humanismo, a guerra, a liberdade e também exprime emoções e reflexões.

Vejamos o poema:

Lins popular

– poema panfletário –

à Chris Bieliski

A Lins vieram todas
negras, brancas e amarelas
também índias, mulatas e mestiças

Cada uma trouxe seu canto
cada uma cantou seu fado
e em múltiplas vozes se revelaram

Vieram trazendo suas dores
seus panos
e seus amores

Vieram todas
quilombolas, urbanas, rurais
sem teto, sem terra e sem abrigo
cada uma trazendo sua oferenda

Café milho feijão
livros, dvd's
e erva mate para o chá

Vieram por todos os meios
a pé, de barco, de trem
de carro, de ônibus, de avião

Vieram todas
trazendo suas estórias
suas ânsias e frustrações

Mas vieram
também
trazendo sua alegria
sua vontade de viver
o grito de guerra
que lhes sai da alma
por este tempo
que ainda não é seu.

Cortam cana
lavram a terra
plantam árvores regam suas hortas
e em troca recebem desdém

Vieram todas
e vêm gritar
porquê?

Elas escrevem
e ninguém nomeia
porquê?

Elas governam
e ninguém reconhece
porquê?

Elas cuidam
e ninguém agradece
porquê?

Elas cozinham
e ninguém elogia
porquê?

Elas sofrem
e ninguém denúncia
porquê?

Mas da árvore da esperança
nascem os mais belos frutos
é o oito de março
é o lutar ou morrer
é o direito libertário
é a libido a pulsar

Elas são mulheres
alegres e criadoras umas
tristes e sucumbidas outras

Elas são mulheres
de todas as cores
de todos os credos
que sabem dizer ao poder
todos os poderes
o que querem
lutando pelos direitos
– todos os direitos –
querendo ser exatamente
o que são

M
U
L
H
E
R
E
S

Chutando o balde
virando o jogo
cuidando das crias
buscando a água
carregando a lenha
superando todas as tragédias

Mas também
parindo livros
sonhando poemas
construindo pontes
esculpindo artes

Sofrendo pela vida
mas rindo e cantando

Sim!
um outro mundo é possível
sem estupros mutilações ou sequestros
sem humilhações nem discriminações
sem açoites, tráfico ou mortes prematuras

Elas vieram
transcendendo a vida
esconjurando a morte
e exaltando o amor

E chegaram
conspirando luas
declarando medos
e se entregando à luta

De Lins ouve-se o rumor...

(DUARTE, 2018a, p. 79-84)

O poema está inserido na obra *De Risos & Lágrimas* (2018), a qual apresenta muitos poemas centrados na temática dos Direitos das Mulheres, assim como em suas outras obras. Segundo Gomes (2008), “depois de 1975”, ano da independência de Cabo Verde, “sobretudo, a partir dos anos noventa, a voz feminina, silenciada pela História da Literatura em Cabo Verde, tem propiciado o aparecimento de uma temática centrada na mulher, [...]” (Gomes, 2008, p. 155). As escritoras cabo-verdianas trazem a temática da mulher para sua escrita, seja em poesias, prosas, romances, etc.

O eu-poético expressa múltiplas vozes e cores, afirmando ser sujeito mulher de dores e alegrias, assim como o título do livro *De Risos & Lágrimas* (2018), uma vez que a vida humana é construída por dores e alegrias. A escritora apodera-se das palavras para exercer sua luta como ativista de “todos os direitos” e a emancipação das mulheres, com “uma poesia intimista, de vivências intensas, de experiência de mulher, [...], que não esquece das guerras, das utopias, das revoluções de homens e mulheres, de seu povo, de todos os povos do mundo [...]” (Gomes, 2008, p. 243).

A mulher cabo-verdiana tem grande importância para a identidade do seu país,

A importância das mulheres na sociedade crioula como transmissoras de cultura é o primeiro ponto que devemos examinar. São elas que se ocupam da educação das crianças na época da aquisição da linguagem e da Língua; através delas se dá a transmissão de uma série de práticas e comportamentos: as tradições da comunidade, os costumes, a religião, as crenças, a culinária, a música etc (Gomes, 2008, p. 161).

As mulheres exercem um papel importante como transmissoras da identidade cultural das ilhas, da cultura, dos costumes, tradições e da língua, exercem a função de continuar a transmitir a essência da identidade cabo-verdiana para as próximas gerações. Parafraseando Gomes (2008), as mulheres são as mantenedoras das tradições orais, contação de histórias, a morna tem sido preservada “pela mulher do povo pela cantadeira das ilhas” (Gomes, 2008, p. 161-162)¹¹. Na conservação das tradições da fé católica com o batizado, no artesanato os bordados, na medicina tradicional as curandeiras.

Parafraseando Gomes (2008), a mulher cabo-verdiana também exerce um papel fundamental como mão de obra agrícola, auxiliando na economia do país. Sendo a maior parte da população cabo-verdiana, “quase 60%”, devido à emigração masculina, as mulheres, mesmo assim, encontram-se em desvantagens de oportunidades em relação aos homens, devido “ao fator cultural de interiorização do estatuto de inferioridade pela própria mulher agravam o quadro” (Gomes, 2008, p. 163). Após a independência de Cabo Verde, conquistada em 1975, muitas oportunidades foram criadas para sua emancipação.

Retomando ao poema, depois de contextualizar a grande importância da mulher cabo-verdiana para a identidade de Cabo Verde, a voz poética da Vera Duarte expressa as mulheres como sujeitos participantes e ativos em “vieram todas”, vieram lutando, vieram trabalhando, vieram com dores e alegrias, expressando que as mulheres sempre estiveram presentes na sociedade. Nos versos “Vieram por todos os meios a pé, de barco, de trem, de carro, de ônibus, de avião”, o eu-poético demonstra o avanço do mundo, assim como o avanço da emancipação das mulheres. A escritora afirma-se:

realizada ao veres os sonhos e as utopias que te mobilizaram toda a vida a transformarem-se em realidade. É o que me acontece quando olho para o avanço extraordinário que teve a luta pela emancipação da mulher, sobretudo na nossa sociedade (Duarte, 2013, p. 44-45).

¹¹A morna é um gênero musical “teria originado a apreciada modalidade musical através do canto de uma solista acompanhado por um coro feminino, cujo assunto seria o próprio trabalho – a lavoura, a lavagem de roupa, [...] na morna atual, o tema preferido é o amor ou a saudade, tão bem interpretados por Cesária Évora, a musa dos pés descalços [...]” (Gomes, 2008, p.162).

A escritora expressa sua realização ao ver que os anos de lutas em favor dos direitos das mulheres e sua emancipação estão transformando a realidade da mulher cabo-verdiana. As mulheres em Cabo Verde estão a ocupar muitos espaços antes silenciados e negados ao gênero mulher.

O poema não só traz o cotidiano e a temática da mulher cabo-verdiana, mas de todas as mulheres. A poética de Vera Duarte é uma literatura de diálogos, de trânsito entre culturas e mundos. Uma poética de protesto que reivindica a igualdade de direitos, ao denunciar a invisibilidade da mulher, os silenciamentos e a falta de reconhecimento como nos versos:

Vieram todas
e vêm gritar
porquê?

Elas escrevem
e ninguém nomeia
porquê?

Elas governam
e ninguém reconhece
porquê?

Elas cuidam
e ninguém agradece
porquê?

Elas cozinham
e ninguém elogia
porquê?

Elas sofrem
e ninguém denúncia
porquê?

(DUARTE, 2018a, p. 79-84)

A voz poética expressa o desejo de valorização e reconhecimento da participação da mulher na Literatura, política, no cuidado da família, no mercado de trabalho em todas as áreas da sociedade. O poema expressa a força da mulher, que, por isso, “vimos todas e vamos continuar a gritar porquê?”. Dessa forma, sugere-se que vamos continuar a lutar pela igualdade de direitos, por reconhecimento, liberdade e continuar a lutar contra as opressões, violências, exclusões, silenciamentos e todo e qualquer ato contra nossos corpos.

Para a feminista Saffioti (2015), o patriarcado ainda se faz presente na sociedade, porque as mulheres continuam a ser violentadas, a pensadora expõe que o patriarcado é a “dominação exploração” dos corpos. A feminista ainda reflete que “[...] colocar o nome

da dominação masculina – *patriarcado* – na sombra significa operar segundo a ideologia patriarcal, que torna *natural* essa dominação-exploração [...]” (Saffioti, 2015, p. 56 grifo da autora). Ao reivindicar e mostrar as desigualdades de gênero, a voz poética opera contra essa naturalização do patriarcado.

Ao continuar o eu-poético após reivindicar reconhecimento, em tom feminista expressa “é o oito de março / é o lutar ou morrer / é direito libertário / é a libido a pulsar” (Duarte, 2018a, p. 79-84). Assim, são demonstradas as conquistas das mulheres quanto ao direito à igualdade e liberdade, o direito ao expressar seus desejos e prazeres. Mulheres que “sabem dizer ao poder / todos os poderes / o que querem / lutando pelos direitos / todos os direitos / querendo ser exatamente / o que são MULHERES”.

A literatura da Vera Duarte tanto dialoga com o mundo ao redor, como dialoga entre suas obras. Na obra *As palavras e os dias* (Duarte, 2013), ao abrir a parte na qual dedica às mulheres, a poeta traz os últimos versos da mesma poesia em análise. Ao refletir

Considero que é extremamente compatível desempenhar um cargo público e saber cozinhar e mudar as fraldas ao bebe. Porque não bordar, fazer renda, cozinhar, arranjar a casa, coser e passar, trabalhando fora, escrevendo e tendo atividades sociais?

Acho que sim, que a mulher que se emancipa, emancipa-se pelo trabalho, pela aprendizagem, pelo estudo, pelo conhecimento e pela participação ativa na vida que se desenrola ao seu redor.

Contudo, a medalha tem o seu reverso:

Não se compreende que o homem se valorize profissionalmente, mas que, quando chegue à casa, tenha que chamar a mulher - que chegou com ele - até para lhe trazer o jornal, ou que dos filhos tenha apenas a vaga consciência de que estão limpos e fartos.

Creio que a igualdade necessária e proclamada passa pelo exercício cotidiano das tarefas afins, pelo respeito, consideração e valorização do trabalho desenvolvido por cada um. Pela dignificação das atividades dentro e fora do lar.

A emancipação da mulher exige, também, a emancipação do homem e é isto que escrevo no meu caderninho antes que a chuva comece a cair abundantemente (Duarte, 2013, p. 64).

Em sua obra de crônicas *As palavras e os dias* (2013), Vera Duarte reflete a desigualdade de gênero, ao expressar a falta de reconhecimento do trabalho feminino. A cultura patriarcal enraizada na sociedade introduziu A cultura patriarcal enraizada na sociedade introduziu o pensamento de superioridade do homem em relação à mulher. Mesmo que a mulher trabalhe e faça os afazeres domésticos dificilmente seu esforço será reconhecido, o olhar da sociedade para mulher sempre será de sujeição. Ao terminar o texto, a poeta reflete sobre a emancipação da mulher e, parafraseando a pensadora feminista Davis (2016), expõe que a emancipação feminina se deu de forma desigual, enquanto a mulher branca cuidava dos afazeres domésticos, a mulher negra escrava trabalhava junto ao homem negro, no trabalho pesado das lavouras, sendo vistas como

meras reprodutoras sem gênero. Após avançar, a mulher branca passou a ir para as fábricas e a mulher negra escrava passou a cuidar dos filhos e dos afazeres dos senhores brancos. Na Segunda Guerra Mundial, com a falta de mão de obra, as mulheres negras tiveram, então, a oportunidade de assim avançarem para as fábricas. Assim a emancipação das mulheres foi construída em cima de desigualdades, que perduram até a contemporaneidade.

Ainda nos versos:

Chutando o balde
virando o jogo
cuidando das crias
buscando a água
carregando a lenha
superando todas as tragédias

Mas também
parindo livros
sonhando poemas
construindo pontes
esculpindo artes

(DUARTE, 2018a, p. 79-84)

Os últimos versos do poema encontram-se, também, em seu livro de crônicas *As palavras e os dias* (2013), publicado pela Nandyala. Em relação às mulheres na poesia, a pensadora Gomes (2020), “tanto são vítimas de terríveis injunções patriarcais como são heroínas de uma luta que, ainda bem, vem se transformando, porque o próprio mundo está mudando e as tais injunções estão se desfazendo. Ora ‘chutando o balde’” (Gomes, 2020, p. 15). A pensadora ainda ressalta que “a mulher cabo-verdiana do povo, que trabalha e cria/transmite a cultura, é apresentada por Vera Duarte em ricas nuances poéticas, aliadas a uma profissão de fé neofeminista, prosa” (Gomes, 2008, p. 174). Ao sonhar e acreditar em um outro mundo:

Sim!

um outro mundo é possível
sem estupros mutilações ou sequestros
sem humilhações nem discriminações
sem açoites, tráfico ou mortes prematuras

(DUARTE, 2018, p. 79-84)

A voz poética expressa seu profundo desejo de mudança, ao acreditar em um outro mundo utópico. Ao almejar a transformação do ser humano e confiando em dias melhores, a poeta assim constrói sua poesia. A vontade de evolução e de transformação é vivenciada

por Vera Duarte em sua luta e missão aos Direitos Humanos, que, por se mostrarem tão fortes em sua vida, a poeta carrega para dentro de sua escrita (voz).

A poeta Marta Cortezão no poema “Essência”, expressa a temática telúrica presente no pioneirismo da escrita da mulher no Amazonas, mostrando a “essência” amazônica nos versos:

Essência

Sou do Norte, terra de caboclo forte,
que toma açai, come piracuí,
bodó assado e jaraqui,
pirarucu com chibé,
tucumã com café;
que faz pão com cipó de ambé;
planta roça, faz farinha
pra comer com pupeca de sardinha,
enquanto a criançada corre e salta,
coleccionando coloridas joaninhas.
Lugar onde, às seis da manhã, o galo canta
despertando a gente pra tirar a mandioca de molho;
vai ao galinheiro, abre o ferrolho
e solta as galinhas no terreiro.
Humm... Será que a mucura atacou, à noitinha?
Está faltando o pinto pedrês e franga pretinha!
Eita vidão! Ao cair da noite,
história do Curupira, do Matinta Pereira,
do duelo dos Botos tucuxi e vermelho,
da Cobra Grande brilhando...
Brilhando, de mansinho, no rio...
No rio de minha imaginação...

(Cortezão, 2017, p. 107 grifo da autora)

Ao navegar em seus banzeiros poéticos, abrindo a parte III, intitulada BANZEIRO (RE)MANSO(SO), o poema está inserido no livro *Banzeiro Manso* (2017). A obra contém 120 poemas divididos em: Parte I, (RE)MANSOS (DI)VERSOS, parte II, (RE)MANSOS (RE)VERSOS, parte III, BANZEIRO (RE)MANSO(SO) e parte IV, REMANSO TUPEBA. Alguns poemas são dedicados à Nelci Cortezão, Alírio Cortezão, Adrián Cortezão, Lorena Cortezão e Cris Alvim.

A obra, *Banzeiro Manso* (2017), exprime vivências, afetos, recordações, memórias e sentimentos entrelaçados à cultura amazônica de pertencimento. Navegar na poética da Marta Cortezão é mergulhar nas profundezas dos rios amazônicos, por esse banzeiro de ondas calmas, por essa poesia que exala o ser mulher amazônida. Em seu canal no *YouTube*, Marta Cortezão expressa que “Tefé é a cidade dos meus suspiros poéticos de orgulho de pertencimento” (Cortezão, 2020, on-line). A voz poética ao

mergulhar nesse rio profundo nos faz conhecer o ‘Jeito Tupeba de ser’¹² (Cortezão, 2017, p. 163).

O poema inicia com “Sou do Norte, terra de caboclo forte”, de modo que a voz poética afirma a sua identidade amazônida, cabocla, mestiça junção do indígena e europeu. Ao expressar as memórias e vivências de sua infância ribeirinha das águas, o poema expressa os costumes, tradições, a culinária amazônica, religião e cultura. A confecção de paneiro e a produção de farinha que é tradição “na honrada e dura lida pelo pão” (Cortezão, 2017, p. 127), estão presentes, sendo o meio de sustento de muitas famílias ribeirinhas.

Os mitos e lendas ancestrais que são oralmente contados passados de geração para geração, estão fortemente representados em sua arte poética. Para Fonseca (2019) “o sobrenatural é vivo na vida dos povos da Amazônia, a aceitação espontânea de episódios como esses é o reflexo de uma espécie de reconhecimento de dois mundos entrelaçados no cotidiano (material e simbólico)” (Fonseca, 2019, p. 44). A vida amazônica é envolvida pelo o imaginário e encantado das lendas e mitos que fazem parte da vida do ser amazônico.

Sobre a poesia da Marta Cortezão, Azevedo (2022), expõe que “o lócus amazônico alimenta a poética de Cortezão e, por meio de sua escrita, resiste contra o esquecimento e sobrevive como história, memória e cultura de um povo” (Azevedo, 2022, p. 120). O eu-poético, ao trazer para a escrita-voz a cultura amazônica e os saberes tradicionais, resiste ao eurocentrismo que tentou apagar outros saberes culturais. Na literatura da escritora, quem tem protagonismo é o povo amazônico, ao demonstrar sua devoção, “Levando dentro / o amor e o orgulho / de ser amazônida. / Força que move / o coração desta / Mulher que, / por isso, se sente / imensa!” (Cortezão, 2017, p. 125).

Construindo diálogos, Kroeber (2001) afirma que “o homem é o único possuidor de cultura” (Kroeber, *apud* Laraia, 2001, p.16), sendo diferente dos animais, que precisam se modificar para atuarem no mundo, não possuindo cultura, pois seus comportamentos são os mesmos independente do lugar que estejam. O ser humano, ao longo de sua vida, recebe a cultura que lhe é ensinada e a reproduz, modificando o ambiente em sua volta, mas, também, sendo afetado pela cultura, tornando-se “resultado do meio cultural em que

¹²A palavra Tefé vem de origem indígena referente às tribos Tupebas ou Tapibás que habitavam a região antes da colonização. Tefé significa rio profundo é uma cidade do interior do estado do Amazonas, pertencente à região Norte do país, localizada na região do Médio Solimões, com aproximadamente 73.669.00 mil habitantes (IBGE, 2022, on-line <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/tefe.html>).

foi socializado” (Ibidem, 2001, p. 24). O ser humano é construído socialmente e culturalmente, sendo o único que recebe cultura e a transmite.

O ser humano, ao nascer, aprende cultura através da oralidade e do ambiente no qual ele é pertencente. A cultura se torna a principal característica humana, seus comportamentos são determinados a partir dos padrões que lhe são transmitidos. Laraia (2001) evidencia que “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura” (Laraia, 2001, p. 36). A cultura opera na vida humana, determinando sua visão e compreensão do mundo, interferindo em suas escolhas, comportamentos e como enxergamos as diferenças culturais.

Em conformidade, Sahlins (1997) afirma que “as pessoas organizam sua experiência segundo suas tradições, suas visões de mundo, as quais carregam consigo também a moralidade e as emoções inerentes ao seu próprio processo de transmissão. As pessoas não descobrem simplesmente o mundo: ele lhes é ensinado” (Sahlins, 1997, p. 5). Conforme aprendido, o homem vê o mundo e o considera como sendo único e verdadeiro. Esse é o grande perigo do etnocentrismo: enxergar somente seus valores culturais e sociais como superiores e verdadeiros. Visões etnocêntricas consideram seus comportamentos como sendo os únicos corretos, desprezando e não aceitando outros tipos de comportamentos, costumes, crenças e tradições.

Paes Loureiro (1995), logo em suas primeiras páginas de sua obra *Cultura amazônica: uma poética do imaginário* (1995), apresenta o conceito de cultura, discutido por Benedito Nunes, como “conjunto formado pelas expressões intelectual, artística e moral concernentes a uma determinada civilização e mesmo a um povo, construído no processo de sua história como um todo ou num determinado período” (Nunes, *apud*, Loureiro, 1995, p. 53). Conforme compreensão, a cultura é definida de forma a ser um conjunto que expressa um todo ou um período. Entendemos esse conjunto sendo tudo que o homem constrói, a ciência, história, arte, princípios e valores, seja em uma determinada época ou em toda sua existência.

Para Loureiro (1995), a cultura da Amazônia “está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada. Ela reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural” (Loureiro, 1995, p. 55). A cultura dos povos originários é transmitida de geração a geração através da oralidade. No bioma

amazônico, a natureza e o homem se formam em um só, numa simbiose, e o imaginário se entrelaça com o real, gerando a vida e a cultura regional.

No poema, os versos se entrelaçam entre a realidade e a imaginação, bem como o encantado, os mitos e as lendas regionais amazônicas, como Curupira, Matinta Pereira, Boto e Cobra Grande, que compõem a tradição da vida de quem mora na floresta. O místico se une à natureza e aos seres reais, que, juntos, tecem o universo amazônico. Este, espelhado na poesia, revela “a beleza escondida do mundo, a poesia alarga o círculo da imaginação, alimentando o pensamento. Com sua forma, ação, linguagem e repercussão na cultura, ela torna, inclusive, uma época mais memorável do que a outra” (Loureiro, 1995, p. 50). A arte poética proporciona o devaneio, transpassando o tempo.

Ademais, Loureiro (1995) reflete algo importante, apontando que a vida ribeirinha se difere da vida urbana, pois o cotidiano do

O homem da Amazônia, o caboclo, vivendo fora do contexto das grandes cidades – Belém e Manaus especialmente – não se encontra completamente integrado à moderna sociedade de consumo, suprimindo parte de suas necessidades cotidianas pela abundância dos rios e da floresta. (E quando migra para as cidades grandes – grandes, médias ou pequenas – carrega consigo e nelas insere, uma parte dos traços de sua cultura original) (Loureiro, 1995, p. 57).

A vida ribeirinha da comunidade amazônica é diferente da vida na cidade, uma vez que, nos interiores amazônicos, as famílias obtêm o sustento da pesca, do roçado, do trabalho duro e pesado. Seu sustento provém todo da natureza, que é preservada com tamanha braveza. No poema, é a vida ribeirinha das comunidades amazônicas que é evidenciada, assim como a vida do interior amazônico, como nos versos “Lugar onde, às seis da manhã, o galo canta / despertando a gente pra tirar a mandioca de molho”. É essa vida ribeirinha tranquila, mas, também, de muito trabalho e suor, que a Marta expressa em sua poesia. O ribeirinho ao morar na cidade não esquece de suas raízes culturais e identitárias. Para Castro (2013),

Ainda que “impuros”, como quer a representação social dominante, os caboclos amazônicos seriam os herdeiros do “conhecimento das florestas”, ou de, ao menos, parte significativa desse conhecimento, que é, na verdade, uma forma tradicional de manejo da vida silvestre, aos quais se somam modos de vida peculiares hibridizados de muitas influências culturais. Por extensão, seriam também herdeiros de crenças, mitos, dogmas, visões de mundo e formas de expressão, também hibridizados por seus longos séculos de dialogia étnica e social (Castro, 2013, p. 453).

Diante da realização da tecitura com a poesia “**ESSÊNCIA**”, considerando a palavra “essência” como algo puro, para o pensador, nenhuma cultura é pura, pois todas as culturas são híbridas. As culturas, em algum momento, entrelaçam e mesclam entre si.

As tradições, os costumes, crenças e valores recebidos em sociedade se misturam entre si. Com o avanço tecnológico e a globalização, as comunidades ribeirinhas instantaneamente se conectam com a cidade, formando novas identidades culturais.

Sobre a identidade cultural na modernidade tardia, como se refere Hall (2005), “o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (Hall, 2005, p. 12). Compreende-se que o sujeito na modernidade possui uma identidade sólida e fixa. As identidades consideradas sólidas nessa época acabaram sofrendo com transformações globais, a globalização na modernidade tardia, tornando-se fragmentadas. Identidades não mais fixas, mas fluidas, assim gerando novas identidades culturais no sujeito. Para Hall (2005, p. 7), “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. No Iluminismo, o sujeito é tido como unificado e, na modernidade tardia, passa a possuir não somente uma identidade, mas várias.

Conforme reflexão do sociólogo Bauman (2001), a pós-modernidade, ou modernidade líquida, tem moldado novos padrões considerados antes como sólidos na modernidade. As instituições que poderíamos considerar seguras, fixas, permanentes na modernidade se tornaram, na pós-modernidade, líquidas e fluidas (Bauman, 2001, p. 12). Essa fluidez faz com que o que poderíamos considerar seguro e fixo se desfça rapidamente.

Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro (Bauman, 2001, p. 12).

As transformações ocorridas na pós-modernidade têm modificado as estruturas sociais, culturais, econômicas e políticas que solidificaram a sociedade moderna. Instituições que, antes, eram seguras e sólidas, na pós-modernidade, são líquidas e fluidas, de modo que nada é mais seguro, tudo se desfaz e modifica rapidamente. A sociedade na modernidade líquida não se assegura a mais nada e tudo é inconstante, modificando-se rapidamente. Assim, “o que todas essas características dos fluidos, mostram, em linguagem simples, é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade” (Bauman, 2001, p. 8). Desse modo, o sujeito construído a partir desses moldes passa a adquirir uma identidade fluida e não fixa.

Após tecidas algumas reflexões, as temáticas vanguardistas continuam a caminhar junto com as escritoras contemporâneas. A poeta Vera Duarte, com sua voz (ação e luta) pelos direitos humanos e contra as desigualdades de gêneros, temática centrada na mulher em uma poética das minorias. A voz-escrita da poeta também é feminista, humanista, política, social, cultural e histórica. Marta Cortezão com sua poética ao expressar a “essência” do povo das doces águas, a vida ribeirinha, os costumes e tradições. Escritoras contemporâneas que em suas poesias continuam a ecoar os traços da poética de vanguarda. Nos demais tópicos, outros poemas expressarão as temáticas da literatura pioneira.

Rememorar a ancestralidade feminina dessas localidades, Cabo Verde e Amazonas, que também são ex-colônias, é mostrar a resistência dos povos, das poetisas pioneiras numa sociedade na qual o silêncio lhes era imposto. Silenciadas pelo colonialismo e patriarcado, essas escritoras romperam com o silêncio que as condenava e, não aceitando esse lugar subalterno, enfrentaram os desafios e escreveram. Mas, ainda na contemporaneidade, há muitos desafios que a autoria feminina está a enfrentar.

1.3 Desafios e conquistas da autoria feminina cabo-verdiana e amazonense

Embora exista uma tradição histórica de silenciamento feminino, as duas escritoras romperam com as barreiras que enfrentavam e publicaram. A literatura feminina vem ocupando espaços, mas também enfrenta desafios. Neste tópico, abordarei brevemente alguns desafios e conquistas da literatura feminina desses lugares.

Um dos desafios enfrentados nas Literaturas Africanas como a cabo-verdiana é a dificuldade em obter as obras, pois muitas são publicadas na Europa, assim gerando um custo alto de aquisição. Uma editora brasileira muito importante, que tem aberto as portas para a publicação de obras da Literatura africana de língua portuguesa é a editora Nandyala, comandada por Íris Amâncio. Essa editora tem tornado os preços dos livros mais acessíveis, trazendo-os para o Brasil, como no caso de três obras da Vera Duarte, *A candidata* (2012), *A palavra e os dias* (2013) e, em comemoração aos trinta anos desde sua primeira publicação em Cabo Verde, *Amanhã Amadrugada* (2023). A escritora Vera Duarte reconhece a importância da editora brasileira nos versos:

Divas

à Íris Amâncio

Com vento mofino

Ou brisa suave
 No verde esmeralda
 ou em vermelho sangue

Em flor do Sahel
 Ou orquídea veneziana
 Na rocha nua e altiva
 Ou em vales profundos

As palavras dolentes
 Brotaram de teus lábios
 Em suaves cadências
 E profundas ressonâncias

**Tua voz vibrante
 Capturou todos os extremos
 E reverberou das ilhas
 Para o universo do mundo**

(Duarte, 2018a, p. 73, grifo meu)

O poema está inserido no livro *De Risos & Lágrimas* (2018), dedicado a Íris Amâncio, responsável pela editora. A voz poética expressa o ambiente das ilhas, a brisa do mar, as praias com suas belezas naturais em cor “verde esmeralda”. Além das belezas naturais, os versos rememoram o tempo colonial do sangue dos corpos africanos entregues a escravidão. Nos versos “Em flor do Sahel”, expressa a região pertencente a África ocidental, entre o deserto do Saara e a savana no Sudão, a “flor do Sahel” símbolo de resistência por sobreviver no deserto. Palavras que brotam do chão das ilhas e assim como a “flor do Sahel” resistem. Nos versos “As palavras dolentes / brotaram de teus lábios / Em suaves cadências / E profundas ressonâncias” palavras que expressam o sentimento profundo e que navegaram para além das ilhas “para o universo do mundo”. A voz poética da Vera Duarte expressa a importância da editora brasileira para a divulgação das obras africanas. Em entrevista, a escritora reflete que:

Eu acho extraordinário, porque penso que é uma generosidade muito grande das pessoas. Segui muito a lei do Presidente Lula, a 10.639/03, que obrigou o estudo da cultura africana no ensino fundamental. É uma generosidade muito grande que pessoas num país como o Brasil se interessem e estudem a nossa escrita. Foi uma descoberta muito boa, porque somos sociedades geradas pela mesma matriz (Duarte, 2013, p. 12).

Vera Duarte reflete a importância dos estudos e pesquisas brasileiras sobre suas obras e a relevância da lei que atribui o ensino da cultura africana no Brasil. A escritora discute a aproximação entre Cabo Verde e Brasil, com identidades formadas pela mestiçagem e reconhece o valor das pesquisas brasileiras sobre a literatura africana.

Apesar dos desafios, a escrita da Vera Duarte tem sido presenteada, recebendo um grande destaque em grupos de Estudos literários brasileiros, tendo reconhecimento

nacional e internacional. Entre as escritoras cabo-verdianas, Vera Duarte é a que tem maior visibilidade. Segundo Gomes (2019), “nesta virada para a segunda década do século XXI, obras de autoria feminina têm se destacado no panorama nacional e internacional, obtendo prêmios e visibilidade considerável em eventos, festivais e outros dispositivos legitimadores no campo literário” (Gomes, 2019, p. 76). Desse modo, é de grande importância criar espaços para que essas e muitas outras escritoras possam ser ouvidas, lidas e pesquisadas. Vera Duarte (2013) reflete que:

Mas nem sempre foi assim. Durante muito tempo a invisibilidade foi total e isto chegou quase até nós. Eu diria que fomos nós as escritoras contemporâneas, com o apoio de alguns investigadores, que começamos a mudar tal situação lutando contra o memoricídio a que as escritoras antes estavam voltadas, a falar delas a garimpar o terreno descobrindo novos nomes e trazendo-as para o convívio literário. Até há pouco tempo qualquer antologia de escritores caboverdianos só mencionava homens e ainda há escassos 3 anos uma antologia de poesia cabo-verdiana só trouxe homens (Duarte, 2013, p. 12).

A escritora reflete sobre a invisibilidade da escrita da mulher cabo-verdiana e afirma que foi a partir das escritoras contemporâneas que as mulheres começaram a escrever e publicar. Como afirma a pensadora Evaristo (2017), “é eu tenho dito, para nós mulheres negras, que escrever e publicar é um ato político [...]” (Evaristo, 2017, on-line). Ao escrever, as escritoras cabo-verdianas trazem um novo olhar para as ilhas, o olhar e a tinta da mulher, que por pouco tempo foi representada na literatura. Ao escrever, lutam contra o memoricídio da escrita feminina. Em conformidade a escritora cabo-verdiana Dina Salústio (2018),

Não sabemos como foi de facto a nossa história vista e sentida pelas mulheres, nem sabemos pelas vozes de escritoras como as mulheres viveram e sentiram a escravatura, os abusos, as secas, ou a solidão na ilha enquanto os filhos e os companheiros partiam. Nada sabemos sobre as relações conjugais e familiares, nem sobre os desajustamentos sociais ou dos sentimentos, nem sabemos por palavras delas e com a sua emoção porque não encontramos os escritos que elas produziram. Também não sabemos se elas escreveram sobre isso, porque literariamente não existiram enquanto sujeito e voz, de tal modo que, desatentos, pôde-se considerar que a mulher não existia enquanto ser pensante (Salústio, 2018, p. 25).

A escritora cabo-verdiana Dina Salústio também reflete a exclusão da escrita feminina em Cabo Verde. Sem a referência da escrita feminina, as mulheres cabo-verdianas inauguram um novo olhar para a escrita de Cabo Verde. Essas escritoras têm transformado a realidade da escrita feminina das ilhas, com “uma escrita que traz nova maneira de escrever Cabo Verde e o mundo. Uma escrita feita com o sentir e as sensibilidades das mulheres, a sua experiência, os seus interesses, seus valores, com a sua

própria voz” (Salústio, 2018, p. 25). Ao escrever, a mulher deixa de ser objeto de escrita e passa a ser sujeito de sua escrita, vivências, histórias e memórias.

A literatura feminina amazonense também encontra muitos desafios, pois, não estando nos holofotes editoriais, as autoras amazônidas muitas vezes precisam sair de seus estados, buscando ser lidas e reconhecidas. Nem todas as escritoras amazonenses possuem prêmios literários reconhecidos nacionalmente e internacionalmente. São escritoras que, por vezes, estão sendo invisibilizadas, fora dos grupos de pesquisa e produções acadêmicas. Em entrevista, a escritora Marta Cortezão ressalta a importância dos grupos de estudo voltados à Literatura Amazonense, afirmando que “a autoria feminina do norte, centro-oeste e nordeste que são as regiões que menos tivemos essas oportunidades, então assim, isso é muito importante é um plus um ponto a mais que vem a somar” (Cortezão, 2023, on-line). Assim, a autora expõe as desigualdades existentes, a falta de oportunidades dessas escritoras perante outros estados brasileiros.

Para divulgar seus trabalhos e vender seus livros, a maioria das escritoras utilizam as redes sociais como um meio de divulgação. Desse modo, conforme a própria fala de Marta Cortezão em entrevista, “eu, como sou uma escritora independente, é, ser uma escritora independente no mundo não é fácil, porque você tem que se virar nos trinta, é isso que eu faço, viu gente, sou uma vendedora de livros, sou uma escritora, sou uma poeta e vendo livros” (Cortezão, 2023, on-line). A autora mostra que, mesmo no século XXI, para ser escritora, é preciso também ser vendedora de livros, reafirmando os grandes desafios que é preciso enfrentar na contemporaneidade. As redes sociais e internet têm contribuído para uma maior visibilidade, assim, “publicando por conta própria, criando coletivos, apostando na internet e no boca a boca para vender seus livros” (Dalcastagné, 2021, p. 17 *apud* Santos, 2024, p. 20).

Diante dessa reflexão, pode-se pensar que a produção de saberes africanos e amazônicos foram colocados em lugar de subalternidade pelo ocidente, que a mulher também esteve nesse lugar subalterno em relação a produção de saberes e que muitos conhecimentos ainda ocupam esse lugar. Como apontado por Almeida (2010), o papel do intelectual precisa ser:

o de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar para que, quando ele ou ela faça, possa ser ouvido (a). Para ela, não se pode falar pelo subalterno, mas pode-se trabalhar “contra” a subalternidade, criando espaços nos quais o subalterno possa se articular e, como consequência, possa também ser ouvido” (Almeida, 2010, p. 14).

Ao trabalhar contra a subalternidade das mulheres e dos povos africanos e amazônicos, a pesquisa exprime e traz essas vozes como sujeitos da escrita, história e memória. É atuando contra as representações que foram feitas sobre o corpo feminino, a mulher e esses povos que foram vistos como sem cultura, seres irracionais e selvagens que precisavam ser civilizados, domesticados e governados. Conforme Torres (2005, p. 79), “a própria ciência se encarregou de legitimar o preconceito e a discriminação em relação às minorias sociais, inclusive as mulheres, na medida em que busca fundamentar a negação do outro”. O conhecimento foi construído a partir da negação do outro, negando a possibilidade de fala e produção de saberes.

Em conformidade, Quijano (1992) reflete que a cultura europeia se impôs como verdade única e moldou a forma de conhecimento,

E tais desigualdades são percebidas como de natureza: só a cultura europeia é racional, pode conter “sujeitos”. As demais não são racionais. Não podem ser nem almejar “sujeitos”. Em consequência, as outras culturas são diferentes no sentido de serem desiguais, de fato inferiores por natureza. Só podem ser “objeto” de conhecimento ou de práticas de dominação. Nessa perspectiva, a relação entre a cultura europeia e as outras culturas se estabeleceu e, desde então, se mantém como uma relação entre “sujeito” e “objeto” (Quijano, 1992, p. 6).

A Europa, como padrão cultural, separou quem eram os sujeitos produtores de conhecimento e quem eram os objetos de dominação, impondo uma verdade única. O colonialismo ocidental, como dominação, impôs sua cultura como única forma de conhecimento, excluindo outros saberes, relegando-os a objetos. Países marginalizados e periféricos como Brasil e Cabo Verde, foram sucumbidos pelo Ocidente, como se não existissem outras formas de conhecimentos, culturas e línguas.

Contrariando a colonização epistêmica e o modo de viver capitalista de consumo, Antônio Bispo dos Santos, mais conhecido como Nego Bispo, em seu livro *A terra dá, a terra quer* (2023), reflete que o colonialismo tem transformado a forma de pensar e viver no mundo. O pensador quilombola expõe que é preciso enfraquecer o colonialismo, resgatando as memórias ancestrais e construindo novos saberes contracoloniais, construindo, assim, novos saberes que estão a criar “um antídoto: estamos tirando o veneno do colonialismo para transformá-lo em antídoto contra ele próprio” (Santos, 2023, p. 36-37). Desse modo, instiga-se a viver e olhar a vida e os saberes com as lentes contracoloniais, valorizar os saberes ancestrais, tradicionais, resgatar a memória que a colonização tentou apagar.

Nesse mesmo pensamento de desconstrução e resistência, a feminista nigeriana Adichie (2019), em seu texto *O perigo de uma história única* (2019), tece suas reflexões

acerca de uma “única história” que nos é contada. A pensadora, em seu texto, relata que, todos os livros que ela lia em sua infância traziam personagens brancos e de olhos azuis, e, assim, ela reproduzia, em sua escrita, esses personagens, mesmo morando na Nigéria. Eram personagens com os quais ela não se identificava. Porém, ao se deparar com a literatura africana, sua forma de conhecer o mundo ganha outros olhares, pois “é assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (Adichie, 2019, p. 9). Através das mídias, do capitalismo e da globalização, histórias são contadas pelas mãos e sob o olhar europeu, tornando-se verdades únicas. Como adverte Adichie (2019), esse é um “perigo”, pois acabamos acreditando nessas narrativas como se fossem verdades absolutas.

Ao resistir à “única história” narrada, a pesquisa pretende mergulhar na literatura contemporânea de países que sofreram ou ainda sofrem com o colonialismo epistêmico, questionando as representações hegemônicas, eurocêtricas que foram narradas, permitindo o conhecimento de outras narrativas, ao invés de uma “única história” colonizadora. Segundo Torres (2008), “é preciso construir uma outra epistemologia que instaure uma nova ordem de conhecimento diferente do pensamento único, dominante e universal” (Torres, 2008, p. 1). As escritoras, ao trazerem, para sua poesia, a cultura, a identidade dos seus povos, a língua crioula e amazônica, a temática das minorias, da emancipação da mulher e dos Direitos Humanos, estão a desconstruir as narrativas que foram plantadas pelo olhar do colonialismo.

Morin (2011), em seu texto “Para um pensamento do Sul” (2011), expõe que, para desconstruir essa narrativa única, é preciso:

misturar essas heranças culturais mediterrâneas com as heranças culturais africanas e sul-americanas. Por mais diferentes que sejam, todas elas comportam modos míticos ou religiosos de integração no cosmo e na natureza, dos quais devemos extrair a verdade profunda e ligá-la à nossa nova consciência ecológica, que reconhece nossa integração na biosfera, algo que o devir da mundialização continua a degradar, impulsionado pelo norte (Morin, 2011, p. 12).

O autor reflete que as heranças culturais precisam se entrelaçar, mesmo que sejam diferentes, e expõe a diversidade cultural como “verdade profunda”. A mundialização, como forma de progresso não se sustentou, e os modos de conhecimento e de vida ocidentais impostos não se encaixam como o modo de viver do Sul. Ser ponte entre os saberes e culturas é o que o pensador propõe, não separando, mas entrelaçando os conhecimentos entre os continentes. Ainda em Morin (2011),

Existem evidentemente vários "suis", muito diferentes uns dos outros, mas que são submetidos à concepção única vinda do Norte, do atraso, do subdesenvolvimento, do imperativo do desenvolvimento e da modernização. Essa visão impede perceber que nos "suis" existem qualidades, virtudes, artes de viver, modos de conhecimento que deveriam não apenas ser salvaguardados, mas também propagados pelos "nortes". Para chegar à plena consciência das qualidades e virtudes do Sul, seria preciso um pensamento do Sul (Morin, 2011 p. 10).

São esses muitos “suis” que a pesquisa pretende trazer, vistos, pela perspectiva eurocêntrica no “Norte”, como “atraso”, e que são povos com suas culturas, identidades e saberes sujeitos de suas histórias. O pensador reflete que, para desconstruir essas narrativas, somente outro pensamento, o pensamento do “Sul”, assim como outras formas de produção de conhecimento, precisa ser reconhecido.

As duas escritoras, ao expressarem em sua poesia o protagonismo, a cultura, identidade e os saberes dos povos, estão a desconstruir as narrativas sobre eles que foram plantadas como verdades únicas. Assim, fazem com que esses saberes sejam reconhecidos e que não se percam na história, na literatura e fiquem registrados porque “recordar é preciso” e é preciso lembrar que esses povos e suas culturas resistiram.

Após algumas reflexões, no próximo capítulo abordaremos sobre as temáticas presentes nos poemas das escritoras como: a temática da água seja o mar para os cabo-verdianos ou os rios para o ser amazônica, memória e a linguagem do povo cabo-verdiano e amazonense.

CAPÍTULO 2: MULHERES DAS ÁGUAS, TERRAS E FLORESTAS: VOZES DOS RIOS E MARES

Recordar é preciso

O mar vagueia sob os meus pensamentos.
 A memória bravia lança o leme:
 “Recordar é preciso”.
 O movimento de vaivém nas águas-lembranças
 dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
 salgando-me o rosto e o gosto.
 Sou eternamente naufraga,
 mas os fundos oceanos não me amedrontam
 e nem me imobilizam.
 Uma paixão profunda é a boia que me emerge.
 Sei que o mistério subsiste além das águas.

Conceição Evaristo (2012, p. 9)

2.1 Laços históricos entre Cabo Verde e o Brasil

A pensadora Evaristo (2012), em seu texto, traz como epígrafe o poema acima. Sua voz poética relembra o tempo de escravidão, das navegações que ancoravam para colonizar o Brasil, terra já habitada pelos povos originários¹³. No movimento das águas, surgem as memórias de dores, mas, também, de resistência, pois isso não lhe amedronta, uma vez que, dos oceanos, emerge a força do povo africano. “Navegar é preciso. Terra à vista” foi um sintagma glorioso somente para os que chegavam. Avistar a terra era o antegozo da posse. Terra à vista não instituiu uma descoberta e, sim, um apagamento do outro” (Evaristo, 2012, p. 160). Pelas navegações vindas do Atlântico ao Brasil, corpos africanos foram escravizados, violentados, culturas foram excluídas. Nos versos do poema “Recordar é preciso”, é necessário trazer à memória as lembranças das águas, seja dos rios ou mares, memórias de resistências e “escrevivências”. Rememorar é preciso e é isso que analisarei nos demais tópicos.

A pensadora Evaristo (2012) relembra as memórias da colonização e da ancestralidade africana no Brasil, das águas emergem as lembranças de um passado colonial que cruzou a África ao Brasil. Lembranças de uma África escrava que aportou em terras brasileiras, nas quais se construiu a identidade mestiça brasileira. Neste tópico, serão abordados os laços históricos que uniram Cabo Verde ao Brasil, como bem expressa o poema a seguir:

¹³ EVARISTO, Conceição. ÁFRICA: ÂNCORA DOS NAVIOS DE NOSSA MEMÓRIA. *Via Atlântica*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 159–166, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/51689>. Acesso em: 6 nov. 2024.

Ode ao Brasil

à Dirce Carrion

Ah Brasil terra sabe
Teus verdes e tuas matas
Beijam meu coração sequioso
Pasto de todas as estiagens

Tu és Vera cruz
E abraçada a ti
Meu sangue saheliano
Se vivifica
E me transporta
Do Amazonas a Salvador
De Aparecida ao Ceará

Ah Brasil terra de morabeza
Deixa que estas ilhas africanas
jangada de pedra à deriva
Em busca da perdida atlântida
Se acostem
A tua africana ancestralidade
E entre a baía das Gatas
E a foz do Iguaçu
Entre Santa Catarina Altiplano
E a São Paulo desmesurada
Se entretêm
As estradas
Da nossa fraternidade

Ah Brasil, terra nostra
A ti vieram todos
Primeiro lusos salientes
E as tropas de Ginga a rainha
Antes destemidos guerreiros
Em torso cativo tornados
Também vieram os anglos
Que germinaram orquídeas
Francos de arlequim
Camponas, alemães
E asiáticos meticulosos

A ti vieram todos
E com suas lanças e laços
Suas almas e artes
suas enxadas revoltadas
Das minas extraíram riquezas
Das matas esculpiram jardins
Em recantos de paraísos tornados
Por nova gente habitados

Ah Brasil terra de fraternidade
Antigas ressonâncias
Rumores recentes
De navios negreiros
E escravos foragidos
De Cabral a Mourão
Nos dizem irmãos

Deixemos então
 Que cresça nossa união
 Neste tempo miscigenado
 Que o mundo em nós ganhou

(Duarte, 2018a, 76-78)

O poema está inserido na última parte intitulada “Das rotas do encantamento” no livro *De Risos & Lágrimas* (2018). Encontramos, também, o poema na parte dedicada ao “Brasil Nação irmã” no livro *As palavras e os dias* (2013). O mesmo poema está inserido nas duas obras, assim como outros poemas, e as obras da autora demonstram estar interligadas umas às outras.

A voz poética de Vera Duarte exprime o afeto e o enorme carinho que tem pelo Brasil e pelo povo brasileiro, uma fraternidade construída através das águas do Atlântico, dos navios negreiros que cruzavam Cabo Verde e chegavam ao Brasil. Duas nações, ex-colônias portuguesas, formadas a partir de identidades mestiças e culturas híbridas, o Brasil, formado por Indígenas, europeus e africanos, e Cabo Verde, formado por africanos e europeus.

Para melhor compreensão do tópico, exponho dois mapas: o primeiro, mostrando a localização geográfica do Brasil e de Cabo Verde e o segundo, mostrando as ilhas que compõem o arquipélago.

Figura 1 - Mapa da localização geográfica de Cabo Verde



Fonte: <https://www.caboverdeexpert.com/pt/cabo-verde-localizacao/#gsc.tab=0>

Figura 2- Mapa da localização geográfica das Ilhas pertencente a Cabo Verde.



Fonte: <https://www.sepoangol.org/cverde.htm>

Cabo Verde é um país pertencente ao continente africano, localizado no Oceano Atlântico, na costa Ocidental da África. O arquipélago é constituído por dez ilhas vulcânicas, que se dividem em dois grupos: o de Barlavento, de onde sopra o vento, com as ilhas de São Vicente, São Nicolau, Santo Antão, Santa Luzia, Sal e Boa Vista, e o de Sotavento, por onde o vento escoa, constituído pelas ilhas de Santiago, Maio, Fogo e Brava.

As ilhas do Arquipélago de Cabo Verde foram desabitadas até o século XV, quando ele foi descoberto pelo português Diogo Gomes, em 1460. Cabo Verde, em um primeiro momento, serviu apenas de rota marítima entre África, Europa e as Américas, devido a sua estratégica localização, tornou-se entreposto para o comércio de escravos e animais vindos de outros países da África. Além disso, foi “só na segunda metade do século XIX, cessado o tráfico negreiro, é que Portugal procedeu à colonização das ilhas, criando a imprensa, fundando liceus e impondo a língua portuguesa como idioma oficial” (Secco, 2022, p. 2). Após o fim da escravidão, o povo mestiço formado nas ilhas, os cabo-verdianos e os africanos, que ali viviam, foram colonizados por Portugal, que impôs sua língua e sua cultura. Filho (2011) esclarece que:

Terminado o tráfico e comércio de escravos, os cabo-verdianos ficaram entregues ao seu destino, arcando o mulato com a responsabilidade da evolução das ilhas, passando, assim, a ser o motor da formação da sociedade

cabo-verdiana, na medida em que a sua importante contribuição deu lugar àquilo que, em termos socioculturais, se chamou “o mundo que o mulato criou” (Filho, 2011, p. 130-131).

Cabo Verde serviu de rota para as navegações e o comércio de escravos e, com o fim da escravatura, o povo mestiço formado nas ilhas foi responsável por construir a nação. Após o fim do comércio de escravos, o qual gerava grande parte da economia do país, os cabo-verdianos enfrentaram muitas dificuldades na economia local. Com isso, muitas famílias deixaram as ilhas em busca de melhores condições de vida. Outro fator que os cabo-verdianos que resistiram tiveram de enfrentar é o clima seco das ilhas, pois, em Cabo Verde, há baixa precipitação e a grande maioria das ilhas, ao invés de exportar alimentos, precisa importá-los, dificultando ainda mais a vida da população. Os cabo-verdianos que resistiram precisaram se reinventar para sobreviver no arquipélago.

Após contextualizar brevemente sobre Cabo Verde, o poema em análise, “Ode ao Brasil”, é dedicado à brasileira Dirce Carrion, a qual tem coordenado muitos projetos, entre eles o “Olhares cruzados”, pertencente à Organização Imagem da Vida¹⁴, da qual Carrion é presidente. Através de oficinas de fotografia, música, educação, cultura, entre outras realizadas com crianças e jovens, o projeto tem “cruzado olhares culturais” entre os estados brasileiros do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Amazonas, Maranhão, Pernambuco, São Paulo, Pará, Piauí e Minas Gerais, chegando a outros países, como Cabo Verde, Angola, Moçambique, Haiti, Senegal, Congo, Bolívia, Guiné Bissau, Paraguai, Mali, Etiópia e Gana.

A partir dessa troca de olhares culturais e saberes, o projeto valoriza a ancestralidade africana no Brasil, cruzando culturas entre essas localidades. Através do projeto, foram publicados livros, sendo um dos livros, *Brasil - Cabo Verde: Olhares cruzados*¹⁵. Nas primeiras páginas do, encontramos o poema “Ode ao Brasil”, assim como um texto de Vera Duarte e de Simone Caputo Gomes.

Sobre os poemas dedicados ao Brasil presentes na obra *De Risos & Lágrimas* (2018), Vera Duarte, em entrevista, afirma que:

É sobretudo um livro que tem poemas muito dedicados. Tenho um relacionamento literário intenso com o Brasil, e devo muito ao país, à

¹⁴ A organização “IMAGEM DA VIDA” é uma organização da sociedade civil, que atua nas áreas de educação, direitos humanos, defesa da diversidade e do meio ambiente. O nosso público prioritário são comunidades vulneráveis, tradicionais, quilombolas e indígenas brasileiras e internacionais. Focamos na valorização dos saberes locais, no respeito às diversidades cultural e étnica, no protagonismo juvenil e na preservação do meio ambiente (site <https://imagemdavida.org.br/quem-somos/>).

¹⁵Todos os livros do projeto “Olhares cruzados” estão disponíveis para download no site <https://imagemdavida.org.br/publicacoes/>.

academia, às universidades e aos estudiosos brasileiros, toda a visibilidade que acabei por ter em termo de literatura. Acho que este livro está a fazer um tributo, não só a muitos dos nossos, mas também a muitos brasileiros (Duarte, 2018c, on-line).

O Brasil tem muito da África assim como a África tem muito do Brasil, seja na cultura, culinária, música, religião e na identidade mestiça na qual se formaram Brasil e Cabo Verde. Trata-se de um afeto histórico e pessoal em que a poeta dedica alguns poemas que fazem parte do seu livro, em “Das rotas do encantamento”, a brasileiros, como aponta Leite (2008)

Outros longos poemas, como “Ode ao Brasil”, “Ode a Mindel”, “Vozes atlânticas fala ao Brasil” postulam também de uma certa continuidade entre a experiência do espaço e a linguagem, revelando, para além dos percursos de viagem da autora e seu especial afecto pelo Brasil, os muitos especiais afectos e partilhas culturais e literárias entre Cabo-Verde e o Brasil, além da evocação de outras épocas históricas que a rota atlântica guarda como memória de dor: (Leite, 2008, p. 10).

A poeta já esteve muitas vezes no Brasil e tem uma amizade com os brasileiros. Ademais, como apontado acima, o cabo-verdiano tem uma aproximação com o Brasil e essa conexão foi construída através da diáspora dos povos africanos que serviram de mão de obra escrava para o crescimento do Brasil. Sobre o título do poema *Ode ao Brasil*, Leite (2018) afirma que:

Ode é um género poético que permanece desde a antiguidade clássica [...]. As odes podiam ser monódias (cantadas por uma única voz) ou corais (interpretadas por um grupo de pessoas). Apesar da sua variedade temática, ode costuma expressar a admiração por algo ou alguém, um poema criado com o objectivo de homenagear ou exaltar (Leite, 2008, p. 11).

O poema é um tributo ao Brasil e aos brasileiros e, nele, percebemos o afeto e a admiração pelo país, nação irmã, além do desejo de que essa união cresça ainda mais. O eu-poético inicia seus versos exaltando a beleza do Brasil, “Ah Brasil terra sabe / Teus verdes e tuas matas”, exprimindo as belezas naturais, suas abundantes florestas e verdes matas geram a vida brasileira. Em contradição, nos próximos versos, “Beijam meu coração sequioso / Pasto de todas as estiagens”, é mostrada a realidade da vida cabo-verdiana, na qual tem-se de enfrentar severas secas e a dificuldade vivenciada com a falta de água. Os versos demonstram aproximação e se posso dizer uma intimidade com o Brasil.

Na segunda estrofe, “Tu és Vera Cruz”, o eu-poético relembra o nome dado ao Brasil pelo colonizador, “Vera Cruz”, e rememora o tempo da colonização, dos corpos africanos e indígenas, que foram feitos escravos para que a terra chamada “Vera Cruz” fosse explorada, e, assim, fosse formado o Brasil mestiço. Nos próximos versos, “E

abraçada a ti” / Meu sangue saheliano / Se vivifica”, é expressa a irmandade entre os dois países, irmãos mestiços e ex-colônias portuguesas, rememorando a ancestralidade africana do Brasil. No verso “Meu sangue saheliano”, o eu-poético afirma pertencer a região semiárida da África, entre o deserto do Saara e as savanas pertencentes ao Sahel. Nos versos seguintes, “E me transporta / Do amazonas a salvador / De aparecida ao ceará”, o eu-poético transita por estados e cidades brasileiras.

Na próxima estrofe, no verso, “Ah Brasil terra de morabeza”, a expressão “morabeza” é um termo da língua crioula cabo-verdiana que significa “a capacidade que o cabo-verdiano possui de acolher com cordialidade, o que é culturalmente singular” (Madeira, 2015, p. 61), significando a amizade, gentileza e hospitalidade cabo-verdianas. A interpretação do poema “Ah Brasil terra de amizades, terra hospitaleira” demonstra a aproximação de amizade e fraternidade entre os dois países. Quanto aos próximos versos, “Deixa que estas ilhas africanas / jangada de pedra à deriva / em busca da perdida Atlântida”, Abdala Jr (1995), esclarece que:

Veamos a simbologia de A jangada de pedra, de José Saramago, que aponta para o imaginário que nos singulariza em relação à Europa – um imaginário simbolicamente << infernal >>, mestiço, crioulo, no sentido que estamos desenvolvendo, e que se opõe à pureza das imagens << celestiais >> da tradição cultural dos centros hegemônicos europeus (Abdala Jr, 1995, p. 20).

No romance *A jangada de pedra*, do escritor português José Saramago, a península ibérica é afastada do continente Europeu e, sem rumo, navega o mar do Atlântico. Porém, ao se desprender da Europa, a península Ibérica encontra sua identidade, uma metáfora que simboliza o afastamento do Ocidente, “como uma jangada num mar vital, a utopia, da mesma forma que na efabulação maravilhosa de Saramago, também aqui deve aportar – o futuro se fazendo presente – para aproximar africanos, portugueses e brasileiros” (Abdala Jr, 1995, p. 24). Metaforicamente, Cabo Verde, ao ir em busca de suas raízes identitárias, se afasta da Europa colonizadora, para navegar ao encontro de uma identidade que mais se aproximasse de sua ancestralidade africana. Abdala Jr (2008), no prefácio da obra de Gomes (2008), cita a música de Caetano Veloso, “A língua é minha pátria / Eu não tenho pátria, tenho mátria / E quero fráttria” (Abdala Jr, 2008, p. 10), e aponta que Cabo Verde tinha como símbolo de paternidade a Europa, como mãe a África e como irmão mestiço o Brasil, expressando o desejo de desconexão com a Europa e aproximação com as raízes identitárias africanas e com o Brasil mestiço.

Nos próximos versos, o eu-poético age como se fizesse um pedido: “Deixa que estas ilhas africanas / jangada de pedra à deriva / Se acostem / A tua africana ancestralidade”. Além disso, ao resgatar a ancestralidade africana, relembra que as raízes

identitárias brasileiras além de indígenas são também africanas, um Brasil de afrodescendentes.

Nos próximos versos, “E entre a baía das gatas/ E a foz do iguaçu/ Entre santa catarina altiva / E a são paulo desmesurada / Se entretçam / As estradas / Da nossa fraternidade, o uso das letras iniciais minúsculas faz com que o poema entrelace as localidades cabo-verdianas e brasileiras, colocando-as em pé de igualdade. O mesmo ocorre no verso “baía das gatas”, lugar pertencente à Ilha de São Vicente em Cabo Verde, local onde acontece um grande festival de música reconhecido internacionalmente, no qual muitos músicos, incluindo brasileiros, já se apresentaram. Nos versos seguintes, nota-se a cidade brasileira de “foz do iguaçu” e a localidade cabo-verdiana de “santa catarina”, pertencente à Ilha de Santiago em Cabo Verde, assim como também temos, no Brasil, o estado de Santa Catarina. Dessa forma, o poema entrelaça localidades brasileiras e cabo-verdianas, unindo esses dois mundos, mostrando os laços de irmandade que geraram “As estradas / Da nossa fraternidade”. Tais laços de irmandade Vera Duarte esclarece em:

E se O Brasil, tal como Cabo Verde, é uma sociedade crioula e de origem escravocrata, aqui a paternidade é nossa, pois foi destas ilhas perdidas no atlântico, descobertas pelos portugueses em 1460, que foram para o Brasil os inhames, as cabras, as vacas, os homens escravizados e ladinizados e também o modelo societal que veio a florescer nesse Brasil imenso, descoberto pelos portugueses anos depois em 1500. Talvez venha dessa ancestralidade o incontornável sentimento de **ligação umbilical** que desde sempre me prendeu ao Brasil (Duarte, 2013, p. 129 grifo meu).

Vera Duarte expressa a relação histórica entre Cabo Verde e o Brasil, nações formadas a partir da colonização, pois foi através do comércio de escravos em Cabo Verde que os africanos escravos, animais e plantas eram trazidos ao Brasil. O poema expressa esse “sentimento de ligação umbilical”. Dando continuidade, o verso “A ti vieram todos”, que repete algumas vezes no poema, menciona os povos que migraram para o Brasil, tais como: europeus, africanos, alemães, germânicos e asiáticos, povos que cruzaram suas heranças culturais e identitárias. Na sequência, “A ti vieram todos / E com suas lanças e laços / suas almas e artes / suas enxadas revoltas / Das minas extraíram riquezas / Das matas esculpiram jardins / Em recantos de paraísos tornados / Por nova gente habitados” recorda o tempo da escravização dos povos originários e africanos, a exploração das riquezas brasileiras e os laços que se formaram de um novo povo habitado em terras brasileiras.

A penúltima estrofe, “Ah Brasil terra de fraternidade / Antigas ressonâncias/ Rumores recentes / Dos navios negreiros / E escravos foragidos”, expressa a fraternidade e o parentesco que se formaram no Brasil às custas do sangue africano, evocando os antigos sons dos navios negreiros, que aportavam em Cabo Verde, na rota das navegações, e ancoravam nas Américas, e as vozes recentes de uma aproximação histórica e cultural.

O poema, nos versos “De Cabral a Mourão / Nos dizem irmãos”, resgata em memória um importante símbolo de resistência, o africano Amílcar Cabral, um “combatente da liberdade” que atuou na luta contra a colonização de seu povo africano e cabo-verdiano. Líder político, engenheiro agrônomo e poeta, lutou pela independência de Guiné Bissau e Cabo Verde, compondo o Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC). Atuou em muitos movimentos em prol da libertação colonial, terminando seus dias assassinado pelos membros do seu próprio partido a mando da colonização portuguesa. A esse respeito, Gomes (2008) esclarece que “a libertação era, para Amílcar Cabral, um ato de ‘produção de História’. Desta forma, os africanos recuperariam a condição de vida, capazes de formular um sentido que excedesse e transcendesse o presente” (Gomes, 2008, p. 80). Mais do que apenas se libertar da colonização, para Amílcar Cabral, o povo africano precisava construir sua própria identidade, o ser africano.

Nos últimos versos, “Deixemos então / Que cresça nossa união / Neste tempo miscigenado / Que o mundo em nós ganhou”, o poema exprime a rota Atlântica do tempo colonial, a escravização dos povos africanos que, através desse encontro violento marcado por sangue e sofrimento, constituem dois povos mestiços: os cabo-verdianos e os brasileiros. Laços ancestrais que, na contemporaneidade, têm construído “sentimentos esses que são absolutamente recíprocos deste outro lado do Atlântico, que é Cabo Verde, onde o Brasil é considerado um verdadeiro país irmão” (Duarte, 2013, p. 127). Ao longo do poema, percebemos que o eu-poético demonstra o cruzamento histórico e cultural entre as duas nações, afetos construídos em um Brasil de afrodescendentes,

São vozes atlânticas
De um oceano tornado estrada
De um amor doce e sentido
Unindo o imenso brasil
Ao nosso pequeno cabo verde.

(Duarte, 2018a, p. 90-92)

A poeta tem outros poemas dedicados aos brasileiros, como os versos do poema apresentado acima, ¹⁶*Vozes atlânticas – fala ao Brasil*, dedicado à pesquisadora Simone Caputo Gomes. Cabo Verde, como já vimos, tem uma aproximação histórica e cultural com o Brasil. Em entrevista, Vera Duarte (2013) afirma que:

Por isso é que digo que já vivemos o relacionamento com o Brasil há três estações: a estação da dor – quando daqui partiam escravos que iam para o Brasil, sobretudo para o nordeste –, mas que deixou marcas culturais também; depois, a estação da assimilação, que foi quando os ecos do Brasil vieram para Cabo Verde, seja através da Semana de Arte Moderna de São Paulo e toda essa literatura de Mário de Andrade e outros, seja pelos regionalistas brasileiros como Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Jorge Amado. Os nossos Claridosos leram isso e se identificaram com essa escrita. Digo que, agora, vivemos a estação do amor, porque cruzamos o oceano em dois sentidos: vão cabo-verdianos para o Brasil, vêm brasileiros para Cabo Verde (Duarte, 2013, p. 12).

Vera Duarte expõe três momentos que uniram Cabo Verde ao Brasil: a estação da dor, representando a colonização, a estação da assimilação, em que Cabo Verde, ao buscar uma Literatura que mais se aproximasse de sua identidade mestiça e a realidade das ilhas, encontra na Literatura Brasileiras traços cabo-verdianos, e a estação do amor, que, na contemporaneidade, encontra essa reciprocidade entre as nações.

Parafraseando Gomes (2008), Cabo Verde se espelha no Brasil, seu irmão de identidade mestiça, para, sim, fincar seus pés em sua terra e identidade. Outro fator de afinidade entre os dois países foi que os escritores Claridosos¹⁷ cabo-verdianos, almejando ter uma Literatura que retrata o chão das ilhas, não mais a luz do modelo colonizador, se identificaram com a Literatura que era produzida no Brasil. Cabo Verde se espelha na Literatura, música e cultura brasileiras para construir sua identidade, não mais pelo olhar colonizador, mas pelo olhar de um outro povo colonizado. “O Brasil, recém-independente e com literatura divulgada em terras lusas, passava a ser um modelo de afirmação mestiça no qual Cabo Verde buscava a sua identidade” (Gomes, 2008, p. 133). Assim, Cabo Verde se espelha no Brasil.

Ainda em Gomes (2008), “ao apropriar-se da literatura brasileira como patrimônio simbólico, o colonizado africano, nos espaços de língua portuguesa, abria caminho para o seu protagonismo no campo da literatura e da cultura” (Gomes, 2008, p. 114). Ao almejarem uma Literatura própria das ilhas e ao se enxergarem na Literatura produzida no Brasil, os escritores cabo-verdianos se tornam sujeitos de suas histórias, trazendo, para a sua Literatura, as raízes das ilhas.

¹⁶ Ao final do tópico, o poema será apresentado por inteiro.

¹⁷ A revista *Claridade* marca o início do movimento literário modernista em Cabo Verde, representando um novo período para literatura que era produzida nas ilhas.

Em concordância, sobre o entrecruzar de culturas o cabo-verdiano, Pereira (2011) esclarece que:

Já mais para os meados do século XIX, é através do Porto Grande S. Vicente que se dará continuidade a esse relacionamento, pela frequência dos barcos brasileiros que demandavam esse porto, a caminho da Europa. Esse fato influenciou, decisivamente, a implantação e desenvolvimento do carnaval da cidade do Mindelo, a nossa música, assim como marcado, profundamente, a literatura cabo-verdiana (Pereira, 2011, p. 29).

Foi através do porto da ilha de São Vicente, rota para os navios entre a Europa e as Américas, que a cultura brasileira foi sendo introduzida a Cabo Verde. A cultura, a literatura, assim como a música e as festividades do Brasil foram sendo introduzidas nas ilhas.

Sobre o movimento Modernista, tecendo diálogos com a Literatura amazonense, já que a pesquisa faz esse entrelaçar poético dessas vozes, é importante ressaltar que os intelectuais e escritores amazonenses desejosos de uma mudança cultural e literária que mais se aproximasse da realidade amazônica e influenciados pelo movimento do Modernismo, criaram o Clube da Madrugada¹⁸.

O Movimento Modernismo Literário no Brasil teve seu início com a Semana de Arte Moderna, em 1922, influenciando os escritores cabo-verdianos pertencentes ao Movimento dos Claridosos, assim como os escritores amazonenses pertencentes ao Movimento Clube da Madrugada. Almejava-se uma Literatura mais próxima tanto das raízes identitárias e culturais das ilhas em Cabo Verde, quanto dos rios no estado do Amazonas. Esses dois movimentos influenciados pelo Modernismo brasileiro trouxeram um novo olhar para a Literatura que era produzida nessas localidades.

O tópico abordou a relação histórica e cultural que uniu Cabo Verde ao Brasil, através das águas do Oceano Atlântico essas duas nações se aproximaram. Cabo Verde como entreposto para o comércio de escravos serviu de rota para as navegações unindo Europa, África e as Américas. Ao cruzar das culturas Cabo Verde se espelha em seu irmão Brasil para sim fincar suas raízes cabo-verdianas. A água foi um símbolo de conexão entre essas duas nações de povos mestiços, no tópico seguinte abordaremos a importância das águas para Cabo Verde e para o Amazonas expressa na poesia das escritoras que compõem a pesquisa.

Por estarmos no final do tópico, segue o poema completo citado acima:

¹⁸Movimento de intelectuais pertencentes à cidade de Manaus no estado do Amazonas, trouxeram um novo olhar que mais se aproxima-se de sua realidade amazônica para a Literatura que estava sendo produzida.

**Vozes atlânticas
fala ao Brasil**

à Simone Caputo Gomes

Esta voz que daqui vos fala
é a voz que sangra
de milhares de africanos
gente de corpo cativo
que em abjetos convés
cruzaram o atlântico
em navio negreiro tornado

Esta voz que daqui vos fala
é a voz que se cala
de deputados e gente nossa
que no antigamente na vida
quiseram ser brasil
mas a história assim não quis
e a quimera se esfumou
à mesa de coloniais negociações

E às ilhas aportaram
inconfidentes inconformados
resendes e outros que tais
indómitos lutadores mineiros
por tiradentes chefiados

Esta voz que daqui vos fala
é a voz longa e cansada
de bravos emigrantes
que em busca de vida e lida
demandaram terras de vera cruz
e por lá se quedaram
nessa casa tornada sua

Esta voz que daqui vos fala
é a voz leve e cantante
de afoitos e jovens estudantes
que em busca de conhecimento
o atlântico atravessam voando
para em terras brasileiras
sua fome de saber saciarem

Mas esta voz que daqui vos fala
é também a voz bela e inspirada
de mulheres e homens destemidos
que de olhos postos no futuro
do atlântico fizeram rio
para nele navegarem palavras

É a voz dorida de castro alves
a voz suave de jorge barbosa
é a voz finíssima de mourão
voz de vera, voz de simone
a voz belíssima de cesária e daniela
voz de elisa voz de martinho

Vozes que se cruzaram
e cruzam palavras e afetos

somando cantos
nutrindo sonhos
abraçando o mundo.

São vozes atlânticas
De um oceano tornado estrada
De um amor doce e sentido
Unindo o imenso brasil
Ao nosso pequeno cabo verde.

(Duarte, 2018a, p. 90-92)

2.2 Uma poética das águas: O mar, a chuva e os rios

Uma poética das águas: foi pelo Oceano Atlântico que esses povos, suas culturas e a Literatura se cruzaram, como já mencionado acima. São duas vozes poéticas que, em suas vivências, memórias e histórias, são marcadas pelas águas, sejam salgadas como as águas do mar do Oceano Atlântico, ou doce como águas dos rios amazônicos. Após expor, anteriormente, a relação histórica que uniu Cabo Verde ao Brasil, neste tópico, será abordada a importância das águas para Cabo Verde e o Amazonas, bem como a imagem da água presente nas poesias desses locais.

A água é um elemento que exerce influência no ser humano, cobrindo 70% do planeta, sendo símbolo de vida, purificação, rejuvenescimento, renascimento e morte. Para o ser cabo-verdiano e o ser amazonense, a água está presente em suas vivências, assim como também se faz presente na Literatura, tendo uma simbologia importante para essas localidades. Assim, notam-se um símbolo de vivências e memórias, pois, através das águas, encontram-se a vida e a morte, bem como um símbolo de encontros e despedidas, de saudade e esperanças, de aproximação e distâncias, de alegrias e dores, de libertação e aprisionamento.

Cabo Verde, como já mencionado, é um arquipélago formado por dez ilhas vulcânicas, localizadas no oceano Atlântico. O mar sempre esteve presente na vida dos cabo-verdianos, de modo que as ilhas, ondas, navegações, pesca, paisagens marítimas, ou seja, todo esse cenário marítimo, fazem parte do cenário do país. Além disso, o mar exerce grande influência na vida e na economia dos cabo-verdianos com a prática de atividades, como a pesca, o turismo, o transporte marítimo, pois é pelo mar que as embarcações saem e chegam com mercadorias, sendo, também, meio de transporte. A imagem do mar ganha muitos símbolos, como de chegadas e despedidas, isolamento, saudades, dores, emigração, mas também representa um mar de esperanças, de redenção e libertação.

Na Literatura, os escritores cabo-verdianos, desde os primórdios, carregam a imagem simbólica do mar, das ilhas, das ondas e das chuvas. Todas essas questões,

inseridas no ambiente marítimo das ilhas, são temáticas presentes na Literatura cabo-verdiana. Conforme aponta Secco (2022),

As metáforas marítimas sempre estiveram presentes nas composições poéticas de Cabo Verde, mas, nas primeiras gerações, o oceano aparecia como elemento enclausurador. As mulheres encontravam-se presas ao cais, esperando, submissas, os amantes, filhos e maridos que saíam para a pesca da baleia ou iam estudar em Portugal. O mar como magma da memória e do inconsciente feminino é uma conquista da novíssima poesia cabo-verdiana que persegue os labirintos interiores do desejo da mulher-poeta. Representante dessa poética atual é Vera Duarte, cujos versos assinalam o direito feminino à eroticidade do próprio corpo e da voz (Secco, 2022, p. 10).

Na Literatura do arquipélago, o mar sempre esteve presente seja para representar a utopia, a busca por um país melhor para se viver, uma vez que muitos cabo-verdianos deixaram seu país, almejando melhores condições de vida. A falta das chuvas em Cabo Verde impede que as ilhas produzam seus próprios alimentos, havendo ilhas em que todos os alimentos consumidos são importados, pois não há como plantar, devido ao clima seco semiárido. Assim, o mar se torna um símbolo de partidas, saudades e dor. Muitas famílias tiveram de abandonar o arquipélago em busca de sobrevivência e trabalho.

Trata-se de um mar de dor e sofrimentos, de memórias da colonização e escravidão, de solidão e saudades, de emigrações, que aprisionava homens e mulheres. Estas se encontravam presas a esse mar de dor, abandono e saudade, mas, na voz poética contemporânea da poeta Vera Duarte, o mar rompe com a barreira da saudade, solidão, e do abandono. As águas ganham outro significado ao navegar em sua imensidão de memórias, enquanto o corpo da mulher sujeito de sua história encontra resistência para existir, como no poema:

Abandono

Não quero mais tornar
ao agreste abandono das praias
onde
em noturna violência
tua ausência me despedaçou
Meu corpo fundiu-se nas grossas areias
e ao amanhecer
só
meus lábios tinham o estranho sabor das algas
Meu corpo
estátua quente
encrustado nas rochas negras
foi invadido pelos bichos
e sepultado no frio salgado das ondas
Meu corpo
de um só amor
bebido pelas águas
desapareceu líquido no mar

(Duarte, 2023, p. 57)

A poeta Vera Duarte faz parte da novíssima geração de escritoras cabo-verdianas, lançando um novo olhar para a simbologia do mar. O poema está inserido no caderno III, na obra *Amanhã amadrugada* (2023), sendo a primeira obra de Duarte, na edição de 1993. Sobre o título da obra, a escritora afirma que:

Esse título *Amanhã amadrugada* apareceu-me porque o livro fala muito desta sociedade em construção. Tem poemas que estão muito à volta de 1974, época em que estávamos numa aventura extraordinária de iniciar a construção de um país. Cabo Verde teve a independência em 1975, e 1974, com a Revolução dos Cravos em Portugal, foi o grande momento de irmos para a terra para fazer a resistência, dizer aquilo que íamos construir. Queríamos um país sem amarras, de homens e mulheres livres, com as utopias todas que nós tivemos durante a década de 1970 (Duarte, 2013, p. 14).

A obra *Amanhã amadrugada* (2023) está relacionada ao tempo histórico da conquista pela independência de Cabo Verde em 1975, em que os cabo-verdianos buscavam construir o país e a própria identidade do “chão das ilhas”. A estrutura da obra está dividida em quatro partes: caderno I, *15 momentos de um longo poema dedicado ao amor*, caderno II, *exercícios poéticos*, caderno III, *poemas de bloqueio - e de amor e poesia*, caderno IV, *de quando se soltaram as amarras*. Os poemas seguem a “ordem temporal decrescente, sob o signo da rememoração (de 1985 a 1975)” (Gomes, 2023, p. 95) e uma característica digna de nota é a divisão das obras sempre em quatro partes.

A obra *Amanhã amadrugada* contém poemas em prosa e, conforme a poeta afirma, ela acabou “por ser a primeira pessoa, aqui em Cabo Verde, a escrever prosa poemática, mas não tinha percebido. Comecei a escrever aqueles poemas, aqueles exercícios poéticos” (Duarte, 2013, p. 15-16). Vera Duarte iniciou sua trajetória literária inovando a forma de escrita e as temáticas presentes na literatura cabo-verdiana.

Sobre a obra, Gomes (2023) afirma que, “em *Amanhã amadrugada*, uma reflexão sobre a escrita se constrói passo a passo, dedicada à tarefa de erigir um discurso poético feminino em Cabo Verde, e a renovação dá-se também na forma poética que transita, ora em verso, ora em prosa, libertando-se das barreiras, do que se convencionou para a forma da poesia [...]” (Gomes, 2023, p. 89-90). A prosa é um estilo literário em forma de texto com parágrafos, podendo ser dissertativo ou narrativo. A prosa poética é a junção da prosa com elementos da poesia, como: figuras de linguagem, sentimentos, sons, sensações, musicalidade.

Após contextualizarmos a obra em análise, ao navegarmos em suas águas poéticas, ancoramos o barco num mar de recordações, águas que trouxeram memórias do tempo colonial, da escravidão do povo africano e cabo-verdiano. Porém, trata-se, também, de um mar libertário, como a libertação da África e de Cabo Verde, um mar que demonstra

sua força e resistência, assim como o povo cabo-verdiano, um mar que aproximou Cabo Verde ao Brasil e a outros países. Das águas ancestrais, o povo resistiu ao tempo colonial, em um mar de esperança, vida e renovo. Assim, temos um mar de momentos tristes, mas também alegres, um mar de transformação e redenção.

O poema expressa outro olhar sobre o mar, o eu-poético abandona a imagem daquele mar que lhe aprisionava e, assim como o título do poema “Abandono”, a imagem do mar ganha novo sentido: o mar de liberdade existencial, onde o ser mulher liberta-se e entrega-se, sem medo, a esse profundo mar de imensidão dos desejos mais íntimos. Local que o corpo sem medo mergulha, não querendo “mais tornar ao abandono das praias”. Assim, o mar não é mais aquele que lhe causa dor, abandono, solidão, mas sim um mar de entrega. Como afirma Vera Duarte, “sou uma poeta do mar, o mar é uma paisagem que nunca frustra. É sempre belo, é sempre profundo, é sempre azul, é sempre redentor” (Sepúlveda, 2000, *apud* Camargo, 2008, p.4). É um mar libertário e redentor em que o corpo encontra sua redenção, mar de afirmação do ser mulher.

Sobre o poema, Camargo (2008) afirma que

No poema não há um desejo de lamentação, por conta dessa perda, existe sim uma busca do humano por ir fundindo-se gradativamente, em diferentes níveis, ao ambiente da natureza. Chegando a tal ponto, que o corpo tomado por uma força graciosa das águas, símbolo máximo de libertação, entra em processo de simbiose plena com o mar (Camargo, 2008, p. 5).

No poema, o eu-poético não aceita mais esse amor que lhe causa sofrimento, abandono e ausência, mas deseja um amor onde o corpo já liberto se entrega junto ao mar “de um só amor”. Um mar existencial em que o corpo se sente livre para amar, “local da busca da identidade cabo-verdiana, mas é também o lugar da liberdade existencial, espelho onde a poesia feminina se descobre” (Secco, 2022, p. 10). O corpo junto ao mar, símbolo de liberdade, constrói uma relação de entrega e intimidade, “meu corpo / de um só amor / bebido pelas águas / desapareceu líquido no mar”. O eu-poético demonstra esse corpo líquido que se deixa ser “bebido pelas águas”, como se o corpo e o mar fossem um só. Segundo Secco (2022),

Na novíssima poesia cabo-verdiana o mar não é mais visto como prisão, espaço de evasão ou metáfora utópica da liberdade social. Apresenta-se, agora, como território de reflexão, de mergulho nas profundezas interiores e existenciais, como local de passagem e de abertura para o mundo (Secco, 2022, p. 11).

Na Literatura contemporânea cabo-verdiana e na poética de Vera Duarte, a imagem do mar ganha outro sentido, o mar é símbolo de existência, de entrega e redenção.

É nesse mar profundo, imenso e forte que a palavra e o corpo encontram a liberdade de existir. Um mar onde o ser cabo-verdiano tem relação profunda, um mar de esperança de sonhos.

Outro símbolo importante para as ilhas é a chuva, com o clima árido e semiárido, considerado seco e quente, o arquipélago tem enfrentado secas severas. A chuva e a seca se tornam temáticas inseridas na Literatura cabo-verdiana, como no poema:

Ai se um dia...

Ai se em outubro chovesse
a terra molhasse
o milho crescesse
e a fome acabasse

Ai se o milho crescesse a
fome acabasse
o homem sorrisse
e a terra molhasse

Ai se um dia ...

Acordemos, camaradas!
As chuvas de outubro não existem!
O que existe
É o suor cansado
Dos homens que querem

O que existe
É a busca constante
Do pão que abundante virá

Homens mulheres crianças
Na pátria livre libertada
Plantando mil milharais
Serão a chuva caindo
Na nossa terra explorada

(Duarte, 2023, p. 79)

Há poemas que acompanham a escrita poética da Vera Duarte e esse é um deles, inserido em algumas obras como *Amanhã amadrugada*, (1993, 2008, 2023), *As palavras e os dias* (2013), abrindo o livro na parte intitulada “AS ILHAS, UM PAÍS” o ser cabo-verdiano”. O poema também está inserido em língua crioula nas obras *De Risos & Lágrimas* (2018) e *A reinvenção do mar: antologia poética* (2018), além de ter sido musicalizado por Isabella Bretz¹⁹.

No poema, em suas três primeiras estrofes, há palavras e verbos no pretérito imperfeito do subjuntivo que se repetem, como: “a terra molhasse”, “o milho crescesse”, “e a fome acabasse” “o homem sorrisse”. A repetição dos versos nas primeiras estrofes

¹⁹ Poema musicalizado disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q2Yold1arc8>.

cria uma cadência à espera das chuvas. O poema mostra o cultivo do milho e a agricultura como sustento de muitas famílias que moram em zonas rurais e dependem da plantação para sobreviver em Cabo Verde. Segundo Gomes (2008),

a mulher é normalmente chamada a realizar tarefas na agricultura, como a sementeira, a colheita, o descasque e a transformação do produto; por vezes, faz trabalhos pesados, como carregar pedregulhos ou latões de cascalho [...], ajudando o homem, ao mesmo tempo em que se desdobra para cumprir as tarefas domésticas como cuidar do filho pequeno, transportar lenha, recolher água (para o que precisa percorrer longos trajetos), ou fazer funcionar o fogão de pedra (Gomes, 2008, p. 162).

A mulher cabo-verdiana exerce muitas funções. Além de trabalhar junto ao homem no trabalho pesado da agricultura, precisa cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos. A mulher cabo-verdiana é responsável por muitos trabalhos agrícolas, desempenhando um papel importante para o desenvolvimento do país.

O poema “Ai se um dia...” demonstra, em suas primeiras estrofes, a espera dos cabo-verdianos pelas chuvas de outubro. No Arquipélago, há somente duas estações, a estação da seca, que dura de novembro a junho, e a estação da água, de agosto a outubro, em que há somente três meses de chuvas, as quais, muitas vezes, são irregulares. Com seu clima seco, Cabo Verde é um país que enfrenta uma crise hídrica, pois, sem chuva, não há possibilidade de plantar nem colher. Veiga (1998), esclarece que:

A história das ilhas revela-nos episódios tristes e funestos, dos quais destacamos as fomes de 1927 e 1947, que se seguiram aos ciclos de vários anos de seca, em que essa terra fértil e não viu uma gota de chuva para lhe molhar os beiços, quanto mais para saciar-lhe a sede e possibilitar-lhe a ventura de produzir pão para os filhos (Veiga, 1998, p. 53).

Como citado acima, Cabo Verde enfrentou tempos de secas severas e, com a falta das chuvas, milhares de pessoas chegaram a morrer de fome e muitas famílias foram obrigadas a deixar seus lares, fugindo da fome. Com o clima seco e a baixa precipitação, os cabo-verdianos precisam se reinventar, mostrando a força e resistência do ser cabo-verdiano em superar e sobreviver aos tempos difíceis de fome e seca. Ainda em Veiga (1998, p. 51), “de facto a chuva nada mais é para o cabo-verdiano se não a seiva da vida, o amargo da razão do seu estar no mundo. É o meio supremo pelo qual consegue chegar à felicidade, almejada por todos [...] no depositário de todo seu sonho e esperança”. A chuva simboliza o sustento, a esperança para os cabo-verdianos que dependem da chuva para sobreviver.

Nos próximos versos do poema, observa-se uma maneira a sacudir e despertar seu povo: “Acordemos, camaradas! / As chuvas de outubro não existem! / O que existe / É o

suor cansado / Dos homens que querem”. A voz poética é uma forma de alertar seu povo para que não fique à espera das chuvas de outubro, pois elas “não existem!” e o que existe são o “suor” e o trabalho “dos homens que querem”.

A poética da Vera traz um novo olhar para a imagem de esperança que a chuva trazia aos cabo-verdianos. Como uma forma de alertar o povo cabo-verdiano, a voz poética o encoraja a não ficar parado a depender e depositar suas esperanças e sonhos nas chuvas, pois elas não virão. Seus sonhos e a fome só serão supridos com o trabalho, com o “suor”, como indicado nos versos “O que existe / É a busca constante / Do pão que abundante virá”. O que existe em sua poética é o esforço e a força e a ideia de que, somente assim, o povo comerá do fruto do seu trabalho e irá conseguir enfrentar as dificuldades. Sobre o poema, Gomes (2008), “para Vera, o futuro e a chuva redentora se *constroem*. [...]: para mudar a sociedade, para erradicar a fome e a miséria, o caminho é luta e trabalho” (Gomes, 2008, p. 176).

Nos versos, parece haver um coletivo de esforços e trabalho sem separar “Homens mulheres crianças / Na pátria livre libertada / Plantando mil milhares / Serão a chuva caindo / Na nossa terra explorada”. A força em conjunto, bem como o povo unido trabalhando serão a alternativa às chuvas, à esperança, e o pão que matará a fome cabo-verdiana. Ainda em Gomes (2008), “a novíssima geração via repensar e desconstruir os temas considerados “tradicionais”, como o da chuva” (Gomes, 2008, p. 141). Na literatura da novíssima geração, a chuva ganha outro sentido, reescrevendo um novo tempo para as ilhas, não mais o tempo de esperar pela “chuva”, mas o tempo de trabalho.

O poema traz a simbologia do milho e, parafraseando Veiga (1998), esse cereal simboliza a resistência e a identidade cabo-verdiana, sendo um dos primeiros alimentos a ser cultivados nas ilhas. Saindo das Américas, o milho foi introduzido em Cabo Verde, sendo um alimento que foi primeiramente destinado somente aos escravos no tempo colonial. O milho representa a identidade mestiça do ser cabo-verdiano, mão de obra escrava nas lavouras, mas também representa a resistência do ser cabo-verdiano (Veiga, 1998, p. 65). Ainda em Veiga (2019),

O Milho e, ainda, a nossa metáfora de luta, de resistência, de transformação do ambiente, de criatividade ambiental, de tenacidade frente às adversidades, de relação com o chão, com o imaginário ambiental, mas também com o transcendente celestial. Na verdade, se o chão é prenda para o homem, a chuva é dádiva do céu; e o Milho é filho do ato de amor entre o chão e a chuva (Veiga, 2019, p. 204).

O milho, símbolo de luta e resistência, uma trajetória de dor e sofrimento dos tempos de seca, representa o trabalho nas plantações, o alimento que fecundou no chão das ilhas. Ademais, representa o ser cabo-verdiano, bem como seu esforço e “suor” de luta pela sobrevivência, além de simbolizar uma trajetória de dor, mas também de esperança. O milho está relacionado à identidade cultural crioula, a crioualidade.

A voz poética de Vera Duarte rompe as barreiras tradicionais e lança sementes de um novo amanhecer. O mar e as chuvas, símbolos históricos e culturais, ganham novos sentidos, o mar local em que o corpo se liberta e se entrega a esse mar redentor, um mar de entrega existencial. Assim, trata-se de uma poética revolucionária de mulher, de força, de erguer seu povo para que trabalhe e não espere pelo que não virá.

Após trazer a simbologia do mar e da chuva para os cabo-verdianos, abordarei a simbologia das águas na poética da amazonense Marta Cortezão. Porém, para melhor compreensão, antes de trazer a análise do poema abordarei a influência que as águas exercem sobre a vida amazônica.

O Amazonas é um estado brasileiro pertencente à região Norte do país, sendo o maior estado em extensão territorial, formado por muitos rios dentre eles o maior rio em extensão do país, o rio Amazonas. Com o clima quente e úmido, apresenta somente duas estações no ano: a estação do verão, o tempo da seca, e o inverno amazônico, o tempo das chuvas.

Na obra *Banzeiro manso* (2017), Marta Cortezão expressa a cidade de Tefé, interior do estado do Amazonas. Como diz a poeta “Tefé é a cidade dos meus suspiros poéticos, orgulho de pertencimento” (Cortezão, 2020, on-line). Sua poética mergulha e se constrói em cenários amazônicos. Trata-se de uma poética das águas doces, das raízes de sua infância ribeirinha banhada pelos rios Solimões e o Negro. O rio Solimões tem extensão de 1.700 quilômetros, sendo um afluente do rio Amazonas, no qual tem sua nascente no Peru, e banha muitas cidades do estado do Amazonas como a cidade de Tefé. Por sua vez, o rio Negro tem sua nascente na Colômbia, sendo o maior afluente do rio Amazonas. Esses dois rios, ao se encontrarem, formam o belíssimo fenômeno natural, o “encontro das águas”. Nesse encontro, as águas de cores barrentas do rio Solimões e as águas de cores escuras do rio Negro não se misturam, como mostra imagem abaixo.

Figura 3 - Imagem do fenômeno natural do encontro das águas



Fonte: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/o-encontro-entre-os-rios-negro-e-solimoes-na-imensidao-do-rio-amazonas>

Para os povos amazônicos, as águas dos rios, lagos e igarapés são a fonte geradora de vida “do rio e da floresta esse homem tira o necessário para o sustento do seu corpo” (Santiago, 1986, p. 27). Os rios, como meio de sustento, onde os ribeirinhos, com suas canoas, retiram seu alimento, são como estradas líquidas que comandam a vida do ser amazônico. O rio é a estrada que liga as comunidades ribeirinhas a cidade, as escolas, e as instituições, o ribeirinho depende do rio para se locomover. É pelo rio que as mercadorias chegam às comunidades através das embarcações. A vida amazônica depende das águas, pois

Tudo obedece ao fluxo e refluxo das águas: o tipo de agricultura - roça de maniva, juta ou malva ou outros produtos não devem durar mais de seis meses. Planta-se na vazante para colher antes da enchente; a casa - uma espécie de palafita, montada sobre um alto jirau para prevenir das águas, o que nem sempre é uma solução para as grandes enchentes; as relações sociais - além de outras oportunidades de convívio humano (Santiago, 1986, p. 43).

O rio e a floresta exercem influência em seu cotidiano, seu modo de viver, tudo ao seu redor se move no tempo das águas, do estilo das construções das casas ao tempo de plantar e colher. As águas comandam a vida ribeirinha, seus costumes, tradições, presente nos mitos e lendas amazônicas, “e é esse mesmo meio, gigantesco e misterioso, que imprime [...] imagens e ficções estranhas, produto do medo, fruto da solidão, como o curupira, o mapinguari, o matinta-pereira” (Santiago, 1986. p. 27). O ser amazônico possui uma relação íntima e mística com o rio e a floresta, além de ser o meio pelo qual retira seu sustento e também o local onde nascem suas imaginações. Na poética da Marta

Cortezão, suas imaginações e lembranças renascem em palavras expressas mergulhadas ao ambiente de pertencimento. Assim, são reveladas vivências que foram marcadas pelas águas doces dos rios como exprimi o poema:

ENCONTRO

A imensidão e o amor.
 O horizonte que aconchega
 e a alegre companhia.
 No meio do mundo
 o Negro rio e o Solimões,
 a linha de encontro.
 A mulher de hoje
 aprecia e recorda
 a criança de ontem.
 Uma audaz canoa,
 ao compasso do remo,
 desliza manso
 carregada de esperança
 nas doces águas
 de pueris lembranças
 aventurando-se rio-mar
 afora...
 Levando dentro
 o amor e o orgulho
 de ser amazônida.
 Força que move
 o coração desta
 Mulher que,
 por isso, se sente
 imensa!

(Cortezão, 2017, p.125 grifo da autora)

O poema está inserido no livro *Banzeiro Manso* (2017), a voz poética exprime o encontro das águas dos rios Negro e o Solimões, assim como o encontro das recordações e sentimentos de amor e esperança da voz poética da Marta Cortezão. São afetos pessoais que deslizam “ao compasso do remo” na canoa “carregada de esperança”. O poema é uma viagem as lembranças da infância das doces águas, lembranças que enchem de “o amor e o orgulho / de ser amazônida.”. A voz poética da Marta Cortezão expressa o “amor e o orgulho” em pertencer a região Norte do país, a vivencia ribeirinha e o contato com as águas dos rios. Ao navegar na canoa dos sentimentos a voz poética viaja em suas vivencias “força que move / o coração desta / Mulher que, / por isso, se sente / imensa!” expressa que a força que move sua vida é saber que é uma mulher amazônida, que pertence a essa região.

No livro *Banzeiro Manso* (2017), há muitos poemas que trazem uma simbologia para as águas, assim como o poema:

RIO-MAR

Se tu, rio em mim,
 Também quero desaguar,
 Porque rio quero ser
 E seguir sendo sempre rio,
 Remanso de queres correnteza constante
 de infinitos prazeres!

Desejo afluir-me
 em tuas águas cálidas;
 brincar, sem reservas,
 no teu doce banzeiro,
 manso balanço ligeiro,
 onde desejo estar...
 Corre, louco, para o teu,
 o feroso rio meu
 que se encanta se contigo rio
 o riso pleno de mar...

A leve maresia espalha
 o sal da vida no luar
 Á deriva, perde-se a tristeza
 para um beijo rio-mar
 Abundante como rio,
 gigante como mar.

(Cortezão, 2017, p. 136)

No poema, há muitas palavras com sentido figurado e o uso de metáforas relacionadas às águas, como: rio, mar, desaguar, remanso, correnteza, afluir-me, águas cálidas, banzeiro, maresia, sal, à deriva, corrente. Nos primeiros versos, “Se tu, rio em mim / também quero desaguar, / porque rio quero ser/ e seguir sendo sempre rio”, o eu-poético romântico, ao se declarar, deseja ser esse rio e mergulhar no rio existencial de prazeres e desejos. Ao se entregar a esse rio profundo, faz brotar sentimentos, gerando vida às águas. Nesse último verso, uma sequência de palavras, iniciando com a letra **S**, dão sentido e movimento de continuidade, como se o poema fosse conduzido pelas águas seguindo o fluxo do rio. Nos versos “remanso de queres, / correnteza constante / de infinitos prazeres!”, as palavras “remanso” e “correnteza”, no sentido figurado, demonstram uma mistura de emoções.

Já nos versos “Desejo afluir-me / em tuas águas cálidas; / brincar, sem reservas, / no teu doce banzeiro / manso balanço ligeiro, / onde desejo estar... / Corre, louco, para teu, o feroso rio meu / que se encanta se contigo rio / o riso pleno de mar...”, o eu-poético expressa seus sentimentos, desejos, paixão, gozo e relação de intimidade com o rio como se fossem um só: “Assim, o homem e o rio constituem na Amazônia uma simbiose perfeita” (Santiago, 1986, p. 29). O homem amazônico possui uma relação íntima com as águas, assim como o poema expressa uma simbiose entre o ser amazônico, o rio e as

palavras. Nos versos “banzeiro / manso balanço ligeiro”, as palavras, da forma como foram colocadas, demonstram o movimento das águas.

Nos últimos versos, “A leve maresia espalha / o sal da vida no luar. / Á deriva, perde-se a tristeza / e a corrente me deriva / para um beijo rio-mar. / Abundante como rio, / gigante como mar”, no encontro do rio com o mar, a tristeza desaparece e o sabor da vida se espalha, uma vida conduzida pelas águas “para um beijo rio-mar”. É esse encontro do rio com o mar e com a vida que se encontra nas águas poéticas. É o encontro da palavra e do ser poeta com o rio e o mar, sendo, na palavra, onde a poeta encontra a liberdade de exprimir seus mais profundos sentimentos e desejos íntimos do ser mulher amazônida. É no cenário banhado pelas águas que a palavra fecunda e encontra a vida. Um encontro de amor entre o rio abundante com o mar imenso, é a vida abundante que deságua nesse mar imenso de sentimentos. É nas águas poéticas que a palavra e os sentimentos se permitem fluir,

o rio, sempre o rio, unido ao homem, em associação quase mística, o que pode comportar a transposição da máxima de Heródoto para os condados amazônicos, onde a vida chega a ser, até certo ponto, uma dádiva do rio, e a água uma espécie de fiador dos destinos humanos (Tocantins, 1968, p. 306 *apud* Santiago 1986, p. 29).

O rio, como já vimos, assume importância na vida do ribeirinho da Amazônia, as águas que comandam a sua vida, ditam as regras, comportamentos, destinos, formando, assim, uma simbiose entre o homem, o rio e a floresta. No poema, essa simbiose é formada pela palavra, pelo existir do ser amazônico e pelas águas. A vida pertence às águas e as águas pertencem à vida, em forma mística. Para Torres (2008),

No caso amazônico, **o grande rio e a floresta constituem-se na motricidade canalizadora dos sentidos da vida para o caboclo**. Seus medos, angústias, esperanças, utopias, crenças, fantasias, imaginação, ciclos vitais e significado da morte são questões que encontram sentidos e respostas no universo mítico dos povos da floresta, com quem o caboclo mantém uma relação de proximidade e receio (Torres, 2008, p. 6 grifo meu).

É no ambiente amazônico que seus habitantes encontram o sentido de sua existência, pois não há como separar o ser amazônico do rio e da floresta. É nesse ambiente onde ele deposita seus sentimentos, emoções, espiritualidade e imaginações. No poema, o existir encontra seu sentido nas águas, em seus devaneios existenciais. Bachelard (1997) reflete sobre as diferentes imagens que a imaginação humana pode associar à terra, ao ar, ao fogo e à água. Em seu ensaio, o pensador, ao analisar textos poéticos e místicos, reflete sobre a ideia de que, na imaginação humana, a água pode simbolizar pureza, rejuvenescimento, refrescamento, cura, fluidez e morte: “no tocante

ao meu devaneio, não é o infinito que encontro nas águas, mas a profundidade” (Bachelard, 1997, p. 9). No poema, percebemos esse encontro profundo com as águas.

Em uma das poesias analisadas, Bachelard (1997) reflete que, “então, verdadeiramente, as imagens da água nos pertencem; são nossas; nós somos elas” (Bachelard, 1997, p. 170). No poema, o eu-poético expressa pertencer a essas águas, em querer ser esse rio, como se o existir estivesse refletido nas águas, assim como na trova poética:

O rio transborda magia,
é finitude estelar;
carrega o germe da vida...
Líquida senda: meu lar

(Cortezão, 2021, p. 68)

Essa trova poética está inserida na obra *Amazonidades: gestas das águas* (2021), a qual é dedicada ao “povo das águas”, composta por dois textos introdutórios “Desatracando o barco das múltiplas identidades”, da escritora radicada no Amazonas Sandra Godinho, e o texto “Deslizando águas da poética Tupeba”, do escritor Isaac Melo. A obra está estruturada em cinco partes: Rio I (Dos acesumes), Rio II (Das comilanças), Rio III (Das leseiras), Rio IV (Das caboquices) e Rio V (Dos encantados). Ao final da obra, há o posfácio “Atracando o barco Das trovas amazônicas”, de Vânia Maria do S. Alvarez.

A obra é composta por trovas poéticas, que são poemas cuja sua estrutura contém somente uma estrofe com quatro versos e cada verso contém palavras que, ao serem divididas, formam sete sílabas poéticas, chamadas de redondilha maior. A divisão das sílabas no verso se faz pelo som, e as trovas possuem rimas, não havendo necessidade de título. Sobre a obra, Melo (2021) afirma que

Amazonidades: gestas das águas é um livro marcadamente telúrico. Ou melhor, flúviolírico. Pois se trata, antes de tudo, de uma poética dos rios e das águas (hidrolíricas). As águas, cujas forças impulsionam o belo e perene barco da poesia. Percorrer as cinco partes que compõe a obra, que se coadunam e se completam, é percorrer, também, um itinerário singular da Amazônia. Não a Amazônia das metrópoles efervescentes, porém, a Amazônia dos ribeirinhos, indígenas e caboclos (Melo, 2021, p. 15 grifo do autor).

O universo amazônico, com suas estradas líquidas, comanda tanto a vida ribeirinha quanto a poética das águas da poeta, que, desde o primeiro livro, *Banzeiro manso* (2017), expressa a força dos rios que espelham os cenários em sua poesia. É essa Amazônia ribeirinha que, ao mergulhar nas águas do rio profundo, expressa a vida do interior das comunidades às margens dos rios.

A trova poética em análise expressa o rio dos seres encantados, da magia, das lendas populares da Amazônia, o rio que fecunda a vida e a poesia, exprime a água como símbolo de fertilidade ao gerar vida. Assim como o rio tem seu início, seu fim é existência, “líquida senda: meu lar”. A Amazônia, com suas estradas líquidas, é o mundo onde pertence a vida e poesia.

As águas sempre estiveram presentes na vida do ser cabo-verdiano e do ser amazônico. Duas escritoras que em suas vivências e poesias são marcadas pelas águas, Vera Duarte ao inovar os temas tradicionais da literatura cabo-verdiana, exprime outros olhares para o mar e para a chuva. Marta Cortezão com sua poética mergulhada nos rios e nos cenários amazônicos exprime as vivências ribeirinhas, uma poética das águas doces dos rios que se entrelaçam aos sentimentos e recordações como veremos no tópico a seguir.

2.3 Memórias e afetos das águas

As obras em análise trazem poemas que expressam memórias, sejam elas pessoais, autobiográficas ou históricas. A memória faz parte da vida humana e é uma capacidade que adquirimos para guardar e recuperar momentos vivenciados, momentos passados, acontecimentos, lugares, pessoas, assim como lembranças que vão se construindo ao longo da vida. Os poemas das escritoras expressam muitas memórias, tanto de momentos felizes quanto de dores. Neste tópico, serão analisados alguns poemas que expressam a memória de ²⁰afeto pessoal das escritoras.

Sobre o conceito de memória, o pensador Halbwachs (1990), estudioso das ciências sociais, trouxe um novo olhar sobre o conceito de memória que era visto somente como individual. Parafraseando, o pensador, em seu texto, expõe que a memória está relacionada a quadros sociais que são construídos, construímos quadros sociais que fazem referência a nós como família, amigos e lugares, e é através desses quadros que nos lembramos (Halbwachs, 1990).

Como apontado por Duvignaud (1990), “eis porque experimentamos tanta dificuldade para nos lembrarmos dos acontecimentos que apenas nos concernem. Vemos, então, que não se trata de explicitar uma essência ou uma realidade fenomenal, mas de compreender uma relação diferencial” (Duvignaud, 1990, p. 14). A memória, mesmo sendo individual, apresenta uma relação social.

²⁰ Os afetos pessoais das escritoras estão ligados aos seus poemas, não se podem separar os afetos da poesia.

O pensador Halbwachs (1990) pondera que “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós” (Halbwachs, 1990, p. 26). Mesmo que os pensamentos e memórias sejam individuais, elas nunca estão isoladas em si mesmas, sempre estarão relacionadas a grupos sociais e afetivos, que são construídos em relação a outros. Nós nos lembramos porque somos seres sociais e nossas memórias são construídas a partir de grupos sociais, de modo que a memória sempre estará relacionada ao coletivo. Os pensamentos e reflexões nunca estarão sozinhos, sempre estarão relacionados a outros, e nos lembramos porque a sociedade evoca essa lembrança em nós.

Em conformidade com Bosi (2003), inspirada pelo pensamento de Halbwachs, “o conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde e onde coexistem elementos da escolha rejeição ao que será lembrado” (Bosi, 2003, p. 54). Desse modo, as memórias são carregadas de construções culturais e sociais.

Ainda em Bosi (2003), “a memória é, sim, trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo” (Bosi, 2003, p. 53). A memória é a lembrança do tempo que foi vivenciado, construída culturalmente e socialmente, assim como o ser humano. As memórias estão relacionadas ao contexto social de cada indivíduo.

Sobre a poética de Vera Duarte, em seu livro *Risos & Lagrimas* (2018), como mencionado acima, a poeta afirmou, em entrevista: “eu costumo reivindicar direitos, mas tenho também um dever de memória. Este é um livro onde exerço o dever da memória” (Duarte, 2018b, on-line). A voz poética da Vera Duarte, assim como o primeiro poema analisado na pesquisa, rememora as mulheres que lhe antecederam para que seus nomes não fiquem esquecidos e sejam lembrados na contemporaneidade. Rememora o tempo colonial e patriarcal, rememora a libertação da África e Cabo Verde, rememora os homens e mulheres “combatentes da liberdade”, que resistiram entregando seus corpos pela liberdade. A memória também está presente no poema:

Ode a Mindel

ao poeta Corsino Fortes

Viver é recordar a dor que rói
 Das madrugadas caminhadas
 Em Jon d'Ébra e R'bera d'Julion
 Dos namoros nos bancos da praça nova
 Das matiotas onde nos banhávamos

E dos longos passeios declamados
 Em odes de poetas inspirados
 No mato inglês
 Baía das gatas Salamanca
 E calhau

Viver é recordar a dor que dói
 Dos anos deslizantes na saudade
 De nhô Roque no grupo cultural
 Da fina ironia de nhô Baltas
 No doce embalo do piano de nhô Rêz
 E os bordados da dona Merca

Quando lá atrás
 Em arroubos de juventude politizada
 Vigiávamos as sagradas costas
 De Saragaça a Flamengo
 De Mindel amada nossa

Viver é recordar a dor que mói
 Do monte cara vigilante
 Da atlântida saudade antiga
 As acrobacias no mar alto
 Do carnaval fantasiado de mandingas
 Ao fim d'ano na marginal apoteótica

Essa és tu Mindel cidade porto
 No atlântico situada
 Do porto grande matriz tua e minha
 Que por cem anos me anunciou
 Do monte cara sereno
 Da baía plena e plana
 Do vulcão adormecido
 Do vento desabusado
 Da noite doce veneno
 Do cais acostável trepidante
 E da cova d'inglesa de estórias
 De estiagens e morte

Mindel de noites de vento e poesia
 que nos embala a alma
 no apelo do passado glorioso
 que nos fecunda o futuro
 deste presente estagnado
 que ainda não se achou
 mas vive no refrão que perdura
 nô ten baia, nô ten ligria
 nô ten samba tropical

Mindel de tragédias
 e misérias
 da negra bandeira da fome
 do capitão Ambrósio

Mindel
 que assistiu
 – estupefacta –
 a amaragem vitoriosa
 de Coutinho e Sacadura
 na aventura imensa

da rota triangular
Lisboa
Mindel
Rio

Pelas tuas ruas
sonhei ver desaguar
As riquezas várias que não tivemos

Pelas tuas ruas
Sonhei ver passear Mandela
Pela beleza de um sonho de fraternidade

Pelas tuas ruas
Sonhei ver caminhar Soyinka
Na cadência de um ritmo de palavras perfeitas

Pelas tuas ruas
Sonhei ver desfilar povos
Na busca constante de um novo humanismo

Mindel joia da coroa
De um país que foi sequestrado
Mas da improbabilidade fez certeza
E da determinação fez liberdade

Mindel
Leopoldina vila
De pobre ilha periférica
À cidade mais bela
Mestiça e graciosa

A ti vieram
corajosos camponeses de Santo Antão
esforçados lavradores de São Nicolau
e santiagos e fogos pastores

A ti vieram baleeiros americanos
Piratas e flibusteiros
Corsários e contrabandistas
Frotas francesas e holandesas

A ti vieram
degredados e tropas portuguesas
ingleses do carvão
E italcables empreendedores

A ti vieram
Pescadores japoneses e coreanos
Senegaleses vendedores
E gentes de toda casta

És a tenda dos milagres
De um povo miscigenado
És o berço
Onde desaguam
Marinheiros e navegadores
Prostitutas e bandoleiros
turistas e aventureiros
Vindos dos quatro cantos do mundo

Cantando um só canto
na avenida marginal
nas noites de serenata
Na quentura do Lombo e Monte sossego
E na algazarra das tascas
Da rua d' matijin

Mindelo de pedintes e mendigos
De cicerones e vadios
De trabalhadores e comerciantes
De marinheiros e meninas de vida
De poetas e vagabundos
Em ti a nação se extrapolou
E alçou voo para lá das estrelas

Tu que empurraste
Os infinitos horizontes
Que desentristecestes o olhar
Perdido do marujo solitário
Foste o caminho redondo
De poetas viscerais
E ninaste
Em teu berço talássico
Os homens e mulheres
que construíram o futuro

Ah, Mindel
Dos tempos de canequinha
Dos anos dourados
De antigas glórias
E caminhos semeados de maravilhas

De joelhos enterrados na areia da laginha
E olhos postos na baía fulgurante
Ancorada na força mobilizadora das utopias
Construindo aguardamos
O regresso dos áureos tempos
Que te fizeram
– E fazem –
A síntese singular
Do mundo que por ti passou

(Duarte, 2018a, p. 93- 99)

Inserido no livro *De Risos & Lágrimas* (2018), o poema é um tributo em homenagem à cidade de Mindelo, capital da Ilha de São Vicente, local de nascimento da Vera Duarte e, também, do poeta e político cabo-verdiano Corsino Fortes, ao qual a poeta dedica o poema. A voz poética de Vera Duarte exprime a memória pessoal dos momentos vividos na ilha de São Vicente e a memória histórica da Ilha. A memória pessoal construída culturalmente e socialmente se une à identidade cultural e social da ilha e sua história.

O poema expressa a memória viva nos versos que se repetem “Viver é recordar a dor”, momentos que causam saudades dos lugares “Jon d’Ébra e R’bera d’Julion”, que,

em língua cabo-verdiana significam “João Debra e Ribeira de Julião”, localidades pertencentes à ilha de São Vicente. Ribeira de Julião é reconhecida pelas festas de São João. São apresentadas recordações de afetos pessoais, como “as caminhadas”, “os namoros”, “os banhos nas matiotas” e “os longos passeios”. São mencionadas as localidades pertencentes à ilha de São Vicente, como o “mato inglês”, a “Baia das gatas Salamanca” e “calhau”. Além disso, a poeta recorda pessoas importantes com que conviveu, como “nhô Roque”, “nhô Baltas”. Como ela mesma afirma, “Nhô Baltas foi meu professor de francês e também de português, creio. Irônico como ele só, punha alcunhas a todos os alunos” (Duarte, 2013, p. 156). Assim, a poeta traz à memória pessoas importantes tanto para sua vida como para Cabo Verde.

Nos próximos versos, recorda as viagens marítimas em “acrobacias do mar alto” e “Do carnaval fantasiado de mandingas”. O carnaval em Mindelo é reconhecido como o maior evento de Cabo Verde, símbolo de cultura e tradição, e os versos expressam a energia e alegria dos cabo-verdianos que, ao se vestirem de “mandigas”, saem às ruas com fantasias que representam as raízes africanas da ilha.

Adiante, nos versos sobre Mindelo, de um “passado glorioso / que nos fecunda o futuro / deste presente estagnado”, nota-se a cidade conhecida pelo seu porto onde muitos se chegaram à ilha, gerando empregos e oportunidades, sonhos e utopias de um futuro redentor. Porém, no presente, a voz poética também expressa a estagnação da cidade. Em língua crioula cabo-verdiana “*nô ten baia, nô ten ligria / nô ten samba tropical*”, que significa “não tem baia, não tem alegria / não tem samba tropical”, o samba é apresentado como identidade cultural, pois, como já mencionado, Cabo Verde se espelha na cultura brasileira. Cantado por Cesária Évora, conhecida como a “Cize dos pés descalços”, por cantar com os pés descalços, o refrão “Cabo Verde (São Vicente) é um brasilin” (Gomes, 2008, p. 113).

Além da beleza dos lugares e da cultura local, a voz poética menciona os problemas enfrentados na ilha, como a “miséria” e a “fome” nos versos que se repetem em sonhos, “Pelas tuas ruas / sonhei ver”, sonhos de um Mindelo próspero de “riquezas”, de “fraternidade”, “humanismo”. Já nos versos “Mindel da coroa / De um país que foi sequestrado / Mas da improbabilidade fez certezas / E da determinação fez liberdade”, a poeta rememora o tempo colonial e a determinação dos cabo-verdianos que fizeram das incertezas a liberdade.

Nos próximos versos que se repetem, “A ti vieram” os povos que se chegaram para povoar as ilhas o encontro de culturas, após “Mindelo de pedintes e mendigos”, mas

também de “trabalhadores e comerciantes”, são expressos a realidade e o cotidiano vivenciado pelos moradores da ilha. Nos versos finais, “Em ti a nação se extrapolou”, conforme Vera Duarte (2013), “o Porto Grande de São Vicente foi o berço incontestável de uma aventura magnífica que deu notoriedade a estas dez pequenas ilhas espalhadas pelo Atlântico” (Duarte, 2013, p. 36). Mindelo é conhecida como a cidade porto, seu porto trouxe prosperidade às ilhas, servindo de escala para os navios que faziam a rota entre a Europa e as Américas (Duarte, 2013).

No poema, os cenários da Ilha de São Vicente se entrelaçam às memórias afetivas dos lugares, às localidades, e as pessoas se unem à memória e à melancolia do sentimento de saudade. Como expresso também no exercício poético 4, *Discurso alucinado sobre a existência de mim*, “Hoje tive sonhos do fundo do mar. Ia a andar pela marginal, a baía coalhada de barcos, do cais novo desprendiam-se recordações de infância feliz e despreocupada. [...]” (Duarte, 2023, p. 38). Nota-se uma infância marcada pelas águas, ao rememorar os lugares por onde conviveu as lembranças de uma “infância feliz e despreocupada”. No posfácio da obra, Gomes (2023) expõe que “toda a poesia de Vera Duarte viaja pelo “interior” de seu país, roteiro que seguirá também em prosa, revelando ao leitor a história, os costumes, o palpitante da vida nessas ilhas no meio do mundo” (Gomes, 2023, p. 90). São memórias pessoais e históricas que fazem parte da poética ao percorrer as ilhas de Cabo Verde, expressando seu grande afeto pelo lugar de pertencimento. São memórias construídas socialmente, mesmo que a experiência seja individual.

Por sua vez, Marta Cortezão também expressa em sua poética memórias de uma infância das águas, como no poema:

MEMÓRIAS

Infância de águas
guardada no baú
das memórias ... São
espumas flutuantes
do meu porto seguro.
São doces recordações
que embalam as
muitas primaveras
do meu melancólico
e turvo olhar que
percorre os igapós,
os estreitos igarapés
e os estratégicos furos
e o gigante rio-mar...
Céu estrelado de esperanças,
contagem perdida no infinito
presente no banzeiro das lembranças

da correnteza que me arrasta,
 dos redemoinhos que me engolem
 e me salvam da paralisia da vida
 que só me morde, pouco me beija
 e tantas vezes me devora.

(Cortezão, 2017, p.124, grifo da autora)

O poema está inserido no livro *Banzeiro manso* (2017). Nele, a voz poética de Marta Cortezão exprime as lembranças de momentos vivenciados em sua “infância das águas”. A infância de Marta, assim como sua poética, é marcada pelas águas doces dos rios. Os cenários amazônicos se entrelaçam em “doces recordações”, gerando vida à memória e à poesia. São memórias de uma infância ribeirinha que “embalam as / muitas primaveras / de meu melancólico / e turvo olhar”, são as doces memórias que sustentam a vida e a saudade. Ao navegar pelos “igapós”, “igarapés”, “furos” até o encontro “rio-mar”, as memórias percorrem o trajeto do Amazonas até Segóvia, na Espanha, cidade onde reside Marta. Assim, as memórias dos rios desaguam no mar, trajeto que está presente no “banzeiro das lembranças” que “me salvam da paralisia da vida”.

O poema entrelaça a memória da infância ribeirinha com as paisagens amazônicas e lugares percorridos. Sua poesia expressa o amor e o afeto pela sua terra e é em suas doces memórias que a poeta encontra a força para a vida, força essa encontrada na natureza para suportar a saudade de sua terra natal. A paisagem amazônica “guardada no baú / das memórias” são o espelho para sua poética. A água, como já mencionado, é um símbolo que se entrelaça com sentimentos, memórias e a vida da poeta. Assim é a vida ribeirinha, que adquire uma simbiose com a água. Ao mergulhar no rio profundo de suas memórias, convida-nos a navegar nos:

RIOS

Aqueles rios que singrei,
 aquela gente e suas histórias,
 banzeirando minhas emoções
 vão brotando na memória.

Meu barco Monte Sinai
 por muitos caminhos se vai
 regateando sonhos e ilusões
 pelos rios Negro e Solimões ...

Vidas lembranças pueris...
 Que tempo tão feliz!

(Cortezão, 2017, p. 120, grifo da autora)

Inserido no livro *Banzeiro manso* (2017), o poema faz uma viagem ao navegar no tempo e rememorar “pessoas e suas histórias que / banzeirando minhas emoções / vão brotando na memória”. São memórias que causam banzeiros em seus sentimentos. Trata-se de uma poética dos rios que, ao contar sua história, mergulha nas doces águas da lembrança, do contato ribeirinho com os “rios”. Em “Meu barco Monte Sinai”, a voz poética da Marta Cortezão expressa uma intimidade e conexão com a cultura local, a natureza, os lugares que fizeram parte de sua infância e que fazem parte de sua alma. O barco que navega nesse rio da memória relembra poeticamente as “Vívidas lembranças pueris ... / Que tempo tão feliz!”, em um tempo de uma infância ribeirinha feliz. Em relato à Costa (2024), Marta expõe que:

A respeito desse período de sua vida, ela relatou a mim, com emoção: “tínhamos uma casa bem na Boca do rio Uarini, meus pais eram agricultores e regatões; com o barco Comandante Monte Sinai, compravam e vendiam produtos agrícolas, peixe liso, pirarucu e, especialmente, a farinha amarela; o destino final destes produtos era Tefé – há alguns poemas do meu livro “Banzeiro Manso” que tocam esta temática; nas minhas memórias, [...] (Costa, 2024, p.177).

São as memórias de sua infância das águas, assim como relata a Marta Cortezão, que geram a vida em sua poesia. O contato com o rio, as viagens no barco de sua família, os cenários amazônicos, o contato com a terra, a agricultura regional, renascem em sua memória e se transformam em poesia. As memórias são como as águas dos “rios” que a conduzem em um mergulho profundo na sua história, como o poema:

LEMBRANÇAS

A Alírio Cortezão

Da proa do barco regatão,
de meu pai Comandante,
apreciava aquele caudaloso rio
que, sem pressa, corria
com ânsia, a algum lugar.
O sol a paisagem coloria
com seus matizes extasiado olhar,
exibiam divina magnitude...

Aqui e acolá, me ofuscava
o brilho reluzente de uma cumeeira,
em meio uma brecha de verde.
Que humilde paisagem desvelava!

No íngreme barranco,
uma inclinada e tímida escada,
em frente ao tapiri,
um florido canteiro e do lado,
um tronco torcido como banco,
onde um senhor, de cócoras,

um porronca baforada
enquanto o barco apreciava...

Correu toda e alegre curumizada
acenando com a mão
para ver o barco que passava.
Falávamos a mesma língua.
Tínhamos grande riqueza:
humilde no coração
e amor pela natureza...
Era perfeita diversão!

(Cortezão, 2017, p.122-123, grifo da autora)

Inserido no livro *Banzeiro Manso* (2017), o poema é dedicado a Alírio Cortezão, pai da Marta Cortezão. O poema expressa, em detalhes, as paisagens de uma viagem na qual a voz poética expressa que, “Da proa do barco regatão / de meu pai Comandante, / apreciava aquele caudaloso rio”, é da proa do barco que os cenários amazônicos vão surgindo no poema. Uma poesia rica em detalhes que, ao descrever as paisagens, parece que a poeta está a olhar uma fotografia ou como se estivesse no mesmo local descrito no poema. Trata-se de uma poética que nos convida a navegar no barco das memórias de sua “infância das águas” e a contemplar a beleza da vida amazônica.

“Da proa do barco regatão” as paisagens vão gerando vida ao poema e as memórias, “O sol paisagem colorida / que diante do meu extasiado olhar, / exibiam divina magnitude...” ao contemplar a beleza da natureza amazônica, os olhos se enchem de prazer. Uma “humilde paisagem desvelava” os telhados das casas das comunidades ribeirinhas que o barco “regatão” vai contemplando em sua viagem das memórias.

Ao passar do barco, “toda a curumizada / acenando com a mão”, “falávamos a mesma língua / Tínhamos grande riqueza: / humildade de coração / e amor pela natureza ... / Era pura diversão!”. Desse modo, o poema expressa a vida simples e humilde dos ribeirinhos que encontram na natureza o prazer e a beleza da vida. Na poesia de Marta Cortezão, quem tem o protagonismo são a natureza e os cenários amazônicos que florescem no coração da poeta, a qual demonstra, em poesia, o amor pelo povo amazônico e por sua terra. A conexão e intimidade com a terra e com as águas é expressa nos poemas, sendo as águas que fecundam e geram vida à sua memória e à sua poesia.

Conforme Azevedo (2022), “o lócus amazônico alimenta a poética de Cortezão e, por meio de sua escrita, resiste contra o esquecimento e sobrevive como história, memória e cultura de um povo” (Azevedo, 2022, p. 120). É através da memória expressa poeticamente que a cultura amazônica e seus cenários vão sendo descritos, contados pelo

olhar da filha dessa terra, que decide fazer de sua literatura uma forma de resistência ao apagamento das culturas, da identidade amazônica e da sua história.

As escritoras, ao trazerem para sua escrita suas memórias, estão a lutar contra o memoricídio, que tentou apagar a identidade e cultura dos povos que eram vistos como sem cultura, como seres exóticos. Povos que tentaram silenciar suas histórias e memórias, ao trazer para a escrita a memória, estão a resgatar a ancestralidade africana e amazônica. A memória, mesmo que seja pessoal, é construída nos contextos cultural e social. São memórias contadas pela mulher africana, cabo-verdiana e amazônica, são lembranças carregadas de cultura e identidade dos povos de pertencimento. Trata-se de mulheres que estão a contar suas memórias e histórias lutando contra o memoricídio dos seus corpos-vozes de resistência e dos seus povos. E, como forma de resistência, as escritoras trazem, em sua poesia, a linguagem que representa seus povos, como veremos no tópico a seguir.

2.4 A poética do povo das ilhas e da floresta

O conceito de “literatura menor” está na obra *Kafka: para uma literatura menor* (2002) dos teóricos Gilles Deleuze e Félix Guattari. Para os pensadores, “uma literatura menor não pertence a uma língua menor, mas, antes, à língua que uma minoria constrói numa língua maior. E a primeira característica é que a língua, de qualquer modo, é afectada por um forte coeficiente de desterritorialização” (Deleuze; Guattari, 2002, p. 38). Os pensadores refletem sobre a linguagem utilizada pelo escritor filho de judeu alemão, Franz Kafka, nascido em Praga, no Império Austro-Húngaro, atualmente República Tcheca. Ao ver a necessidade de acesso a uma Literatura que trouxesse a língua alemã falada em Praga, “íídiche”, o escritor Franz Kafka, se desterritorializa da língua alemã dominante para se territorializar em uma língua menor em que somente os judeus habitantes de Praga falavam. Uma “literatura menor” não quer dizer inferior, mas sim uma literatura em que uma pequena parte faz uso.

A literatura escrita por Franz Kafka, segundo os pensadores Deleuze e Guattari (2002), é uma literatura menor por não seguir a linguagem dos modelos pré-estabelecidos da época. Mesmo sendo filho de comerciante judeu alemão, o intelectual Franz Kafka se desapropria da linguagem oficial dominante, para se apropriar de uma linguagem da qual os habitantes de Praga faziam uso. Franz Kafka escolhe um idioma se desapropriando da linguagem oficial de seu próprio território, uma linguagem que a minoria faz uso, diante de uma língua maior dominante de poder, se desapropriando da linguagem dominante, para se apropriar de uma linguagem que não era vista como oficial.

Para Deleuze e Guattari (2002, p. 41), “as três categorias da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ligação do individual com o imediato político, o agenciamento colectivo de enunciação”. Quanto à desterritorialização da língua, abordamos o assunto acima. Sobre o valor político da literatura menor, mesmo que as questões sejam individuais, todas se tornam políticas, “de tal modo que este estado de realidade do talento é, de facto, benéfico e permite conceber algo diferente de uma literatura dos mestres: o que o escritor diz sozinho já constitui uma acção comum, e o que diz ou faz, mesmo se os outros não estão de acordo, é necessariamente político” (Deleuze; Guattari, 2002, p. 40). Mesmo que a escrita seja individual, ela se torna um ato político.

Outra categoria é o seu valor coletivo, pois “a máquina literária reveza uma máquina revolucionária por vir, não por razões ideológicas, mas porque esta está determinada a preencher as condições de uma enunciação colectiva que falta algures nesse meio: *a literatura é assunto do povo*” (Deleuze; Guattari, 2002, p. 40 grifo dos autores). A literatura, para os pensadores, é uma máquina revolucionária, sendo um instrumento social coletivo dá voz aos excluídos, as minorias, uma literatura que é “assunto do povo”, para o povo. A literatura, como “enunciação colectiva”, dá voz ao povo que se apropria da linguagem como um instrumento de luta contra as ideologias dominantes.

Relacionando o conceito “literatura menor” com alguns poemas que Vera Duarte traz em suas obras, podemos considerar ser uma literatura menor. Não que seja uma literatura inferior, mas uma literatura que se desterritorializa de uma língua dominante para se territorializar em uma língua que a menor parte faz uso, a língua crioula, como em dois versos do poema a seguir:

Desejos

Queria ser um poema lindo
 cheirando a terra
 com sabor a cana
 Queria ver morrer assassinado
 um tempo de luto
 de homens indignos
 Queria desabrochar
 -flor rubra -
 do chão fecundado da terra
 ver raiar a aurora transparente
 ser **r'bera d' julion**
 em tempo de são joão
 nos anos de fartura **d' espiga d'midje**
 E ser
 riso
 flor

fragante
em cânticos na manhã renovada

(Duarte, 2023, p. 52, grifo meu)

Inserido no livro *Amanhã amadrugada* (2023), a poeta traz a expressão “r’bera d’ julion” e “d’ espiga d’midje”, em língua crioula. Conforme Pinheiro e Oliveira (2015) afirmam, no poema, “a presença de palavras grafadas em crioulo cabo-verdiano. Ela usa o termo “r’bera d’julion”, lugar onde viveu sua infância, que em português é Ribeira de Julião; também há o termo “d’espiga d’midje”, significando espiga de milho [...]” (Pinheiro; Oliveira, 2015, p. 63).

Outro poema, já analisado em português, que Vera Duarte traz em língua Crioula é:

Ah se un dia. . .

Nhas jente se na outubro txuva ta dá
tera ta moiá
midje ta kriá
fome ta kabá

Ah se midje ta kriá
Fome ta kabá
Ome ta kontentá
y tera ta moiá

Ah se ome ta kontentá
téra ta moiá
fome ta kabá
y txuva ta txuvê

Ah nhas jente se un dia...

Nhas jente, nô kordá, nô txá de nosenteza
Txuva de outubro ka ta izisti
u ke ta izisti
é suor y speransa
de ome ke krê

u ke ta izisti
é traboi kansod
pa txeu pon ke ta ben ten
Ome, amdjer y mnin
Na nos pátria libertód...
Plantód d’mil pé de midje
Es ke txuva ta kaí
Na nos tera sploród
[...]

(Duarte, 2018, p. 103-105)

O poema está inserido nas últimas páginas do livro *De Risos & Lágrimas* (2018). Conforme Leite (2018) afirma, “Das Rotas do Encantamento apresenta 11 poemas, dos

quais três se encontram em língua crioula” (Leite, 2018, p. 7). Como pode-se observar, o poema acima está escrito em língua crioula. Outra palavra que a poeta menciona em crioulo é “morabeza”, presente no poema “Ode ao Brasil”, já analisado em outro tópico. Sobre a língua crioula, Vera Duarte (2013) esclarece que:

Em Cabo Verde, os aportes culturais trazidos pelos europeus e pelos africanos cedo começaram a misturar-se, dando origem a uma cultura original e diferente quer da trazida por uns, quer da trazida por outros. Foi assim que, antes do dobrar do século XV, que tinha assistido ao achamento e povoamento de Cabo Verde, já se falava nas ilhas **o crioulo, língua resultante da fusão do português com os falares das diversas etnias que povoaram as ilhas**, entre elas jalofos, lebus e sereres (Duarte, 2013, p. 30, grifo meu).

Em Cabo Verde, a língua crioula se formou a partir da necessidade de comunicação entre o colonizador português e os africanos que foram trazidos às ilhas como escravos vindos de vários países da África. No continente africano, há muitos dialetos diferentes entre os países, e os africanos enviados a Cabo Verde vieram de várias localidades, cada um trazendo seu dialeto. Como forma de preservação da cultura africana, os cabo-verdianos criaram a língua materna, o crioulo cabo-verdiano, sendo a forma com que o povo formado nas ilhas encontrou para se comunicar e resistir à língua do colonizador. Desse modo, os habitantes pertencentes às ilhas construíram sua própria linguagem, “o crioulo cabo-verdiano”.

Em conformidade, Gomes (2008, p. 98), “a língua crioula constitui o elemento cultural que mais assume, fixa e expressa os valores cabo-verdianos, a cultura cabo-verdiana enquanto comunidade de memória, com um sentimento de identidade que conjuga todo o arquipélago”. A língua crioula cabo-verdiano é a expressão de sua identidade cultural, construída nas ilhas e não uma língua imposta. Apesar de a língua portuguesa ser a língua oficial do país, “nem todos os cabo-verdianos falam português, muito mais utilizado na camada culta e rudimentarmente falado nas camadas populares, que se comunicam em crioulo” (Gomes, 2008, p. 99). Uma língua que se formou no chão das ilhas, do ser cabo-verdiano que traz, em suas raízes identitárias e culturais, a africanidade.

Em Cabo Verde, a língua oficial do país é o português e a língua crioula é a língua materna que se formou: desse “encontro violento de raças surge, nas ilhas, um terceiro elemento humano, o mestiço, que viria a juntar-se ao branco e ao negro” (Salústio, 2019, p. 38). A criouliidade é a identidade dos cabo-verdianos formados a partir da mestiçagem, do sangue africano escravo e da exploração sexual das mulheres africanas. Uma língua que se formou a partir da dor e do sofrimento africano e da necessidade de comunicação.

Sobre a literatura produzida no chão das ilhas, a escritora cabo-verdiana Dina Salústio (2019) afirma que “a literatura é predominantemente produzida e publicada em português, embora nos tempos mais recentes se note um aumento da produção da escrita em crioulo, nomeadamente na poesia” (Salústio, 2019, p. 38). Podemos considerar que Vera Duarte, ao trazer expressões em crioulo em alguns poemas, seja “uma literatura menor”, não inferior aos demais, mas uma literatura que traz a linguagem em que uma pequena parte faz uso, mediante a uma linguagem maior dominante.

Outra característica que podemos associar a “literatura menor” é seu caráter político e coletivo. O ato da mulher em escrever se torna um ato político e coletivo. A poética de Vera Duarte ao trazer, para sua literatura, os direitos humanos, os direitos das mulheres e sua emancipação, ao denunciar os problemas enfrentados pelo seu povo cabo-verdiano e africanos e que podemos considerar problemas enfrentados no mundo, é uma literatura que, mesmo que seja individual, traz o caráter político e coletivo. A literatura que a poeta escreve se torna um instrumento de luta e resistência ao trazer as minorias.

Relacionando com a poética de Marta Cortezão, ao exprimir em sua escrita a linguagem e expressões próprias da região Norte do país, podemos considerar ser uma “literatura menor”. Assim, trata-se de uma literatura que carrega, em suas raízes, a ancestralidade dos povos originários que habitavam a região antes da colonização, uma literatura das margens e não dos centros. Uma poesia que exprimi a identidade do povo ribeirinho amazônico. Como nos versos do poema:

JEITO TUPEBA DE SER

Sabe esse ar lisonjeiro,
esse sorriso faceiro,
essa mirada impactante
que marcam meu semblante?
É o puro jeito Tupeba de ser!

Trejeitos de curumim-cunhatã,
detêm segredos do Muiraquitã
das belas guerreiras Amazonas
e que de doçura a alma cabocla sazona.
É assim o jeito Tupeba de ser!

Essa tez de um momento cobreado,
esses olhos negros e puxados,
esse sotaque particular e ligeiro
de aspectos enigmáticos e corriqueiros,
É apenas meu jeito Tupeba de ser!

Delicioso açáí com tapioca na cuia,
banho de rio pra ficar só de bubuia.
O que preciso tiro da minha cumbuca.
Pra vida, estou sempre de butuca.

Do rocha, ach' é fraco o jeito Tupeba de ser!

Pelas ruas e calçadas da cidade,
bodó assado na brasa, às seis da tarde,
regado ao molho de pimenta murupi,
com muita farinha-ova do Uarini.
Égua, maninho! Que jeito Tupeba de ser!

Na rede, aquele cochilo porreta,
depois de comer um tambaqui maceta.
Outro melhor El dourado não há
mas se houver é só mesmo de agá!
Porque genuíno que só e pra valer
é só esse jeito Tupeba de ser!

(Cortezão, 2017, p. 163-164, grifo meu)

O poema está inserido na parte IV, REMANSO TUPEBA, no livro *Banzeiro Manso* (2017), o fio condutor da obra é o universo amazônico, suas vivências e memórias da cidade de Tefé, sobre a qual a poeta afirma que “Tefé é a cidade dos meus suspiros poéticos de orgulho de pertencimento” (Cortezão, 2020, on-line). Mergulhar em sua poética é conhecer o “Jeito Tupeba de ser”.

Ao longo do poema, a voz poética vai descrevendo a vida do ser ribeirinho, seus costumes, crenças, culinária, bem como a linguagem amazônica, em expressões como: “Tupeba”, “curumim-cunhatã”, “Muiraquitã”, “guerreiras Amazonas”, “cabocla”, “açai”, “tapioca na cuia”, “butuca”, “Do rocha, ach' é fraco”, “bodó assado”, “pimenta murupi”, “farinha-ova do Uarini”, “Égua maninho”, “tambaqui maceta”, “só mesmo de agá”. Uma expressão muito utilizada pelos amazonenses, ao se referir a uma pessoa, é “maninho ou maninha”, expressões que revelam a vida do ser amazônico. Como bem destaca Melo (2021),

Quem, todavia, desejar estudar a poética de Marta Cortezão encontrará nela, entre outros, um campo fértil, qual seja, a riqueza de seu vocabulário amazônico. Termos e expressões, em sua maioria de origem indígena, que fazem parte, há séculos, do cotidiano dos povos amazônicos, e que dizem muito de sua identidade, de seus sonhos, de suas lutas e de suas esperanças (Melo, 2021, p. 17).

Ao trazer, para a poesia a cultura, a linguagem e as expressões do povo ribeirinho, do ser amazônica, a poeta se desterritorializa de uma linguagem dominante para se territorializar em uma linguagem própria da região Norte do país. Sobre o poema, Melo (2021) ainda afirma que “Marta Cortezão, esta ilustra filha de Tefé, compôs um dos mais telúricos e pujantes poemas da Amazônia contemporânea. O “jeito tupeba de ser” é agora patrimônio poético da humanidade” (Melo, 2021, p. 17). Seus poemas trazem a essência

ribeirinha de ser, a linguagem, os costumes, as tradições que comandam o barco de sua poesia.

Para Azevedo (2022), “em seus poemas, notam-se uma profunda marca da identidade, uma visão apaixonada do lugar e a presença de termos linguísticos pouco conhecidos em demais regiões do Brasil” (Azevedo, 2022, p. 119). Os poemas nascem a partir do lugar de “pertencimento”, ao trazer as particularidades da regionalidade amazônica, assim como na trova poética:

Sou cabocla perrechê,
domino a língua dos rios.
 Minha força vem da fé
 em meu canto ribeirinho

(Cortezão, 2021, p. 64, grifo meu)

A trova poética está inserida na obra *Amazonidades: gestas das águas* (2021) e expressa a raiz identitária mestiça, “cabocla”, ribeirinha, amazônica, ao afirmar que “domina a língua dos rios”, domina a língua ribeirinha amazônica “dos rios”, a fé depositada no canto ribeirinho que ecoa em trovas poéticas ao mergulhar na identidade amazônica dos rios, expressando, no canto ribeirinho, a força e resistência das águas, valorizando a linguagem ribeirinha. Sobre as trovas poéticas, Alvarez (2021) afirma que “suas trovas, recheadas da sabença popular, revelam a marca do pensar coletivo do amazônida, que não dispensa uma boa pilhéria, e que se revela intangível em sua simplicidade cabocla” (Alvarez, 2021, p. 85). As trovas poéticas expressam a linguagem popular presente no cotidiano da vida do povo da Amazônia.

Sobre a linguagem amazônica que a Marta Cortezão traz em seus poemas, Alvarez (2021), expõe que “há um grande número de escritores que são porta-vozes e intérpretes desse mundo de gente ‘quase sem voz’ e que vive nesse universo ao mesmo tempo real e mítico (Alvarez, 2021, p. 98). Cortezão, em sua literatura, traz o protagonismo do seu povo, a voz de um povo que foi visto como exótico, selvagem, sem cultura. É essa voz que a poeta escolhe trazer para sua poesia e que, talvez, não seja muito reconhecida em outros estados brasileiros. Essa voz das margens é também a voz do Brasil amazônico. E, como bem reforça a citação, “nas nossas plagas existe uma intensa e grandiosa produção literária e cultural que precisa ser descoberta. A obra de Marta Cortezão é um bom exemplo para isso” (Alvarez, 2021, p. 98). É essa voz que precisa ser conhecida, lida e pesquisada, é essa voz que em sua literatura ganha destaque. Essa voz, que não é muito valorizada diante outras vozes, a poeta escolhe valorizar.

Outra característica é o caráter coletivo que a poética da Marta Cortezão assume ao exprimir suas vivências e memórias que, mesmo que numa escrita individual, tornam-se coletivas, pois estão mergulhadas nos costumes, lendas regionais, tradições e identidade amazônica. Sobre o caráter político, em uma reflexão realizada em seu *blog* “Feminário Conexões”, Marta Cortezão afirma que “contar a própria história é um ato político” (Cortezão, 2024, on-line). O ato de escrever para mulher se torna um ato político, pois, ao escrever, a mulher traz seu olhar, sua visão sobre o mundo. Em entrevista, Evaristo (2017, on-line) afirma que “as feministas defendem a tese que escrever é um ato político, é eu tenho dito, para nós mulheres negras escrever e publicar é um ato político [...]” (Evaristo, 2017, on-line). O ato de escrever e publicar para a mulher negra, africana, cabo-verdiana, quilombola, amazônida, ribeirinha, indígena é um ato político. São vivências, histórias e memórias que são únicas, contadas em forma poética por essas escritoras, o ato de escrever e publicar poesia é um ato político e de resistência.

Resistir para existir, duas escritoras que fazem de sua escrita um instrumento de resistência. Ao trazerem para a escrita o protagonismo do ser cabo-verdiano e amazonense, essas escritoras estão a desconstruir as narrativas que foram construídas sobre esses povos e suas culturas. Em seus poemas, a mulher ganha novas representações como sujeito do seu corpo e desejo, como protagonistas de sua escrita, como veremos no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 3: VOZES DE RESISTÊNCIA: A POÉTICA FEMINISTA E ERÓTICA EM VERA DUARTE E MARTA CORTEZÃO

3.1 Uma poética feminista território de lutas

O ato de escrever da mulher é um ato de resistência que surge a partir da luta por liberdade e igualdade, ao escrever a mulher se representa e representa outras vozes de mulheres. A escrita é um ato de sobreviver, de estar e de se fazer presente no mundo e nas letras. Ao escrever, as escritoras estão a resistir e a existir por meio de seus corpos-vozes de resistência. Ao apoderar-se da escrita pela palavra, a mulher está a lutar, resistir, denunciar, reivindicar seus direitos, expressar sua visão de mundo, desejos, sentimentos e prazeres. Ao escrever, a mulher encontra a liberdade em expressar seus desejos mais íntimos.

A literatura das escritoras traz o protagonismo do ser mulher cabo-verdiana e amazônica, ao exprimir os desejos, sentimentos, amores e paixões. Uma poética feminista, que representa as muitas conquistas que ao longo do tempo foram conquistadas com luta e resistência. São vozes poéticas de resistência que trazem, em sua escrita, um movimento coletivo de outras vozes que almejam liberdade e igualdade. Escrever poesia é um ato de resistência.

As duas escritoras carregam, em sua escrita, o olhar do ser mulher, expressando o protagonismo da mulher como sujeito em suas poesias, cada autora exprimi seu olhar. Enquanto Vera Duarte apresenta um tom mais social, Marta Cortezão possui um tom amazônico e, mesmo sendo de localidades e contextos diferentes, as duas poetisas expressam, em sua escrita, a linguagem feminista. Ao escrever, a mulher se empodera e empodera outras com sua escrita, como no poema:

Simplesmente Sou!

Busco um outro começo
 Construo um outro futuro
 Nem Maria a imaculada
 Nem Madalena a pecadora

Simplesmente
 sou!

De corpos e abraços
 De amores e lutas
 De risos e lágrimas

Simplesmente
 sou!

De dores e prantos
 Ventres e quebrantos
 Aços e sílabas

Simplemente
 sou!

E busco um outro começo
 Construo um outro futuro

(Duarte, 2018a, p. 16)

O poema está inserido em seu livro *Risos & Lagrimas* (2018), na parte, Livro I intitulado “Das rotas do meu ser”. A voz poética feminista de Vera Duarte traz, para sua escrita, o protagonismo da mulher. No poema, o eu-poético sujeito feminino inicia e termina o poema com os verbos “busco” e “construo” em primeira pessoa. O poema demonstra o desejo de mudança em construir novos futuros, em não se conformar com as situações presentes, mas que, ao lutar e resistir, deseja transformá-los como nos versos “busco outro começo / constrói outro futuro”. No poema, o ser mulher ganha corpo e voz, trazendo o protagonismo da mulher como sujeito que constrói novos caminhos que não se conforma em permanecer no lugar que está.

A voz poética da Vera afirma ser nem santa nem pecadora, mas sim uma mulher de luta, de amores, de alegrias e prantos, de trabalho e palavra. Uma mulher que busca e constrói não uma mulher que espera, mas que vai à luta e constrói sua história. O eu-poético não traz aquela mulher subalterna, silenciada, vítima e objeto, mas traz uma mulher empoderada, como sujeito que constrói seu próprio futuro. Em entrevista, Vera Duarte afirma que:

A vítima, na realidade, é aquela que quer fazer da mulher uma vítima, alguém inferior. Eu nunca aceitei o papel de vítima. Acho que a mulher jamais pode aceitar o papel de vítima. Ela deve fazer com que os outros, que querem fazê-la de vítima, sejam tratados como menores” (Duarte, 2021, on-line).

Em seu poema, percebemos o protagonismo e a força da mulher como sujeito e não como objeto e vítima, mas sujeito que reage, que luta e enfrenta as diversidades. Almejando a emancipação da mulher em construir seu futuro, mulheres que lutam, que escrevem, que constroem suas memórias e histórias, sendo mulheres de resistência. Sobre o poema em análise, Leite (2018) afirma que:

O poema tem cariz autobiográfico que representa a luta constante do sujeito entretecida nesta dualidade fundamental: [...] A geografia da poetisa nesta obra mostra como ela se auto-renova enquanto corpo/território, e como se transforma para re-construir seu próprio espaço/ser, que é também o do imaginário e da escrita, e que não se pode transferir para nenhum mapa do mundo conhecido (Leite, 2018, p. 8).

Trata-se de um poema de afirmação do ser sujeito mulher africana e cabo-verdiana. Para Vera Duarte, “a escrita, além de ser uma manifestação artística, também apareceu como uma forma de a mulher lutar. Andamos muitos anos a dizer “a mulher é um ser igual”, portanto temos que fazer de tudo para que isso aconteça também na prática” (Duarte, 2013, p. 17). Em vida e na escrita, a escritora luta pelos direitos das mulheres e sua emancipação. Em entrevista, Vera Duarte (2021) afirma que:

A protagonista que crio em literatura é daquelas que gritam: - escravidão nunca mais, colonialismo nunca mais, racismo nunca mais! Este nunca mais se estende a todas as discriminações que têm origem no gênero, raça ou classe e todas as tradições degradantes como a mutilação genital feminina, que ainda causam profundo sofrimento as mulheres (Duarte, 2021, on-line).

A literatura da escritora é um instrumento de luta, de reivindicação dos direitos, voz que representa outras vozes de mulheres que não aceitaram permanecer nesse lugar subalterno. Vera Duarte luta em poesia, luta pelos direitos das mulheres. É essa voz que não aceita as opressões e que se levanta a “gritar - escravidão nunca mais, colonialismo nunca mais, racismo nunca mais!”. Uma voz porta voz dos povos e das mulheres, a voz que representa a luta das mulheres e luta dos povos, ao reivindicar a liberdade, o direito de terem seus corpos livres da escravidão, do colonialismo e racismo. A voz poética da escritora está a gritar “nunca mais”, uma voz ousada que sai às ruas e em palavras e ergue sua voz que se une a outras vozes num coro coletivo de “nunca mais”.

Ao se referir à colonização, Vera Duarte se refere à mulher africana, negra, pois foram esses corpos que sofreram com a escravidão e o colonialismo e ainda sofrem o racismo. Sobre a escravidão, a feminista Davis (2016), expõe que:

A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas (Davis, 2016, p. 25).

As mulheres negras escravas trabalhavam nas lavouras de igual modo ao homem negro escravo, sofrendo opressões e explorações. Desprovidas de gênero, as mulheres negras não eram reconhecidas como “mulheres” ou como “mães”, sendo vistas somente para reprodução, assim como uma fêmea.

A voz poética se apodera da palavra escrita para reivindicar os direitos das mulheres à igualdade e à liberdade desses corpos-vozes de resistência. Ao mostrar a luta constante do ser mulher que conhece seus direitos e luta por eles, mulheres que não se calam diante das atrocidades, mulheres que querem ser somente mulheres.

A linguagem de sua poesia é feminista, compondo uma poesia de resistência, onde o corpo da mulher deseja e luta por liberdade. Em sua poesia, assim como em sua prática com os direitos humanos, a escritora está a lutar em vida e em sua poesia. Sua poesia exprimi a bandeira da liberdade e da igualdade. Em tom feminista, sua poética sujeito feminino afirma ser aquela mulher que não aceita mais ser violentada, silenciada, abusada, morta.

Em outro poema:

Leit motiv

Tudo o que digo
 Já foi dito
 Por outras vozes
 Outras canções

Mas quero dizê-lo
 - e digo-

Para ampliar
 o refrão da L

I
 B
 E
 R
 D
 A
 D
 E

(Duarte, 2018a, p. 15)

O poema “Leit motiv”, que abre sua obra *De Risos & Lágrimas* (2018), aponta que “a liberdade é o elemento condutor destes poemas” (Leite, 2018, p. 8). A liberdade que conduz sua poesia é essa “LIBERDADE” em letras maiúsculas, que essa voz de mulher “grita” e expressa em poesia. Mulheres que conquistaram e almejam a liberdade de seus corpos-vozes de resistências. Liberdade já dita e cantada por outras vozes, mas que, em sua voz poética, também quer cantar e dizer para que todos ouçam: “LIBERDADE”.

Protagonista de sua vida e história, em sua escrita, o sujeito poético encontra a liberdade, unindo-se junto à poética feminista da Marta Cortezão para “sentir-me livre para voos alçar” (Cortezão, 2017, p. 36). Por sua vez, a poeta, em o texto concedido à Costa (2024), reflete que:

A minha poética tem essa voz do feminino permeando meus versos. As mulheres com as quais convivi na infância e daquelas que a história me chegou pela oralidade, contada com amor, delas eu continuo me alimentando. Fui uma feminista sem a consciência de sê-lo até bem recentemente. Hoje, por onde ande, faço questão de dizer que sou feminista. É preciso aprofundar diálogos

sobre esse conceito, ele foi demasiadamente esvaziado de seu significado e caiu num desgaste muito bem administrado pelo discurso reverso do patriarcado. O feminismo trata de uma filosofia profundamente humana, aquela que busca por equidade de justiça social para a humanidade, uma sociedade onde nós mulheres possamos viver sem o medo diário e em comunhão umas com as outras, e tenhamos nossos corpos respeitados, simplesmente e principalmente, por sermos mulheres. Através da consciência feminista podemos chegar a uma sociedade melhor, porque estaremos vigilantes de nossa prática ao exercer nossa humanidade no mundo. Não vamos rir daquela piada sem graça que ridiculariza outra mulher, por exemplo; não vamos achar normal compartilhar um vídeo onde há uma mulher sendo agredida pelo “seu esposo”, ou ainda criticar as vestes de uma mulher quando esta sofreu uma agressão sexual, não vamos continuar reproduzindo inúmeras outras atitudes que fortalecem a misoginia, o sexismo, o machismo, o ódio gratuito a mulheres (Costa, 2024, p. 180-181).

Ao empoderar-se da escrita, Marta Cortezão, em seus poemas, expressa o olhar do ser mulher e sua postura feminista, e, através das histórias contadas pelas mulheres com quem conviveu em sua infância, seus poemas se sustentam. A escritora, ao refletir, afirma-se como uma feminista e expõe que o feminismo precisa ser discutido e aprofundado. O feminismo é tido pela poeta como filosofia de vida, ao buscar liberdade, igualdade e respeito, almejando um mundo onde a mulher possa viver sua liberdade sem medo e que haja sororidade entre as mulheres. Com a “consciência feminista”, afirma a escritora, podemos construir um mundo melhor, sem opressões e reproduções que reforcem “a misoginia, o sexismo, o machismo, o ódio gratuito a mulheres”.

Vejamos o poema a seguir:

TENRAS LIÇÕES

Era cunhatã ainda quando
singrava as águas do Negro
rio moreno... aonde vão boiando
os mais serenos segredos

[...]

Lá vai o regatão deslizando
no mundo de mansas águas.
Lá vai a cunhatã banzeirando
no caudaloso rio que deságua

[...]

Lá se vão as grandes heroínas
vestidas de aparente resignação,
mas são o sustentáculo da família
na honrada e dura lida do pão.

São fortes e atrevidas estas Marias,
Marias que tecem o fio do destino.
Em meio ao rebojo das calmarias,
o suor rola pelo rosto destemido.

[...]

(Cortezão, 2017, p. 126)

O poema está inserido na parte III, BANZEIRO (RE)MANSO(SO), da obra *Banzeiro Manso* (2017). O poema em rimas descreve a vida ribeirinha, quando ainda era a menina dos rios e da floresta, “cunhatã”, palavra de origem indígena muito utilizada na linguagem amazonense, que significa “mulher de resistência”. O poema demonstra a resistência do povo das doces águas e florestas, assim como a resistência da mulher ribeirinha amazônica. A voz poética se coloca como mulher de resistência, mostrando a força ancestral dos povos indígenas.

No comando da canoa, “Lá se vão as grandes heroínas / vestidas de aparente resignação, /mas são o sustentáculo da família / na honrada e dura lida pelo pão”. No poema, as mulheres ribeirinhas ganham o protagonismo, sendo mulheres fortes, heroínas que, além de cuidarem dos filhos e fazerem os serviços domésticos, fazem o serviço pesado nas plantações. Em Torres (2009),

Ainda hoje nas comunidades indígenas da Amazônia, a família e as relações que dele resultam constituem-se no elemento organizador da economia. Em inúmeras comunidades, a mulher é o sujeito central na organização da economia doméstica, não havendo, sem ela, produção e nem reprodução social e cultural (Torres, 2009, p. 351).

A mulher indígena, ribeirinha que vive nas comunidades da Amazônia, muitas vezes, é quem sustenta sua família, trabalhando nas plantações, no roçado, preparando a terra, colhendo, pescando. São mulheres que trabalham duro de igual modo aos homens, sendo, também, transmissoras da cultura, mulheres que comandam sua vida e de sua família, assim como comandam o poema. Por sua vez, o poema expressa a luta diária de muitas mulheres ribeirinhas que moram nas comunidades que dependem da pesca e das plantações para sobreviver.

Nos próximos versos do poema “Marias”, “São fortes e atrevidas estas Marias, / Marias que tecem o fio do destino. / Em meio ao rebojo das calmarias, / o suor rola pelo rosto destemido.”, nota-se que “Marias”, no plural, representa todas as mulheres, “fortes e atrevidas”, que tecem o fio de suas histórias e memórias em meio ao “rebojo e calmaria” da vida, o suor do trabalho duro escorre pelo rosto dessa mulher valente. São mulheres que demonstram a resistência da mulher das águas, terras e florestas, mulheres que lutam, como nos versos do poema:

MARIA E AS OUTRAS

Sou Maria como tantas
 cheia de vida e de sonhos
 muitas e quantas vezes
 sou Maria e vou com as outras
 porque as conquistas
 são fruto das muitas lutas.
 A sociedade de mim se burla:
 “Maria Vai-com-as- outras”!
 Melhor seria se soubesse
 o caminho de Maria quando
 engajada com as Outras.
 Caminho das tantas Marias
 que lutam por respeito
 nesta sociedade
 que negligencia
 a condição anônima
 de ser mais uma Maria

(Cortezão, 2017, p. 74, grifo da autora)

O poema está inserido na parte II, (RE)MANSOS (RE)VERSOS, da obra *Banzeiro Manso* (2017). Nele, o eu-poético sujeito feminino exprime a luta coletiva das mulheres quando se juntam pelos seus direitos. No primeiro verso, “Sou Maria como tantas”, o eu-poético se encontra em primeira pessoa, “Sou”, flexão do verbo ser, e o nome “Maria”, no poema, representa a mulher. A voz poética se une, formando um coletivo de vozes que estão a resistir e a lutar. Mulher “cheia de vida e de sonhos”, que se junta a outras mulheres porque “sou Maria e vou com as outras / porque as conquistas / são fruto das muitas lutas”, mostrando que o que as mulheres têm conquistado na contemporaneidade foi fruto dos movimentos feministas da força coletiva das mulheres em resistir à subalternidade e aos silenciamentos. São frutos de liberdade e igualdade plantados por outras vozes e que, hoje, na contemporaneidade, as mulheres estão a colher.

Nos versos “a sociedade de mim se burla: / “Maria Vai-com-as-outras”! / Melhor seria se soubesse / o caminho de Maria quando / engajada com as Outras”, os versos expressam que a sociedade se engana ao não reconhecer a força do coletivo feminino e dos movimentos feministas. O poema expressa a sororidade feminina e a união das mulheres ao lutar por igualdade e liberdade.

Nos últimos versos, “Caminho de tantas Marias / que lutam por respeito / nesta sociedade / que negligencia / a condição anônima / de ser mais uma Maria”, a trajetória das mulheres tem sido lutar por respeito nesta sociedade patriarcal, machista que tenta silenciar a condição do ser mulher, negligenciando-a.

Em outro poema de Marta Cortezão, também encontramos a liberdade e o protagonismo do ser mulher amazônica, como no poema:

DONA DE MIM

Desses amores pretéritos
 que, feito garras, estendem
 raízes; alcançam o presente
 e deixam o coração plangente...
 Assim era esse pesado paneiro
 que de amor me curvava o caminhar.

Já o havia deixado para trás
 com todos os prejuízos
 e os desafetos na bagagem
 de uma curta e intensa viagem;
 mas como cantiga de uma nota só
 o agora arrotava outrora.
 Ainda que tentasse apagá-lo
 era como uma acidez sem remédio
 virando úlcera dentro de mim
 num ritmo tedioso a batidas de martelo.

Desses amores que ensandecem
 e vulneram os sentidos
 e ainda assim envaidecem
 a alma de autoestima.
 Pinteí uma aquarela
 nos olhares de cobranças,
 vermelhas rosas nas bocas amarelas
 e um oceano nas tristes cantilenas...

A escolha foi minha:
 abracei a loucura
 sem preocupações futuras.
 Sou Eva, amiga da sábia serpente
 que me ensinou o pecado
 e as rudezas de um mundo doente.
 Sou mulher livre
 para amar a loucura
 sou mulher louca
 para alçar voo sem limites
 sou mulher viva
 para viajar aventuras
 sou despenhadeiro
 para aventurar-me aladamente.
 Sou Dona de mim
 para fazer diabruras.

Enfim, sou o que queira ser
 sou o que queira viver
 meu corpo é minha propriedade
 meu corpo é templo sagrado
 é apenas minha responsabilidade
 sou jardim em flores,
 primavera de amores!
 E os beija-flores
 que meu caminho cruzem
 de mim terão
 o merecido perfume
 porque sou Dona de mim!

(Cortezão, 2017, p. 79, grifo da autora)

O poema está inserido na parte II, (RE)MANSOS (RE)VERSOS, no livro, *Banzeiro Manso* (2017), na qual a poeta entrelaça o universo amazônico com o amor e a liberdade. Sua poesia é uma tecitura, que vai sendo tecida assim como a confecção do “paneiro”, cesto produzido regionalmente, utilizado na colheita da castanha. Sua poesia se torna como esse “paneiro”, que, após a colheita, traz consigo toda a cultura amazônica. O eu-poético sujeito feminino fala de um amor que “já havia deixado para trás”, mas, ainda que “tentasse apagá-lo”, era como “úlceras dentro de mim”, amor que lhe enche a “alma de autoestima”.

Nos próximos versos, “Sou mulher livre / para amar a loucura / sou mulher louca / para alçar voo sem limites / [...] Sou Dona de mim”, o eu-poético expressa que é mulher livre para amar, viver e fazer suas escolhas, sendo uma mulher dona de seus desejos e vontades.

Na última estrofe, “Enfim, sou o que queira ser / sou o que queira viver / meu corpo é minha propriedade / meu corpo é templo sagrado / é apenas minha responsabilidade / [...] porque sou Dona de mim!”, a voz poética feminista, de uma mulher que é dona de si, em fazer suas escolhas, dona de sua vida, do seu corpo, de suas vontades e desejos. O poema expressa a liberdade em ser uma mulher livre para ser e viver, tendo o corpo como local sagrado e de apenas sua propriedade. Porém, nem todas as mulheres puderam vivenciar a liberdade expressa no poema: africanas e indígenas tiveram seus corpos e identidades marcados pela escravidão e pelo colonialismo.

Marta Cortezão reflete que “falar de repressão de nossos corpos é libertador, é uma potente ferramenta de luta feminista. É preciso nunca esquecer que o patriarcado se coloca como ordem e se propaga através da linguagem com sua eterna narrativa simbólica” (Cortezão, 2024, on-line). A escritora reflete sobre o patriarcado como ordem que se propaga pela palavra, e que poder escrever sobre o corpo feminino e expressar a liberdade é libertador.

Na contemporaneidade, nem todas as mulheres conseguem vivenciar a liberdade em terem seus corpos livres da dominação masculina. Dialogando com a feminista Saffioti (2015), em sua obra *Gênero Patriarcado Violência* (2015), apresenta os resultados de sua pesquisa sobre a violência contra as mulheres e conceitua gênero, violência e patriarcado. Para Saffioti (2015), a cultura patriarcal nunca deixou de estar presente na sociedade, pois as mulheres continuam a ser violentadas.

A feminista ainda ressalta que “[...] as brasileiras têm razões de sobra para se opor ao machismo reinante em todas as instituições sociais, pois o patriarcado não abrange

apenas a família, mas atravessa a sociedade como um todo” (Saffioti, 2015, p. 40). O patriarcado atua nas esferas da sociedade, em instituições que exercem poder, não se restringindo somente à família. A autora salienta que, “[...] do mesmo modo como as relações patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contaminam toda a sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o Estado [...]” (Saffioti, 2015, p. 54). Para a autora, a cultura patriarcal acaba por contaminar a todos, sendo homens e mulheres.

Reescrevendo Saffioti (2015), ao citar Pateman (1993), reflete que a sustentação do patriarcado é o contrato civil, que acaba se tornando um contrato sexual e, através desse contrato, o homem se sente no direito de ter a mulher como seu mero objeto deste contrato. Homens que controlam e dominam a vida de suas esposas, filhas e namoradas (Saffioti, 2015). A feminista traz à baila a discussão sobre o patriarcado e diz que “[...] colocar o nome da dominação masculina – *patriarcado* – na sombra significa operar segundo a ideologia patriarcal, que torna *natural* essa dominação-exploração [...]” (Saffioti, 2015, p. 56, grifo da autora). A feminista reforça a existência do patriarcado como dominação masculina. A poeta Marta Cortezão (2024) expõe que:

Somos mulheres sobreviventes de um sistema que oprime e mata. A nossa revolta é legítima e política porque, não só nos conecta com outras mulheres, mas com nossa própria essência. Que nos emancipemos do patriarcado, que nos autorizamos a dizer sem medo, a construir espaços para diálogos conscientes através de nossas lutas (Cortezão, 2024, on-line).

No século XXI, ainda parece haver mulheres que se sentem presas a um relacionamento abusivo, precisando se submeter a muitas situações por dependerem financeiramente de seus maridos, pois eles são os únicos provedores da família. Mulheres que sofrem violências físicas e psicológicas, que brutalmente têm seus corpos violentados, queimados, assassinados e abusados, pois “é o nosso corpo que é o que sofre com as dores do mundo, é o feminicídio que nos mata, então são todas essas questões voltadas do assédio, da violência” (Cortezão, 2023, on-line).

As escritoras expressam, em seus poemas, uma mulher que tem desejos, que faz suas escolhas, que é sujeito de suas paixões, que constrói seu próprio futuro, como nos versos do poema de Vera Duarte: “Busco um outro começo construo um outro futuro” (Duarte, 2018a, p. 16). Trata-se de um eu-poético que expressa suas vontades e desejos, que ama, mas também luta, não mais permanecendo como objeto de desejo, mas, sim, sujeito de suas vontades como nos versos do poema de Marta Cortezão “meu corpo é minha propriedade meu corpo é templo sagrado é apenas minha responsabilidade”

(Cortezão, 2017, p. 79). Liberdade essa conquistada através de muitos corpos-vozes de resistência e que, na contemporaneidade, a mulher pode vivenciar.

No eu-poético feminino das autoras, encontramos a mulher como protagonista de sua história, que não se coloca no lugar de vítima, mas que enfrenta as adversidades, uma mulher de coragem que luta pelos seus desejos. As duas poetisas expressam, em sua voz poética, mulheres fortes, sujeitos de histórias e escolhas mulheres que lutam por liberdade e igualdade. Assim, trata-se de duas escritoras que trazem o protagonismo da mulher, ao mostrar resistência em se afirmarem como sujeitos de seus corpos. São mulheres que, em luta e poesia, estão a plantar sementes para as novas gerações. Essas escritoras expressam o empoderamento da mulher e sua emancipação, a liberdade poética em exprimir os desejos íntimos em uma poética sensual como apresenta o próximo tópico.

3.2 Corpos em palavras: Amor e erotismo em poesia

Na literatura, o corpo feminino, o amor e o erotismo foram por muitos anos temáticas representadas pelo olhar masculino, a mulher como objeto de escrita era imaginada e representada. Ao conquistar a liberdade de suas vozes e corpos, as mulheres, ao escrever, levantam-se contra as ideologias dominantes, assim como os preconceitos e silenciamentos que as impedem de expressar a sexualidade. Ao empoderar-se da escrita, a mulher, como protagonista, deixa de ser objeto e passa a ser sujeito da (na) literatura. Quebrando os paradigmas da escrita feminina, a mulher, ao escrever, revela seu próprio olhar sobre seu corpo, desejos e sexualidade.

A linguagem erótica feminina é, também, uma forma de a mulher lutar e resistir às representações, aos estereótipos, silenciamentos, machismo, sexismo e a erotização de seus corpos. Na escrita erótica, a mulher se liberta e dá voz ao exprimir suas emoções, sentimentos íntimos, sexuais, onde o corpo da mulher encontra a liberdade em resistir para existir. Na literatura erótica feminina, o corpo da mulher e os desejos sexuais ganham novos sentidos e representações, pois, ao escrever, a mulher revela o seu olhar sobre seu corpo e libido.

Dialogando sobre a poesia e o erotismo, Paz (1994) expõe que “a relação entre o erotismo e poesia é tal que se pode dizer, sem afetação, que o primeiro é uma poética corporal e a segunda uma erótica verbal. Ambos são feitos de uma oposição complementar” (Paz, 1994, p. 12). A linguagem poética erótica, como expressão do corpo e dos desejos sexuais, ambos são criados pela “imaginação que é o agente que move o ato erótico e o poético” (Paz, 1994). Tanto a poesia como o ato erótico são gerados pela

imaginação humana. A poesia, assim como o erotismo, “nascem dos sentidos, mas não terminam neles. Ao se soltarem, inventam configurações imaginárias – poemas e cerimônias” (Paz, 1994, p. 14). É por meio dos sentidos que a poesia e o erotismo nascem, mas os transcendem não tendo seu fim nos sentidos.

Para Paz (1994), ainda sobre a relação entre a poesia e erotismo, “a relação da poesia com a linguagem é semelhante à do erotismo com a sexualidade. Também no poema – cristalização verbal – a linguagem se desvia de seu fim natural: a comunicação” (Paz, 1994, p. 13). Assim como a poesia busca outros sentidos além da sua função primordial a comunicação, o erotismo diferente da sexualidade, pois não se reduz somente ao prazer físico ou ao ato sexual cuja função é a reprodução. A reprodução é natural aos seres humanos e animais, ambos com suas diferenças, já “o erotismo é exclusivamente humano; é sexualidade socializada e transfigurada pela imaginação e vontade dos homens” (Paz, 1994, p. 16). O erotismo é inerente ao ser humano, mas vai além do ato sexual físico em si, o erotismo é imaginação, fantasias eróticas, atração física, que conduz aos desejos sexuais, prazer, libido e gozo, construído culturalmente e socialmente expressado de diversas formas.

Ainda segundo Paz (1994), “o erotismo e o amor são formas derivadas do instinto sexual: cristalizações, sublimações, perversões e condensações que transformam a sexualidade e a tornam, muitas vezes, incognoscível” (Paz, 1994, p. 15). O erotismo e o amor são expressões múltiplas da sexualidade humana, que sofrem variações. Para Paz (1994),

O amor é atração por uma única pessoa: por um corpo e uma alma. O amor é escolha; o erotismo, aceitação. Sem erotismo – sem forma visível que entra pelos sentidos – não há amor, mas este atravessa o corpo desejado e procura a alma no corpo e, na alma, o corpo. A poesia inteira (Paz, 1994, p. 34).

Diferente do erotismo, o amor é o desejo de conexão com outra pessoa, é escolha, entrega, busca pelo outro, necessidade humana de se completar no outro. O amor busca a completude, não é individual e almeja se encontrar no outro. O amor vai além do prazer físico, mas, conforme o autor, “sem erotismo não há amor”. Parafrazeando Paz (1994), a sexualidade produz o erotismo e esse sustenta o amor (Paz, 1994, p. 7).

Relacionando com a poesia das escritoras em análise, ambas, desde suas primeiras publicações, Vera Duarte, em *Amanhã amadrigada* (1993), e Marta Cortezão, com sua primeira publicação, *Banzeiro manso* (2017), expressam em sua escrita a linguagem sensual e erótica. Enquanto em Vera Duarte, com sua linguagem revolucionária, a mulher

tem liberdade e expressa seus desejos íntimos, em Marta Cortezão, sua linguagem erótica se une aos cenários amazônicos e está presente em todas as suas obras. Ambas as escritoras, desde suas primeiras publicações, demonstram a liberdade ao construir os versos, exprimindo desejos sexuais, prazeres, amor e libido. Seus poemas, além de expressarem uma linguagem feminista, expressam a linguagem do prazer, como nos versos do poema:

Desejos-liberdade

Queria
sobre a relva verde dos campos
sentir teu corpo junto ao meu
Queria
nos doces lençóis da areia
ouvir tua voz marinha sussurrante
Queria apertar teus lábios
teus olhos, tuas mãos
E falar de amor
quando tudo em mim grita liberdade.

(Duarte, 2023, p. 59)

O poema está inserido no caderno III, *poemas de bloqueio – de amor e ausência (1975 -1980)* do livro *Amanhã amadrugada (2023)*. O poema expressa o desejo e liberdade, assim como seu título. Os versos se iniciam com “Queria”, flexão do verbo querer, demonstrando o desejo em querer estar perto da pessoa amada. No poema, os quatro verbos “sentir”, “ouvir”, “apertar” e “falar” expressam capacidades do ser humano e o desejo da presença do outro com “sentir o corpo junto ao meu”, em uma referência ao contato e à intimidade com o ser amado.

Em metáforas, os versos “sobre a relva verde dos campos”, simbolizando a vastidão, imensidão, a liberdade “nos doces lençóis da areia” e “ouvir tua voz marinha sussurrante”, simbolizam o mar, as ilhas do arquipélago. Nos versos “E falar de amor / quando tudo em mim grita liberdade”, o eu-poético liberto quer expressar a liberdade de amar e desejar. Como já mencionado anteriormente, o fio condutor dos poemas de Vera Duarte é a liberdade conquistada e sonhada que a poeta quer exprimir, também, em sua escrita. O poema expressa esse corpo já liberto que deseja o encontro com o outro, o ser amado, e também expressa os sentidos da vida humana que se conecta com o mundo ao seu redor.

Em outro poema em prosa, o eu-poético feminino expressa o desejo de amar e ser amada, como nos versos:

Como diria o poeta, choro da dor de me saber mulher feita **não** para amar mas para ser amada. Choro porque sou e amo. E esterizam-se-me as forças. Uma melancolia sem princípio nem fim possui-me e quedo-me impotente. Um súbito regato de águas claras inundara-me. Deixe-me sorrindo. Mas as águas avolumaram-se e senti perder-se a minha alma...
 Por isso choro. Por me saber mulher e não poder amar. Contudo amo. E na solidão meus soluços se sucedem em canção desesperada.
 Sinto-me escravizada, tiranizada, violentada. E meu ser nascido livre se revolta.
 Na impotência se mata. Quem depois se acusará?
 Por isso quero desvendar os universos proibidos e purificar-me. Penetrar nos bastidores da minha condição humana e lutar contra os preconceitos e a opressão que castram. Desprezar, com ódio acumulado, os fariseus da minha história e voar, na plenitude do meu ser nascido livre, de encontro às aspirações da alma.

(Duarte, 2023, p. 26, grifo meu)

O poema em prosa, está inserido no caderno I, *momento XII (século vinte, um dia incerto de um tempo de mágoas)*, no livro *Amanhã amadrugada* (2023). Como citado anteriormente, os poemas seguem o tempo cronológico decrescente entre 1985 e 1975, “século vinte, tempo de mágoas”. O eu-poético sujeito feminino expressa um tempo de “choro” de dor, mas, também, outro tempo de “desvendar os universos proibidos”, tempo de redenção e descobertas e tempo libertador.

O poema narrado inicia seus versos, “Como diria o poeta”, se referindo ao gênero masculino, pois escrever em geral e escrever sobre o amor e as paixões era para os homens, e o papel da mulher era cuidar da casa e da família. Nos versos “Choro da dor de me saber mulher feita não para amar mas para ser amada”, o sujeito poético feminino expressa essa dor em ser objeto de prazer e não o sujeito do prazer: “sinto-me escravizada, tiranizada, violentada. E meu ser nascido livre se revolta”. Assim, expressa a revolta do corpo da mulher africana e cabo-verdiana e porque não dizer de todas as demais mulheres que sofreram com a escravidão e que sofrem com a violência. Para a escritora cabo-verdiana, Dina Salústio (2018),

Alguns estudiosos dizem que, em Cabo Verde, a relação entre os escravos e os seus senhores era muito humana, quase familiar, um pouco devido à pobreza que atingia a todos. No entanto, é legítimo querer saber sobre que tipo de relação humana ou familiar é possível existir num grupo em que alguém tem o chicote e o poder sobre o outro que nada tem (Salústio, 2018, p. 195).

Tempo de dor da colonização do povo cabo-verdiano, dos silêncios impostos à mulher, da violência sofrida, é essa voz que grita em palavras esse “choro”: “e meu ser nascido livre se revolta” e meu ser nascido mulher livre se revolta em palavras, pelo tempo patriarcal e colonial, “Por me saber mulher e não poder amar”, se revolta em saber que nasceu livre para amar e não para ser amada, que nasceu para desejar e não para ser

objeto de desejo. “Contudo amo”, afirmando-se como sujeito que ama que deseja, pois o eu-poético pode até chorar, mas, na escrita, encontra a liberdade em que “meu ser nascido livre” se liberta desse choro reprimido.

Nos próximos versos, “Na impotência se mata”, nota-se a impotência diante as desigualdades, situações em que o ser mulher livre se sente impotente diante a violência, diante o feminicídio, “Por isso quero desvendar os universos proibidos e purificar-me” e quero viver e “desvendar” o mundo e a liberdade proibida e “Penetrar nos bastidores da minha condição humana e lutar contra os preconceitos e a opressão que castram”. Como voz dos direitos humanos, Vera Duarte luta em vida e em palavras contra toda e qualquer forma de opressão. Em entrevista, a poeta afirma que “a literatura tem sido para mim também uma arma de combate em prol das causas em que acredito. E por todos os meios que me forem possíveis lutarei pela liberdade que considero um bem sagrado!” (Duarte, 2021, on-line).

Ao final, “Desprezar, com ódio acumulado, os fariseus da minha história”, expressa o “choro” escrito em palavras de todo o “ódio acumulado” do tempo da colonização vivenciada na história do povo cabo-verdiano, dos silenciamentos impostos à mulher, das desigualdades de gênero. O “voar na plenitude do meu ser nascido livre”, a conquista da independência de Cabo Verde em 1975, o libertar-se das amarras da colonização, segundo Gomes (2023), são situações “representativas tanto do percurso feminino em Cabo Verde quanto da “revolução”, da independência do arquipélago dos grilhões do colonialismo” (Gomes, 2023, p. 89). A voz poética exprime os dois tempos vivenciados pelas mulheres cabo-verdianas. E é esse “ser nascido livre” que se liberta das amarras do patriarcado quando com sua voz expressa “Choro por que sou e amo”, afirmando-se como sujeito que ama, que deseja.

O poema em prosa apresenta-nos dois tempos, o tempo da dor do sofrimento, tanto para o povo cabo-verdiano como para a mulher, e um novo tempo de libertação, um novo amanhecer, uma nova “madrugada”, tempos de descobertas e de construir uma nova nação e uma nova escrita da mulher cabo-verdiana. Apontado por Gomes (2023),

Vera se debruça sobre temáticas estruturais do tempo em que vive, com os direitos humanos, a assunção e o empoderamento da voz e da ação femininas na sociedade e na literatura, a persistência de situações de discriminação e escravatura, a denúncia e a abolição de qualquer tipo de preconceito, a extinção de todas as formas de violência (Gomes, 2023, p. 88).

Ao empoderar-se da fala pela palavra, Vera Duarte, em sua poética humanizada, clama pelo seu povo africano e cabo-verdiano. A poeta luta e reivindica os direitos

humanos, os direitos das mulheres a sua emancipação, levantando a bandeira contra o patriarcado e silenciamentos. Em seus poemas, as mulheres ganham voz e protagonismo como sujeitos de suas vidas e histórias, mulheres ativas que expressam seus desejos e prazeres como nos versos do poema:

Carência

Amar-te loucamente
 abrir sobre ti as janelas do meu ser ser
 campo aberto e florido
 e viver assim
 em estranhas madrugadas
 à luz dos candeeiros
 envolta em luas e neblinas?
 antes
 êxtase e paixão
 mãos vazias
 e corpo carente

(Duarte, 2023, p. 65)

O poema está inserido no *caderno III* (poemas de bloqueio – de amor e ausência 1975-1980, do livro *Amanhã amadrugada* (2023)). O poema inicia com o verbo amar no futuro “amar-te”, nos versos “amar-te loucamente / abrir sobre ti as janelas do meu ser ser / campo aberto e florido”. Em metáfora, os versos simbolizam o futuro redentor de liberdade, onde o ser livre deseja se entregar a essa paixão e “abrir” todo seu ser, entregando-se completamente de corpo e alma a esse amor.

Nos versos “e viver assim em estranhas madrugadas / à luz dos candeeiros / envolta em luas e neblinas?”, o eu-poético demonstra o sentimento de solidão, carência e tristeza que o isolamento das ilhas causava as mulheres cabo-verdianas. Sendo Cabo Verde, um país insular com clima seco, muitos cabo-verdianos emigraram para as outras ilhas ou outros lugares em busca de melhores condições de vida.

Nos últimos versos, “antes / êxtase e paixão / mãos vazias / e corpo carente”, o eu-poético exprime que, ao invés do sentimento de solidão, “antes” prefere o prazer, a paixão, o amor, e se entrega a esse amor com “corpo carente”. O poema exprime o desejo de afeto pelo ser amado, a falta desse amor ausente que lhe causa carência e a liberdade de expressar os sentimentos. Para Paz (1994), “não podia ser de outra forma: o erotismo é antes de tudo e sobretudo *sede de outridade*” (Paz, 1994, p. 20). É essa sede pelo outro que o poema expressa e que também encontramos na prosa poética:

Fechemos as cloacas fétidas da cidade e deixemos inebriarem-se os ares de rescindidos perfumes estivais. E o preço da liberdade. Palmeiras ao sol e longas longas praias de areia molhada a manterem desperto o fervilhar anímico das paixões. A voz da libido. Em toda a sua violência incontrolável.

No entanto, sublimar é a palavra d'ordem. Sublimar aqui e agora o desejo da presença, da intimidade, do isolamento a dois. Mutilar a alma, sacrificar as paixões em nome das convenções que nos fazem civilizações e grandeza.

Sinto em mim, contudo, imperioso e dolente, o desejo da terra molhada, dos corpos belos, o prazer físico da presença desejada, do frêmito incontido ao roçar leve da tua mão na minha.

[...]

Sublimar é a palavra d'ordem. O amor e a paixão, a libido e o prazer no altar dos valores supremos. Sublimar aqui e agora e manter estoica e estupidamente secretos os diálogos que comigo mantenho contigo.

Convenho-me que a vida é feita de ironias.

Queria contudo abraçar-te em meio à multidão, correr ao encontro de ti pelas achadas imensas e juntos nos afogarmos nas ondas deste oceano que é nosso.

Amanhã o dia será de glória.

(Duarte, 2023, p. 39)

O poema em prosa está inserido no caderno II, (exercícios poéticos 1980) intitulado *exercício poético 5 A ti*. O poema em prosa exprime metaforicamente um convite a se libertar das dores, sofrimentos e desamores do passado e se deixar extasiar dos tempos bons, dos amores, paixões e libidos do passado. A voz poética inicia com os verbos no imperativo “fechemos” e “deixemos”, fazendo um convite a abandonar as tristezas passadas e se deixar conduzir pelos prazeres do passado. Segundo Secco (2022), “Vera Duarte penetra nas profundezas interiores do universo feminino, buscando libertar as paixões reprimidas no inconsciente da maioria das mulheres de Cabo Verde” (Secco, 2022, p. 1). Assim, exprime os conflitos existenciais presentes nas mulheres cabo-verdianas de um passado patriarcal e colonial.

Na sequência, o eu-poético sujeito feminino exprime seus desejos sexuais em “palmeiras ao sol e longas longas praias de areia molhada a manterem desperto o fervilhar das paixões. A voz da libido. Em toda a sua violência incontrolável”. Essa paixão incontrolável que transcende a razão e desperta a libido em “Sublimar é a palavra d'ordem. O amor e a paixão, a libido e o prazer no altar dos valores supremos”. O prazer sexual como “ordem” elevado ao altar das devoções, que o eu-poético revela ao se dirigir a pessoa amada. No verso final, “Amanhã o dia será de glória”, um novo tempo, uma nova “amanhã amadrugada”, uma madrugada de redenção e libertação para a mulher cabo-verdiana.

Conforme apontado por Sepúlveda (2008),

Sua poesia traz nítidas as marcas de uma bem definida posição política, além de deixar emergir o forte erotismo que caracteriza sua grande sensibilidade. Vera se coloca como poeta que interpreta os sentimentos e desejos de seu

tempo e de seu espaço, sua obra é o extravasamento em forma de poesia do "sentir" que capta nas pessoas que a rodeiam [...] (Sepúlveda, 2008, p. 22).

A escrita de Vera Duarte, como afirma a citação, define bem sua posição política. Em sua linguagem de cunho social, percebemos, fortemente, sua postura, ao trazer para os poemas suas lutas, ao reivindicar os direitos humanos, a emancipação da mulher e lutar contra toda opressão e violência. Os poemas também exprimem a linguagem erótica, a sensibilidade em expressar os sentimentos mais íntimos da vida humana, os prazeres e desejos sexuais. Uma escrita que mergulha no interior humano e revela as profundezas da existência cabo-verdiana. Para Secco (2022), “a mulher-poeta se quer senhora não só de seu corpo, mas também de sua linguagem, porque toma consciência de que só pode pensar o mundo e a si com o domínio das palavras” (Secco, 2022, p. 11). É essa mulher, dona de seu corpo e escrita, que revela seu olhar sobre o mundo, afirmando-se:

E como é linda essa folha de papel que nervosamente vou cobrindo de pequenas formas arredondadas que talvez morram no caixote de lixo mais próximo ou levem ao próximo milênio a mensagem do milênio mil, rica e sinuosa, vermelha como um grito e, acima de tudo, MULHER (Duarte, 2023, p. 23).

É essa “MULHER” com letras maiúsculas, sujeito ativo protagonista de sua vida e desejos que a poeta exprime em sua escrita, essa mulher que sonha com um futuro emancipador para as mulheres. Essa voz poética diz “busco um outro começo / Construo um outro futuro” (Duarte, 2018a, p.16). Trata-se de mulheres que plantam sementes de um novo amanhecer uma nova “amanhã amadrigada”.

Mergulhar na poética das águas de Marta Cortezão é também navegar pela escrita do ser mulher e se banhar nos rios poéticos dos amores, dos prazeres e das lembranças do mundo amazônico de suas vivências. É encontrar uma poética erótica de muitos amores, amor pela sua terra de pertencimento, amor próprio, amor de mãe, amor de filha, amor de mulher e amores da adolescência, como nos versos do poema:

DOS AMORES

Meu primeiro inocente amor
 pesquei na cacimba
 com isca de bucho de cuia
 na água menina
 que borbulhava
 de dentro para fora
 transbordando o coração
 de paixão cunhatã.

[...]
 Quando seu sorriso me via

minha boca desejava beijo
 igual chuva cai do céu
 e fervilhava sentimentos
 na água menina!

[...]

Até que um dia, quando soprou
 forte o vento e o bacurau cantou
 entojado e quase engoliu a boca da noite,
 a cuieira murchou,
 a isca acabou,
 o caniço quebrou.
 Meu amor me deixou,
 indo boiar em outra cacimba.

[..]

Foi quando mergulhei no rebojo mulher
 e descobri que o amor primeiro
 é apenas o primeiro banzeiro da alma
 que balança a árvore no igapó dos desejos
 e dos amores deslumbrados...
 Sem medo, atirei-me nas águas do rio
 e aprendi com Dom Juan Boto
 que há tempo para um louco
 e encantado amor
 em qualquer que seja o porto.

(Cortezão, 2017, p. 142, grifo da autora)

O poema está inserido no livro *Banzeiro Manso* (2017), e a doce poética da Marta Cortezão expressa muito “Dos amores” que, ao longo das suas vivências, foram enchendo seu coração e transbordam em poesias conduzidas por amores. O eu-poético expressa o amor que nasce na “água menina” seu “primeiro inocente amor”, uma “paixão cunhatã”. Em primeira pessoa o eu-poético descreve como esse amor nasceu, “pesquei na cacimba”, um amor pescado poeticamente que seja ser tão forte “que borbulhava / de dentro para fora / transbordando o coração / de paixão cunhatã”.

Nos versos “Quando seu sorriso me via / minha boca desejava beijo / igual chuva cai do céu / e fervilhava sentimentos / na água menina” Ao encontrar a pessoa amada os sentimentos e emoções afloram despertando na “água menina” o amor. Essa menina é imensa e profunda assim como os rios amazônicos. Os versos exprimem o “primeiro amor” da adolescência um amor “inocente” e puro de paixões, que se unem ao cenário amazônico.

Os próximos versos, “Meu amor me deixou / indo boiar em outra cacimba”, demonstram a desilusão amorosa, o abandono, um “forte vento” que provocou a destruição ao redor da pescaria do coração, pois “a isca acabou / o caniço quebrou”, sendo

uma destruição que lhe causou dor no coração e em seus sentimentos. É no cenário amazônico de suas vivências que a voz poética da poeta mergulha e faz “fervilhar” seus sentimentos e emoções é o amor que resplandece nos espelhos das águas do rio profundo.

Ao final, “Foi quando mergulhei no rebojo mulher / e descobri que o amor primeiro / é apenas o primeiro banzeiro da alma”. Foi quando no “rebojo mulher”, o eu-poético descobriu-se mulher adulta e forte e percebeu que esse “banzeiro da alma” da desilusão não iria lhe abalar e que mais “amores banzeiros” renasceriam. E, “Sem medo, atirei-me nas águas do rio / e aprendi com Dom Juan Boto / que há tempo para um louco e encantado amor / em qualquer que seja o porto”. “Sem medo”, a voz poética mergulha em um novo amor que a saiba valorizar “em qualquer que seja o porto”.

E esse “louco e encantado amor” atraca-se em outro porto:

VALSA PARA EROS

Teus passos cegos
me vigiam.
Teus olhos passeiam
minha alma.
Teus sentidos
me ensandecem.
Tua boca ensurdece
meu mundo.
Teu silêncio
grita desatinos,
em gestos eróticos,
quando Eros travesso
se burla de mim.
Tuas mãos invadem
meu jardim.
Anjo querubim!
Faz arruaça,
na doce relva
molhada!
Cupido curumim,
flecha de carmim
na aljava.
Suspiros,
em movimentos
caleidoscópicos...
A mente serpenteia
embalada num
cadenciado
compasso.
Tua respiração
explode afônica
de regozijo
intempestivo...
Seios, pernas
Mãos e braços
esgotam-se...
Teu coração
guarda fresco

hálito de flores
 A cura de tantas
 tristes dores...
 Feneço de gozo.

(Cortezão, 2017, p. 39-40, grifo da autora)

O poema está inserido na parte I (RE)MANSOS (DI)VERSOS, na obra *Banzeiro Manso* (2017). O poema em metáforas simboliza uma valsa sensual do corpo entregue ao deus Eros, o deus do amor na mitologia grega. No embalo da dança do amor, o eu-poético vai descrevendo ao longo do poema o que esse amor provoca em sua vida, como nos versos “Teus sentidos me ensandecem / Tua boca ensurdece meu mundo”. Os primeiros versos iniciam com o pronome “teu” demonstrando pertencimento e intimidade. O eu-poético exprime a atração sexual sentida através da pessoa amada.

Nos próximos versos, “Teu silêncio / grita desatinos / em gestos eróticos, / quando Eros travesso / se burla de mim. / Tuas mãos invadem meu jardim.”, em antítese, é demonstrada a dualidade entre “silêncio” e “grita” até o silêncio da pessoa amada lhe causa “desatinos”, e Eros, o deus do amor, como ser “travesso”, uma paixão tão forte na qual os desejos sexuais são aflorados e o eu-poético se deixa dominar por esse amor intenso que domina seu corpo e alma.

Nos últimos versos, “Tua respiração / explode afônica / de regozijo / intempestivo... / “Seios, pernas, / mãos e braços / esgotam-se...”, nota-se o momento de prazer, de gozo, onde o corpo da mulher se entrega e se “esgota” a essa paixão que lhe consome, chegando a atingir o êxtase. Em “A cura de tantas / tristes dores... / Feneço de gozo.”, o eu-poético, já entregue a esse amor, chega ao êxtase completo do ato sexual. Nessa dança poética e sensual do corpo e dos sentidos, o eu-poético feminino se entrega por completo ao seu amor, alcançando o gozo, que é a cura de suas dores. A linguagem erótica do corpo que sente prazer e deseja em palavras poéticas, a poética do desejo da mulher que se entrega a essa paixão até chegar ao “Feneço de gozo”.

Para Paz (1994), “o testemunho poético nos revela outro mundo dentro deste [...]. Os sentidos, sem perder seus poderes, convertem-se em servidores da imaginação e nos fazem ouvir o inaudito e ver o imperceptível. Não é isso, afinal que acontece no sonho e no encontro erótico?” (Paz, 1994, p. 11). O poema nos conduz à imaginação, revelando o mundo íntimo dos sentimentos e prazeres, assim como o ato erótico. Como já citado, “a poesia e o erotismo nascem da imaginação” (Paz, 1994). É essa imaginação poética erótica que faz com que os sentidos ganhem vida em sua poesia, como nos versos de outro poema:

MISSIVA

Se queres o céu
 dê-me estradas
 se estradas,
 permita-me caminhos;
 se rios,
 revele-me nascentes;
 se jardim,
 floresça-me;
 se relva fresca,
 orvalhe-me;
 se louca enxurrada,
 chova-me;
 se rima,
 versifique-me;
 se porto
 atraque-me;
 se fogo,
 acenda-me;
 se libido
 deseja-me...
 Não andes na contramão
 da via de meus sentimentos.
 O tempo que se vai
 Dar-se por perdido;
 o amor que se perde
 é tempo ido.

(Cortezão, 2017, p. 29 grifo da autora)

O poema, intitulado “Missiva”, está inserido na obra *Banzeiro Manso* (2017) e significa “carta” ou “bilhete”. O eu-poético se dirige à pessoa amada e expõe uma condição, como no verso “Se queres o céu / dê-me estrelas”. Assim, todo o poema vai sendo narrado através de condições afirmadas pela condição “se”. A linguagem sensual do poema expressa a liberdade com que a poeta utiliza as palavras para expressar os desejos e prazeres que se unem ao universo amazônico. É a libido do ser que “acende” aos cenários amazônicos, como demonstrado, também, no poema:

POROROCA

Minhas águas são rios
 que fluem loucamente
 em tua direção, com ânsia
 de, na tua praia, quebrar-me.

Sou maré alta e quero banzeirar-me,
 violentamente, em teus braços.
 Sou o estrondo abrupto
 das impetuosas ondas
 aniquilando silêncios de outrora.

Desejo sítiar teus castelos de areia
 e adonar-me de todo teu reino...
 Lançar-me em cavalgada ligeira

como se fosse vez derradeira.

Porque o céu é o limite de amar
e o amor tanto nos importa...
Quando o meu rio encontrar
com tua delirante preamar
vai ser linda a nossa pororoca!

(Cortezão, 2017, p. 137)

O poema inserido na obra *Banzeiro manso* (2017) exprime o corpo sedento da mulher que se metamorfoseia nas águas, expressando seu desejo e paixão em ritmo de “pororoca²¹”. Pororoca é um fenômeno natural que acontece quando as águas do rio se encontram com as do mar, formando ondas gigantes. O poema, em metáforas, expressa o desejo sexual simbolizado na força das águas, que ganham vida e sentimentos. Os cenários das águas se entrelaçam com o desejo e o prazer. Nos versos “Minhas águas são rio / que fluem loucamente / em tua direção”, o corpo simboliza as águas do rio correnteza de prazeres que correm em “direção” à pessoa amada.

O encontro amoroso simbolizado pela “pororoca” demonstra a força dessa paixão que, ao longo dos versos, vai sendo expresso em “Sou o estrondo abrupto / das impetuosas ondas / aniquilando silêncios de outrora”. É um amor tão forte que exclui os “silêncios de outrora”. Nos versos “Por que o céu é o limite de amar”, para o amor não há limites e “Quando meu rio encontrar / com tua delirante preamar / vai ser linda a nossa pororoca!”. Assim, tem-se o encontro amoroso que se concretiza no seu ponto mais alto.

Sobre o poema, Costa (2024), afirma que “Vem do *Banzeiro Manso* a personificação do rio. No poema Pororoca, um rio fêmea, em alvoroço, convida para a cópula” (Costa, 2024, p. 184). No poema, o rio simboliza o corpo da mulher profundo e imenso, que se entrega às águas da paixão, o corpo, como água corrente que não tem limite para amar. É o desejo da mulher amazônica que se sente livre para expressar o prazer sexual e o gozo. Em sua poética sensual e erótica, as águas se metamorfoseiam e ganham novos sentidos, que, “Por meio deles, a poesia ergue uma ponte entre o *ver e o criar*. Por essa ponte a imaginação ganha corpo e os corpos se convertem em imagens” (Paz, 1994, p. 12). No poema, as imagens ganham corpo e voz, ao representar a liberdade e a fertilidade, e, nas águas poéticas, a poeta se deleita e mergulha no profundo dos sentimentos, gerando vida a poesia.

²¹ Palavra de origem Tupi Guarani que significa estrondo, a pororoca é fenômeno natural que acontece quando o rio se encontra com a correnteza do mar, formando ondas gigantes.

A linguagem sensual e erótica também está presente no livro *Amazonidades: gestas das águas* (2021). Como já mencionado, a obra é composta por trovas poéticas. Na sequência algumas trovas poéticas que expressam a linguagem erótica, como nos versos:

Este teu braço de rio
lascivo, morno, feroso
incendeia-me o pavio,
lâmparina, chama e gozo.

(Cortezão, 2021, p. 26)

Inserido na parte Rio I, *Dos acesumes*, a linguagem poética e sexual utiliza-se de metáforas para representar o desejo e a paixão entre duas pessoas. O “braço de rio” acende a chama da do prazer, “o fogo original e primordial, a sexualidade, levanta a chama vermelha do erotismo e esta, por sua vez, sustenta outra chama, azul e trêmula: a dor amor. Erotismo e amor: a dupla chama da vida” (Paz, 1994, p. 7). Chama da paixão essa que esquenta e sustenta o amor e, para um relacionamento se sustentar, é preciso ter paixão e libido, o desejo e atração pelo outro.

Para Melo (2021), “um traço importante, a meu ver, da poesia de Marta é o viés sensual, que pode ser evidenciado, de modo geral, em todo o livro, [...]. Neste sentido, o rio torna-se um eloquente símbolo lúbrico, másculo” (Melo, 2021, p. 15). O rio, como metáfora, simboliza o masculino que acende a “lâmparina” do feminino, o prazer dos corpos que se encontram e a chama do desejo da entrega se acende. O rio também está presente em:

Quando comecei transar
literatura em delírio
canoei todo um rio-mar
pra masturbar-me de vícios.

(Cortezão, 2021, p. 58)

Inserida na parte Rio III, *Das leseiras*, a trova poética une a escrita, o corpo e o prazer para simbolizar o prazer ao escrever. Ao exprimir o prazer que a escrita produz, a poeta expressa que, quando “comecei transar”, a relacionar intimamente com a “literatura delírio”, a literatura que causa êxtase, “canoei todo um rio-mar”, navegando por muitos lugares das suas vivências, tendo o “rio” como símbolo do Amazonas e o “mar” como símbolo do oceano atlântico, referindo-se à Espanha. O verso “pra masturbar-se de vícios” representa a escrita que lhe gera prazer chega até se tornar “vício”. Sobre a linguagem presente nas trovas poéticas, na orelha do livro, o escritor radicado no

Amazonas, Zemaria Pinto, expressa que “Duas linhas de pensamento são recorrentes: a sensualidade e a metalinguagem” (Cortezão, 2021, on-line). A poeta, ao escrever reflete sobre sua própria escrita. Vejamos outro poema:

A chuva molhava as vulvas
Sedentas das margaridas
Que gozavam gozo plúvio
E se abriam mais garridas.

(Cortezão, 2021, p. 59)

Inserida na parte Rio III, *Das leseiras*, a trova poética exprime o corpo feminino, o desejo sexual que se une à chuva e às flores. Ao cair a “chuva” e molhar as “vulvas sedentas das margaridas”, as flores sedentas por água, ao receberem a chuva, abrem-se “mais garridas” mais vivas. Ao expressar o desejo sexual da mulher simbolizado nas flores, a poeta demonstra a liberdade que utiliza em seus versos para expressar a sexualidade, a libido, o erotismo, pois “a poesia erotiza a linguagem e o mundo porque ela próprio, em seu modo de operação, já é erotismo (Paz, 1994, p. 12). Em sua poética, o corpo, a escrita, os sentimentos e os cenários amazônicos se unem no coletivo poético e dão formas a imaginação que “é o agente que move o ato erótico e o poético” (Ibidem).

Ao empoderar-se da escrita, as duas escritoras expressam, em sua poética, a linguagem da liberdade, do protagonismo da mulher em expressar seus desejos e prazeres. Nos poemas, a mulher se torna sujeito ativo que ama e demonstra desejo, e não, objeto de desejo. A mulher, em sua literatura, não é vista como mera reprodutora, mas sim, como uma mulher ativa que ama e que, em liberdade, expressa esse amor. Mulheres que têm seus corpos livres de todas as amarras e que ao trazerem para sua escrita a linguagem erótica se afirmam como sujeitos de suas vidas e desejos. São escritoras que, com suas poesias, estão a romper as barreiras da escrita da mulher na literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história das mulheres foi marcada por desigualdade e silenciamentos, mas elas resistem e escrevem, em corpos que se metamorfoseiam em contos, romances e poesias. São mulheres que abriram os caminhos para que, na contemporaneidade, outras mulheres pudessem escrever, como a desembargadora e poeta cabo-verdiana Vera Duarte e a poeta amazonense Marta Cortezão. Trazer para o campo da pesquisa a escritora Vera Duarte, com muitas obras publicadas e pesquisas realizadas sobre suas obras, em comparação com a escritora Marta Cortezão, uma escritora com publicações de obras recentes, é oportunizar que se abram caminhos para a leitura e pesquisas de suas obras.

A desembargadora e poeta Vera Duarte tem sua missão expressa em sua literatura, ao reivindicar os direitos humanos, os direitos das mulheres, sua emancipação e a emancipação dos povos. O fio que conduz sua escrita é a liberdade dos povos e das mulheres “Mas quero dizê-lo / e digo / Para ampliar / o refrão da / LIBERDADE” (Duarte, 2018, p. 15). Apresenta uma poética revolucionária ao trazer novos olhares para as temáticas centrais de Cabo Verde, ao trazer a mulher como sujeito de sua história e memória, ao rememorar as mulheres que lhe antecederam e rememorar homens e mulheres “combatentes da liberdade”, ao lutar contra todo e qualquer tipo de opressão, sua escrita se torna um instrumento de luta e resistência. Possui uma escrita que almeja e constrói um novo futuro sem opressões, onde o corpo da mulher encontra a liberdade ao afirmar “Eu sou!”.

A escritora Marta Cortezão, com sua literatura mergulhada em sua “Essência”, as vivências amazônicas de sua “infância das águas”, expressa, em sua poética, o protagonismo do povo das doces águas, a cultura, identidade, os costumes, tradições, a culinária, as lendas e mitos, o cotidiano da vida ribeirinha amazônica. Ao mergulhar no rio profundo, os cenários amazônicos se misturam aos seus sentimentos e memórias “guardadas no baú”. São todas essas memórias e vivências que espelham sua literatura. A poeta também expressa a força da mulher ribeirinha, “Dona de mim”, dona de suas escolhas e de seu corpo ao formar um coletivo de vozes em “Maria e as outras”.

Trata-se de duas escritoras de contextos sociais e culturais diferentes, mas que, em sua literatura, expressam o lugar de pertencimento, ao trazerem para a escrita o protagonismo do ser cabo-verdiano e do ser amazônico. São vozes poéticas de resistência, que estão a desconstruir as narrativas que foram plantadas sobre seus povos e suas culturas, como a “história única”, em que os povos foram vistos como seres sem cultura,

exóticos, selvagens, irracionais assim como a mulher não era vista como ser intelectual. Escritoras que, com literatura, estão a desconstruir essa verdade única que foi plantada.

São mulheres que escrevem suas histórias e memórias porque “muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada” (Adichie, 2019). São histórias e memórias expressas em suas poesias que são usadas para empoderar e humanizar ao resgatar os valores culturais e a dignidade desses povos e suas culturas. É ressignificar a literatura ao trazer outros saberes que foram postos à margem pelo ocidente, escritoras que fazem de sua literatura uma arma de combate a todo e qualquer tipo de discriminação dos saberes culturais, marginalizados pela cultura dominante.

Ao trazerem para a literatura a linguagem do povo cabo-verdiano e do povo amazônico, que é também brasileiro, estão a enfraquecer o colonialismo e, como reflete o pensador Santos (2023), estão a construir novos saberes contracoloniais, a lutar contra a colonialidade do saber, ao expressar outros saberes, histórias e memórias ao invés de uma “história única”, numa literatura contracolonial que expressa outras culturas e saberes existentes e que precisam ser conhecidos e valorizados na literatura. Por muito tempo, o olhar ocidental contou suas histórias, agora, chegou a vez desses povos através dessas escritoras contarem suas histórias, porque todas as “histórias importam”.

As escritoras, ao resgatar as memórias pessoais das ilhas e dos rios, são lembranças carregadas de cultura e dos lugares de pertencimento e são mulheres que estão a contar, em sua literatura, suas histórias pessoais, porque “contar a própria história é um ato político” (Cortezão, 2024, on-line). Compartilhar memórias é permitir que suas vivências e experiências sejam conhecidas, escrever e viver é “Escrevivência”. São as vivências presentes em suas memórias que as escritoras expressam em suas poesias. Mulheres que estão a contar suas memórias e histórias lutando contra o memoricídio dos seus corpos-vozes de resistência e dos seus povos.

No que tange a resistir para existir, as duas escritoras fazem de sua escrita um instrumento de luta e resistência, ao lutarem contra o patriarcado, feminicídio, sexismo e o machismo. Lutam em vida e em poesia ao reivindicarem o direito à liberdade e igualdade de seus corpos-vozes de resistência, ao expressarem a mulher como sujeito ativo que deseja, que sente e expressa prazer. São mulheres como sujeitos de suas histórias e vidas, e não, objetos de representação.

A pesquisa possibilitou ser uma ponte entre diferentes saberes, ao entrelaçar escritoras de diferentes contextos culturais e sociais, unindo a literatura produzida por mulheres de países pertencentes ao Sul Global e rompendo com as barreiras do tradicionalismo das pesquisas, aproximando literaturas pertencentes ao Sul/Sul e não ao Norte/Sul e possibilitando que outras formas de produção de conhecimentos sejam pesquisadas e conhecidas. Ao aproximar as temáticas presentes nas obras, como a imagem da água, a temática da memória, a linguagem, feminismo e erotismo, a pesquisa proporcionou o compartilhamento de diferentes saberes, vivências e experiências que cada escritora carrega em sua escrita através de sua identidade cultural. As culturas parecem estarem distantes, mas, como observamos, Cabo Verde é um pedaço brasileiro na África, afinal, somos um povo mestiço.

Criar diálogos entre os saberes, unir escritoras mulheres e aproximar culturas é navegar na contramão da colonialidade do saber, que se impõe como verdade única ao desvalorizar outros saberes culturais. A pesquisa, ao trazer o protagonismo dessas vozes poéticas, possibilita que os saberes que eram vistos como objetos de conhecimento, assim como a mulher era representada, se tornem sujeitos de suas histórias e literatura. Na literatura das escritoras, a mulher, o ser cabo-verdiano e o ser amazônico ganham voz e valorização, ao expressarem novas formas de ser e estar no mundo.

A pesquisa abre possibilidades de caminhar por outros caminhos como: explorar a relação entre Cabo Verde e o Brasil, já que a própria Vera Duarte, em seu livro *De Risos & Lágrimas* (2018), como analisado na pesquisa, traz essa relação de proximidade com o Brasil. A pesquisa abre possibilidades para a ampliação das escritoras brasileiras, amazonenses e cabo-verdianas, além proporcionar a ampliação das obras das escritoras e aprofundar os conceitos trabalhados ou outros conceitos não abordados, como os conceitos de corpo-território e de ecofeminismo, aprofundando, também, a temática da mulher. A pesquisa abre oportunidades para explorar a literatura produzida pelas escritoras vanguardistas e pelas escritoras contemporâneas, permitindo que as temáticas abordadas na pesquisa sejam aprofundadas em outras obras das escritoras. Por fim, este estudo provoca que mais caminhos se abram para as pesquisas Sul/Sul e que sejam tecidos diálogos entre as escritoras brasileiras e as escritoras cabo-verdianas.

REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Apresentação. *In*: GOMES, Simone Caputo. **Cabo Verde: literatura em chão de cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial; UNEMAT; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008, p. 9-12.

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Relações culturais entre os países de língua (oficial) portuguesa: pontos simbólicos. **Discursos**, v. 9, 1995.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Prefácio. *In*: SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ALVAREZ, Vânia Maria do S. Navegando para além das fronteiras da Amazônia: uma leitura do imaginário e da poética de Marta Cortezão. **Revista Falas Breves**, n.10, dezembro, 2021, Breves-PA. Disponível em: <https://www.falasbreves.ufpa.br/index.php/revista-falas-breves/article/view/231/0>. Acesso em: 15 jan. 2025.

AZEVEDO, Maria da Glória de Castro. O ethos amazônico e a poética de resistência/existência em poemas de Francis Mary, Astrid Cabral e Marta Cortezão. **Revista Porto das Letras**, Vol. 8, Número Especial, 2022 Crítica, Teoria e Ensaísmo Literário. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/14903>. Acesso em: 25 jan. 2025.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBOSA, Joaquim Onésio. **A mulher e a literatura na Amazônia Latitude**, Ensaios/Recentes 2021. Disponível em: <https://www.amazonialatitude.com/2021/03/09/mulher-e-literatura-na-amazonia/> Acesso em: 15 de jul. 2023.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRITO, Bárbara Benedita Mendes; Cortivo. Raquel Aparecida Dal; SANTANA, Saraiva Leoniza. Violeta Branca e Yolanda Morazzo Uma leitura comparada. **Revista Ensino de Ciências e Humanidades** Ano 4, Vol. VI, Número 1, Jan- Jun, 2020, p. 205-228. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/rech/article/view/7572>. Acesso em: 28 de abril de 2024.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CAMARGO, Patrícia. Amar o mar, as águas, os sonhos e outras formas de sentir na construção poética de Vera Duarte. **Revista África e Africanidades** - Ano I - n. 3 - Nov. 2008.

CAMPOS, L. M. D. As mulheres e as Letras: a escrita feminina nos jornais amazonenses nas primeiras décadas do século XX. **Revista Aedos**, [S. l.], v. 12, n. 27, p. 464–492, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/96489>. Acesso em: 07 jul. 2023.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada no mundo: questões e métodos**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

CARVALHAL, Tânia Franco. Literatura comparada: A estratégia interdisciplinar. **Revista Brasileira de Literatura comparada**. v1, nº1 1991. Disponível: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/1/1>. Acesso em: 18 de nov. 2024.

CASTRO, Fábio Fonseca de. A identidade denegada. Discutindo as representações e autorrepresentação dos caboclos da Amazônia. **Revista de antropologia**, São Paulo, USP, 2013 V56 nº2.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Sá da Costa, 1978.

CORDEIRO, Elcione Sousa da Silva. **O lugar da poesia de Violeta Branca na produção literária amazonense do século XX**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas – Programa de Pós-graduação Interdisciplinar) Universidade do Estado do Amazonas, Tefé, 2021.

CORTEZÃO, Marta. **Banzeiro Manso**. Gramado, RS: Porto de Lenha, 2017.

CORTEZÃO, Marta. No Compasso do "Banzeiro Manso": um passeio poético por Tefé Tupeba. Espanha: Canal Marta Cortezão BANZEIRO CONEXÕES, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wi4JTpteabA&t=133s>. Acesso em: 10 dez. 2024.

CORTEZÃO, Marta. **Amazonidades: gestas das águas**. Guaratinguetá, SP: Penalux, 2021.

CORTEZÃO, Marta. Entrevista. Canal Tribuna do Recôncavo. **MARTA CORTEZÃO FALOU SOBRE SEU LIVRO “MEU SILÊNCIO LAMBE TUA ORELHA”**. Brasil. Youtube, 19 de maio. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RJu87OuxUog>. Acesso em: 10 de jul. 2023

CORTEZÃO, Marta. Contar a própria história é um ato político, por Marta Cortezão. **Feminário Conexões**. 2024. Disponível em: <https://feminarioconexoes.blogspot.com/2024/08/contar-propria-historia-e-um-ato.html>. Acesso em: 10 fev. 2025.

COSTA, Helene Rosa da. Poéticas da Subversão: Pluriverso Amazônico e Exaltação do Feminino em Marta Cortezão. In: DIKMANN, Ivanio (Org.). **Rosa dos Ventos**. Veranópolis/RS: Diálogo Freiriano, 2024, p.173-186.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: para uma literatura menor**. Tradução e prefácio Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002. Capítulo 3: O que é uma literatura menor? págs. 38 a 56.

DUARTE, Vera. **O Arquipélago da Paixão**. Mindelo: Artletra, 2001.

DUARTE, Vera. **Amanhã amadrugada**. 2. ed. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008. 128 p.

DUARTE, Vera. **A palavra e os dias**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

DUARTE, Vera. Vera Duarte: retratos do cotidiano feminino. [Entrevista concedida] CORRÊA, Cláudia Maria Fernandes. PEREIRA, Érica Antunes. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 2, n. 2, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/revistaeducclings/article/view/6354/4375>. Acesso em 5 de agosto de 2024.

DUARTE, Vera. **De Risos & Lágrimas**. Praia: Pedro Cardoso, 2018a.

DUARTE, Vera. In: MAGALHÃES, Chissana. **Vera Duarte regressa à poesia com “De Risos e Lágrimas”**. Expresso das Ilhas. 31 de maio de 2018b. Disponível em: <https://expressodasilhas.cv/cultura/2018/05/31/vera-duarte-regressa-a-poesia-com-de-risos-e-lagrimas/58365>. Acesso em 31 maio de 2023.

DUARTE, Vera. Escritora Vera Duarte dedica novo livro de poesia a cabo-verdianos e brasileiros. **OILP**, 2018c. Disponível em: <https://iilp.wordpress.com/2018/05/29/escritora-vera-duarte-dedica-novo-livro-de-poesia-a-cabo-verdianos-e-brasileiros/>). Acesso em 23 de nov. de 2025.

DUARTE, Vera. Literatura e Música estão no DNA Cabo-verdiano. In: DIOGO, Rosália. **Revista Canjeré**. ano 3 - Edição 09 Maio 2018. Disponível em: <https://revistacanjere.com.br/literatura-e-musica-estao-no-dna-do-cabo-verdiano/>. Acesso em: 19 de out. 2023.

DUARTE, Vera. [Testemunho] A revolução de abril em Portugal e a proclamação da independência de Cabo Verde: testemunho de um percurso. **Abril – NEPA / UFF**, v. 12, n. 25, p. 163-176, 30 nov. 2020. Disponível: <https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/47012>. Acesso em: 8 de set. 2024.

DUARTE, Vera. In: **Poesia cabo-verdiana / Entrevista com Vera Duarte**. Brasil. Canal A voz literária - Histórias, vivências e livros, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_5mDzPV8IXY. Acesso em: 12 de jun. 2024.

DUARTE, Vera. [Entrevista]. O Grupo de Pesquisa UERJ-CNPq entrevista a escritora Vera Duarte. **SOLETRAS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN Faculdade de Formação de Professores da UERJ** Número 42 (jul.-dez. 2021). Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/62576/40784>. Acesso em: 20 de out. 2024.

DUARTE, Vera. In: CASTANHO, Victor. “Eu me recusei a ser vítima”, diz Vera Duarte, primeira mulher a seguir carreira na magistratura em Cabo Verde. **Cultura, Site Brasil**

247, 20 de agosto, 2021. Disponível em: <https://www.brasil247.com/cultura/eu-me-recusei-a-ser-vitima-diz-vera-duarte-primeira-mulher-a-seguir-carreira-na-magistratura-em-cabo-verde> Acesso em: 8 de agosto. 24.

DUARTE, Vera. **Amanhã amadrugada**. Belo Horizonte: Nandyala, 2023.

DUVIGNAUD, Jean. Prefácio. *In*: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Traduzido do original francês por Laurent Léon Schaffter. 2a ed. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais. 1990.

EVARISTO, Conceição. ÁFRICA: ÂNCORA DOS NAVIOS DE NOSSA MEMÓRIA. **Via Atlântica**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 159–166, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/51689>. Acesso em: 15 ago. 2024.

EVARISTO, Conceição. [Entrevista]. Conceição Evaristo. Brasil: Canal Tv Revista CULT, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dGwr-en9SRI&t=6s>. Acesso em: 10 fev. 2025.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima. Nunes, Isabella Rosado. **Escrivência: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de José Laurênio de Melo. Editora Civilização Brasileira S. A. Rio de Janeiro, 1968.

FILHO, João Lopes. Mestiçagem, emigração e mudança em Cabo Verde. **África**, [S. l.], n. 29-30, p. 129–140, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/96111>. Acesso em: 14 nov. 2024.

FONSECA, Thaila Bastos da. **NARRATIVAS AMAZÔNICAS**: Representações do Mito do Boto nas Narrativas dos Moradores Antigos da Comunidade da Missão Tefé-Amazonas. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas – Programa de Pós-graduação Interdisciplinar) Universidade do Estado do Amazonas, Tefé, 2019.

GOMES, Simone Caputo. **Cabo Verde**: literatura em chão de cultura. Cotia, São Paulo; Ateliê Editorial: Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008.

GOMES, Simone Caputo. A poesia feminina Cabo-Verdiana vive: Resistindo à persistência de um cânone de perspectiva masculina. *In*: **Mulemba**, Rio de Janeiro: UFRJ. número 21, volume 11, p. 73-89, julho de 2019. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/31265> Acesso em 5 de dez. 2023.

GOMES, Simone Caputo. A ESCRITA LITERÁRIA DE DINA SALÚSTIO E VERA DUARTE: RESISTINDO À PERSISTÊNCIA DE UM CÂNONE DE PERSPECTIVA MASCULINA. **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão-SE, v. 32, n. 1, p. 227–242, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/12885>. Acesso em: 24 jun. 2024.

GOMES, Simone Caputo. Posfácio. *In*: **Amanhã amadrugada**. Belo Horizonte: Nandyala, 2023.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Traduzido do original francês por Laurent Léon Schaffter. 2a ed. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais. 1990.

HALL, Stuart. **Identidade cultural da pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 26 reimpressões. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LEITE, Ana Mafalda. Prefácio *In*: Duarte, Vera. **De Risos & Lágrimas**. Praia: Pedro Cardoso, 2018.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: CEJUSP, 1995. (Cap. I, pag. 59-120)

MADEIRA, João Paulo Carvalho e Branco. **Nação e Identidade: A singularidade de Cabo Verde**. Tese de Doutorado, Lisboa, 2015. Disponível em repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10400.5/12823/1/Nação%20e%20Identidade%20-%20A%20Singularidade%20de%20Cabo%20Verde.pdf. Acesso: 23 de jan. de 2025.

MELO, Isaac. Deslizando águas: Da poética Tupeba. *In*: Cortezão, Marta. **Amazonidades: gestas das águas**. Guaratinguetá, SP: Penalux, 2021.

MOISÉS, Perrone Leyla. Literatura comparada, intertexto e antropofagia. *In*: **Flores da escrivantina**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MORIN, Edgar. **Para um pensamento do sul: diálogos com Edgar Morin**. — Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2011.

PAZ, Octavio. **A chama dupla: amor e erotismo**. Trad: Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

PEREIRA, Daniel A. **Das relações históricas Cabo Verde – Brasil**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M.S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PINHEIRO, E. V.; OLIVEIRA, R. do P. S. B. de. A VOZ POÉTICA FEMININA DE VERA DUARTE: A PAIXÃODA MULHER EM DESEJOS. **Revista Decifrar**, Manaus, v. 3, n. 5, p. 55, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/Decifrar/article/view/1077/968> Acesso em: 05 de jan. 2025.

QUIJANO, Aníbal. "Colonialidad y Modernidad-racionalidad". *In*: BONILLO, Heraclio (comp.). **Los conquistados**. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992, pp. 437-449. Tradução de wanderson flor do nascimento.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Brisa. Somos todos Antígona? *In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)*, Florianópolis, 2017. Disponível em: https://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499481067_ARQUIV_O_Somostodasantigona-artigoFazendogenero07.07.173.pdf. Acesso em: 06 de dez de 2024.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAHLINS, Marshall. **O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção**. *Mana* vol. 3 n.1 Rio de Janeiro. Apr. 1997.

SALÚSTIO, Dina. Escritas do corpo feminino. *In: SALGADO. Maria Teresa et. al. Escritas do corpo feminino: perspectivas, debates, testemunhos*. Oficina Raquel. Ebook. 2018.

SALÚSTIO, Dina. Condição de Ilhéu. *In: O ilhéu de Cabo Verde / coord. [de] Corsino Tolentino. [et al.]*. – Lisboa : Universidade Católica Editora, 2019. – 400 p. Disponível em: <https://openbooks.ucp.pt/ucp/catalog/view/183/325/2387>. Acesso em: 31 de jan. 2025.

SANTIAGO, Socorro. **Uma poética das águas**. Manaus, Edições Puxirum, 1986.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo Ubu Editora, 2023.

SANTOS, José Benedito dos. **Emergência da escrita de mulheres na literatura amazonense contemporânea (2007-2018)**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade de Brasília – UNB, Brasília, 2024.

SARTRE, Jean Paul. Prefácio. *In: FANON, Frantz. Os condenados da terra*. Tradução de José Laurênio de Melo. Editora Civilização Brasileira S. A. Rio de Janeiro, 1968.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. Sob a égide de Antígona: a dimensão trágica do lirismo caboverdiano de Vera Duarte. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 8, n. 15, p. 215–225, 2004. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/article/view/12581>. Acesso em: 15 jul. de 2024.

SECCO, Carmem Lucia Tindó Ribeiro. **Mar, memória e metapoesia na lírica caboverdiana**. 10 fevereiro 2022. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/literaflicas/literatura-cabo-verdiana/1560-carmen-lucia-tindo-secco-mar-memoria-e-metapoesia-na-lirica-cabo-verdiana> Acesso em: 10 de jan. de 2024.

SECCO, Carmem Lucia Tindó Ribeiro. **Sob a Égide de Antígona: a dimensão trágica do lirismo de Vera Duarte em O Arquipélago da paixão**. 2022 Disponível: http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/Sob_a_gide_de_Antgona_a_dimens_o_trgica_do_lirismo_de_Vera_Duarte_em_O_Arquiplago_da_paixo.pdf. Acesso em: mar. de 2024.

SEPÚLVEDA, Maria do Carmo. Poesia multifacetada no espelho cabo-verdiano. *In*: DUARTE, Vera. **Amanhã amadrugada**. 2 ed. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TORRES, Iraíldes Caldas. 2005. **As novas amazônidas**. Manaus: EDUA.

TORRES, Iraíldes Caldas. **A formação Social da Amazônia Sob a Perspectiva de Gênero**. Florianópolis (2008). Disponível em: https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST19/Iraíldes_Caldas_Torres_19.pdf. Acesso em: jul. 2024.

TORRES, Iraíldes Caldas. Gênero e meio ambiente na amazônia. *In*: **Leituras de resistência: corpo, violência e poder** / Carmen Susana Tornquist. [et al/]. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009. Disponível em: <https://ieg.ufsc.br/public/storage/ebooks/October2020/10102014-025218leiturasvol2.pdf>. Acesso em: 18 de dez. 2024.

VEIGA, Manuel. **Cabo Verde: Insularidade e literatura**. Paris: Édition Karthala, 1998.

VEIGA, Manuel. Metáforas do mar e do crioulo, do milho e da morna na idiossincrasia do ilhéu caboverdiano. *In*: TOLENTINO, [et al]. **O ilhéu de Cabo Verde**. Lisboa: Universidade católica editora, 2019.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro S/A, 1991.